

Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro

**A Mundividência Infantil na Obra de Guerra  
Junqueiro**

Tese de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas



**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**

**2002**

## **Resumo:**

O nosso trabalho de dissertação é um merecido tributo de homenagem a alguém que, pelo valor da sua obra literária, merece ser considerado um dos mais proeminentes escritores portugueses da segunda metade do século XIX, princípios do XX: Abílio Manuel Guerra Junqueiro.

Espírito livre e indómito, este homem, transmontano, por nascimento, e cidadão do mundo, por natureza, ergueu sempre a sua voz para falar por e defender aqueles que não a tinham, os simples: crianças e povo.

Paladino da defesa da instrução e da educação na infância como panaceia dos males estruturais de que Portugal padecia, ele fez da sua obra, uma arma de arremesso que usou, habilmente, contra a ignorância, a opressão e o abandono dos mais pequeninos e é precisamente esta faceta da sua criação literária que o nosso trabalho pretende evidenciar.

Visamos, com o presente estudo, atingir quatro objectivos fundamentais: primeiro, reflectir sobre aspectos que consideramos essenciais a ter em conta na apreciação de qualquer obra literária, tais como: a institucionalização da Literatura, o texto literário como cosmovisão, o Cânone literário e a questão da Ideologia; segundo, apresentar os aspectos mais relevantes da bio-bibliografia de Junqueiro; terceiro, estudar as principais temáticas presentes na sua produção escrita, particularmente a relativa à Criança e, por último, queremos mostrar como um determinado período histórico português, o Estado Novo, fez o aproveitamento da obra junqueiriana.

As conclusões possíveis a que chegarmos serão apresentadas num último capítulo do presente trabalho.

## **Abstract:**

The present dissertation work is a tribute to Guerra Junqueiro, one of the best Portuguese writers of the second half of the 19<sup>th</sup> century, beginning of the 20<sup>th</sup>, a brave man who patriotically raised his voice against ignorance, oppression and the structural retard that marked the life of Portuguese people those days.

Junqueiro firmly defended the integration of his homeland in a civilized Europe, considering education to be a fundamental issue in rising up ideologically engaged and socially compromised generations.

As the main theme of our dissertation we chose to study writer's concerns about Portuguese children and the perspectives of childhood that he presents in his literary production.

With the present study we aim to achieve four main goals: firstly, to reflect upon theoretical conceptions related to literature as an institution, canon theory and emergent practice; secondly, to present the most important facts related to Junqueiro's bio-bibliography; thirdly, the focus of our work: to present a research of the main themes and subjects which exist in his literary production, and in particular the treatment of childhood; and, finally, to show how the political period known as "Estado Novo" treated Junqueiro's writings.

The possible conclusions will be presented in the last chapter of our investigation.

*A meus filhos:  
Daniel e Matilde*

## **Agradecimentos:**

Nesta ocasião não poderia deixar de agradecer, reconhecidamente, a algumas pessoas, sem cujo contributo a realização desta dissertação não teria sido possível:

À minha orientadora, Professora Doutora Henriqueta Gonçalves, pela sua permanente disponibilidade e orientação cuidada.

Aos meus pais, pelas muitas horas de ajuda e apoio e pelo incentivo constante.

Ao meu marido, pela paciência e pelo tempo dedicados a esta minha causa.

À instituição de Ensino onde trabalho, Escola Superior de Educação de Bragança, nas figuras da Representante do Departamento de Português e do Conselho Directivo, que sempre me prestaram todo o apoio possível, encorajando-me permanentemente na consecução deste meu objectivo.

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I - A Problemática da Institucionalização Literária</b> .....	5
1.1. Será possível considerar a Literatura como uma Instituição? .....	5
1.2. Conceito e evolução da Prática Literária .....	14
1.3. O Problema do Cânone e a questão da Ideologia .....	25
1.4. Cosmovisão e Ideologia .....	36
<b>Capítulo II – Guerra Junqueiro – a sua obra e o seu tempo</b>	
1.1. Guerra Junqueiro e o Momento vivido .....	44
1.2. A obra de Guerra Junqueiro .....	51
1.2.1. Dispersão por Modos e Géneros literários .....	51
1.2.2. Autonomia em Relação a Escolas e Períodos Literários .....	64
<b>Capítulo III - Tematização</b>	
1. Incidências temáticas na obra de Guerra Junqueiro .....	77
1.1. A criança e os progenitores .....	91
1.2. A criança e a sociedade .....	97
1.3. A criança e a escola .....	107
1.4.- A Criança e a Natureza .....	119
1.5. A Criança e o Transcendental .....	130
1.6. A Criança e a Literatura .....	138
<b>Capítulo IV – Guerra Junqueiro nos Manuais Escolares</b>	
1. Guerra Junqueiro no contexto Curricular do Ensino Primário na década de 50 ..	144
1. 1. Educação/ Escola/ Sociedade/ Currículo .....	144

1.2. Reflexões sobre o Ensino no Estado Novo .....	147
1.3. Abordagem Reflexiva sobre a problemática do Livro Único .....	148
1.4. Análise dos Textos de Guerra Junqueiro presentes nos compêndios escolares da década de 50 .....	150
1. 5. Conclusões .....	155
<b>Conclusão</b> .....	157
Bibliografia Activa .....	161
Bibliografia Passiva .....	165

## **Introdução:**

No primeiro ano da frequência do Curso de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, a cadeira de Teoria da Literatura lançava-nos o desafio de investigar sobre a obra de um dos escritores da nossa eleição, Abílio Manuel Guerra Junqueiro. Escolhemos trabalhar a miscigenação modal existente em *Os Simples*, aquela que, para nós, é a sua obra mais emblemática, quer pela beleza estética das suas páginas e mensagem que o leitor capta do conjunto dos seus textos, quer pela sua perfeição formal.

Este foi o mote. A partir de então, começou a delinear-se e a tomar consistência o assunto do nosso trabalho de dissertação. Competia-nos impedir que a voragem do tempo e o aparecimento de novos escritores relegassem para o esquecimento um dos maiores nomes da literatura portuguesa da segunda metade do século XIX e princípios do século XX, um dos *Vencidos da Vida*, enfim, uma das vozes que se levantou patrioticamente contra a opressão monárquica e o atraso estrutural de que Portugal sofria, a todos os níveis.

Junqueiro defendeu denodadamente a integração da sua pátria no seio de uma Europa civilizada e culta e para tal considerou ser essencial apostar na área da educação, um sector básico na formação de gerações ideologicamente válidas e socialmente empenhadas. São estes aspectos menos conhecidos do escritor, a sua preocupação com as gerações mais novas e a perspectivação da infância apresentada na sua obra literária, que foram definidos como o principal objecto de estudo da nossa investigação.

São quatro os objectivos que perseguimos com o presente estudo e que se reflectem numa estrutura dividida em quatro partes: o primeiro capítulo, de natureza teórica, será dedicado a reflexões que se prendem com o conceito de institucionalização literária, a obra literária como cosmovisão, as questões da ideologia e do cânone literário; o segundo e terceiro capítulos serão o cerne do nosso trabalho, pois constituem a sua parte prática, e neles pretendemos,

respectivamente, traçar a bio-bibliografia do autor em estudo e fazer o levantamento temático-ideológico da sua obra e a divisão sub-temática do tema que nos propusemos tratar, a **Criança**. No quarto capítulo, reflectiremos sobre a presença de Guerra Junqueiro no contexto curricular do Ensino Primário na década de 1950. Delimitámos este período temporal porque pretendíamos saber o modo como o regime político que vigorava nesta época fez o aproveitamento da obra literária junqueiriana. Não foi a obra de Junqueiro considerada uma das mais complexas de sempre, suscitando polémicas e rancores pelo que apresenta de agitadora e iconoclasta? Então porque foi a sua presença uma constante nos livros únicos de um período político-social tão rígido como o Estado Novo?

As conclusões possíveis serão sistematizadas na parte final do nosso trabalho.

## Capítulo I –A Problemática da Institucionalização Literária

### 1.1- Será possível considerar a Literatura como uma Instituição?

Antes de ensaiar considerar tentativas de resposta à questão que nos colocamos, julgamos pertinente apresentar o significado que corresponde ao termo instituição. Com origem na palavra latina “institutione”<sup>1</sup>, teve o significado inicial de “exposição” ou “arranjo” para, em momento ulterior, passar a significar “formação, instrução, método ou sistema doutrinário”<sup>2</sup>, significado este que ainda hoje lhe atribuímos.

Remontando atrás na história, já Platão, um dos primeiros autores a debruçar-se sobre literatura e criação literária, concebia esta actividade criadora como algo que se justificava somente em função da sua utilidade para a sociedade envolvente. É deste aspecto prático de utilidade pública que advém o carácter institucional da literatura.

Num diálogo de *A República*, a propósito da educação dos guardiões – os garantes da liberdade do estado - o autor afirma que na base da formação humana estão: a educação antiga, a música e a ginástica, sublinhando o papel e importância da literatura. Platão destaca a relevância da literatura na formação do carácter humano, sublinhando o cuidado que se deve ter nas primeiras leituras proporcionadas às crianças, uma vez que é na infância que se moldam os caracteres íntegros. A este propósito afirma:

“- Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas e seleccionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as amas e mães a

---

<sup>1</sup> MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987, p.307.

<sup>2</sup> MACHADO, José Pedro, *op. cit.*, p. 307.

contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado.”<sup>3</sup>

Ainda a propósito do carácter formativo e pedagógico da literatura que funciona como uma verdadeira instituição formativa de cidadãos, Platão acrescentará mais à frente:

“- Se queremos que os futuros guardiões da nossa cidade considerem uma grande vileza odiarem-se uns aos outros por pouca coisa. Não se lhe devem contar ou retratar lutas de gigantes ou outras inimizades múltiplas e variadas [...] Por causa disso, talvez é que devemos procurar acima de tudo que as primeiras histórias que ouvirem sejam compostas com a maior nobreza possível, orientadas no sentido da virtude”.<sup>4</sup>

A literatura será também reconhecida e revalorizada como instituição no século XIX, num momento histórico que é já de aprofundamento e especialização de saberes e também de uma autonomização relativa do escritor.

É também nesta época que surge o termo intelectual pela primeira vez, designando aqueles que cultivavam qualquer género literário ou científico. Segundo Inman Fox<sup>5</sup>, os intelectuais do século XIX eram pensadores que reflectiam na literatura a sua ideologia e crenças e mantinham, por norma, uma atitude de oposição face à ordem sócio-política estabelecida, ou seja, assumiam uma atitude de diferença relativamente ao poder político e social do seu país.<sup>6</sup>

No século XIX, parte da intelectualidade portuguesa começa a dar sinais públicos de inquietação, apontando a incapacidade dos

---

<sup>3</sup> PLATÃO, *A República*, 8ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, p.87.

<sup>4</sup> PLATÃO, *A República*, 8ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, pp.87-89.

<sup>5</sup> FOX; E: Inman, *Ideologia y Política en las Letras de Fin de Siglo*, Madrid, Espasa-Calpe, S:A, 1988, p. 13.

<sup>6</sup> Exemplo crescente dos intelectuais, particularmente daqueles ligados à literatura, é o caso do grupo que viria a auto-denominar-se "Os Vencidos da Vida".

governantes e do próprio rei para a busca de providências capazes de minorar as gravíssimas dificuldades que então Portugal defrontava: o baixo nível económico e cultural da maior parte da população, a elevadíssima taxa de analfabetismo, a exploração da classe trabalhadora e a ostentação de riqueza dos poderosos.

Este conjunto de intelectuais (Antero de Quental, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Germano Meireles, Salomão Saragga, entre outros) levou a cabo uma série de conferências, as “Conferências do Casino Lisbonense”. O principal objectivo de um dos seus promotores, Eça de Queirós, e dos outros participantes, era promover um debate de ideias que agitasse a sociedade portuguesa, fazendo a apologia do carácter profiláctico e pedagógico da literatura, tendo utilidade prática na morigeração dos hábitos e costumes dessa mesma sociedade.

As conferências, cuja periodicidade rondava uma por semana, foram mandadas encerrar, por ordem governamental, quando se ia dar início à sexta sessão. Este facto é bem exemplificativo do peso institucional da literatura e dos intelectuais portugueses nesta época histórica, marcando o início de uma época de revolta contra as instituições monárquicas, revolta que se prolongou pelos anos seguintes, culminando com a queda da monarquia, trinta e cinco anos mais tarde.

Neste movimento de luta e oposição ao poder monárquico tiveram grande importância os escritores e a literatura por eles produzida, destacando-se também Guerra Junqueiro, pelo seu verbo combativo e interventivo. Face à prepotência e inoperância do poder político, este intelectual desperta consciências e motiva tomadas de posição, através da sua inflamada veia literária.

Com efeito, no século XIX, especialmente durante o período literário do Realismo, o escritor assume uma posição claramente anti-idealista, fazendo da literatura um instrumento de análise de tipos e situações sociais que exigem reforma: confere-se à literatura a importância de uma verdadeira instituição.

Esta situação vem ao encontro do pensamento do escritor Jean-Paul Sartre que perspectiva o escritor como um “intelectual militante, detentor de um objecto, a palavra literária, capaz de traduzir situações sociais que importa denunciar”<sup>7</sup>.

Na sequência do que foi exposto, é pertinente lembrar as palavras de Carlos Reis acerca da dimensão sócio-cultural da literatura como um dos factores que validam o seu carácter institucional. A este propósito afirma: “A literatura envolve uma dimensão sócio-cultural, decorrente da importância que ao longo dos tempos tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência colectiva dessas sociedades”<sup>8</sup>.

Além desta dimensão sócio-cultural, Carlos Reis defende ainda ser possível “surpreender uma dimensão histórica da literatura que a leva a acentuar a sua capacidade para expressar o devir da história e do homem.”<sup>9</sup>. Desta forma, o texto para ser lido de modo completo tem de ser colocado em situação no seu contexto histórico-cultural.

Nesta linha ideológica está Julia Kristeva, quando afirma: “Le texte donc est doublement orienté : vers le système signifiant dans lequel il se produit (la langue et le langage d’une époque et d’une société précise) et vers le processus social auquel il participe en tant que discours”<sup>10</sup>.

Numa das muitas conferências que proferiu, também o escritor inglês T.S. Elliot sustentara que o uso consciente e deliberado da literatura, nomeadamente da poesia, com intuítos sociais remontava às primitivas celebrações religiosas, às runas e aos cânticos sagrados, modelados pelo ritmo das palavras que, uma vez memorizadas, serviam de instrumento precioso para transmissão oral dos

---

<sup>7</sup> SARTRE, Jean Paul, *Qu’est-ce que la littérature ?*, Paris, P.U.F., 1980, p. 43.

<sup>8</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, p. 24.

<sup>9</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 24.

<sup>10</sup> KRISTEVA, Julia, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 12.

conhecimentos e no relato épico de eventos passados que interessava perpetuar no seio da comunidade.<sup>11</sup>

O acto de criação literária requer uma transformação no modo usual do conhecimento humano e é também esse aspecto que confere ao escritor e à sua produção uma importância institucional. A este respeito, Schopenhauer considera que a escrita proporciona uma transformação interior. O escritor transcende-se, deixando de se afirmar como sujeito individual que percepção o mundo de forma necessariamente limitada e o deseja de modo fragmentado e limitado à estreita representação que dele tem, para se elevar, pelo acto de criação, à condição de sujeito puro de conhecimento.<sup>12</sup>

Quando se refere o carácter institucional da literatura, de imediato se remete para práticas e indivíduos que asseguram ao fenómeno da literatura a sua função de estabilidade pública, o que não quer dizer que este estatuto seja sempre aceite pelos escritores, de forma pacífica e assumida.

Segundo Kristeva, existem dois aspectos que se reflectem no conceito de instituição literária: por um lado, o facto de a literatura se inserir num código que consiste em transpor uma experiência onírica ou real para a escrita, a partir de um certo número de imposições, por outro lado, a existência de um conjunto de elementos que consagram a experiência literária e lhe dão possibilidade de chegar ao público: as revistas, os júris e eventualmente as universidades.<sup>13</sup>

Nesta mesma linha de ideias, Carlos Reis afirma: “a par das academias e dos prémios literários é possível ainda reconhecer a outras entidades e manifestações uma certa capacidade institucional da literatura. Acontece assim com a crítica literária”.<sup>14</sup> Ainda nesta mesma obra, em momento ulterior, o autor acrescentará a respeito

---

<sup>11</sup> Cf. ELLIOT, T.S, *On Poetry and Poets*, London, Boston, Faber, 1979, p. 6.

<sup>12</sup> SCHOPENHAUER, Arthur, *Le Monde comme Volonté et Réprésentation*, Paris, P.U.F.,1984, pp. 230-231.

<sup>13</sup> Cf. KRISTEVA, Julia, *Cahiers de Recherches*, 13, Paris, Éditions du Seuil, 1984, pp. 34-44.

<sup>14</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, p. 32.

deste assunto: “Os sistemas de ensino, os seus agentes e os instrumentos pedagógicos de que dispõem tendem também a converter-se em instâncias de validação institucional da literatura”.<sup>15</sup>

Para a situação a que Carlos Reis faz referência contribuem dois factores de primordial importância: por um lado, a escolaridade obrigatória (alargada nos últimos anos ao 9º ano) que cria expectativas de integração cultural, em que a leitura ocupa papel de destaque. Por outro lado, a essa escolaridade obrigatória associa-se uma preocupação considerável com o ensino da língua materna numa perspectiva pragmática e ideológico-cultural. Com efeito, o ensino da língua na escola apoia-se em textos considerados linguisticamente normativos que são representativos da identidade cultural e ideológica que o sistema de ensino pretende apurar e aprofundar nos cidadãos.

O valor ideológico-cultural das obras literárias mede e avalia o seu poder social na época em que foram escritas e prova o carácter afirmativo da questão que inicialmente nos colocávamos. Na verdade, desde sempre a literatura teve um estatuto institucional de afirmação e consolidação de valores socialmente determinantes. A ilustrar esta afirmação, lembremos as palavras de Paul Lauter:

“To miss the politically stabilizing force of Shakespeare histories and tragedies, for example, is to miss precisely what allowed his wide popularity [...] it raises the fundamental problem of how the organization of Knowledge and study promotes particular social and political interests”.<sup>16</sup>

Este pensamento do autor norte-americano é perfeitamente aplicável à história da literatura portuguesa e, nomeadamente, à segunda metade do século XIX, época particularmente propícia à

---

<sup>15</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 32.

<sup>16</sup> LAUTER, Paul, *Canons and Contexts*, New York, Oxford University Press, 1991, p. 121.

afirmação de uma autonomia ideológica do fenómeno literário no tocante à sociedade de então.

Como vimos, em momento anterior, esta reacção surgiu num contexto histórico em que os escritores consideravam que a arte se estava a aburguesar e se explorava a sua utilidade e valor comercial. Os criadores literários radicalizaram a sua atitude, ao ponto de defender que a literatura devia ter sempre subjacente uma função social, profiláctica e correctiva.

É, pois, inegável de um ponto de vista ideológico que o escritor admite que é cultural e socialmente responsável, assumindo o dever de intervir na sociedade em que se insere, validando-se, deste modo, o carácter institucional da literatura.

Todas as obras literárias têm um papel bem definido nas épocas históricas em que são escritas, reflectindo inevitavelmente os mais variados contextos sociais, económicos e culturais ao longo do devir histórico humano. Ecoando as palavras de Paul Lauter, "any arrangement which systematically separates texts from the historical contexts in which they are embedded, arrests our capacity to read them".<sup>17</sup>

Embora muitos dos textos literários, que hoje conhecemos como tais, tenham emergido de uma cultura dominante, a sua ideologia também pode ser resultado de convicções ideológico-culturais mais difusamente impregnadas nas sociedades que os viram nascer. Parafraseando Jacinto do Prado Coelho: "O texto para ser pertinentemente lido tem de ser colocado em situação, no seu contexto histórico-cultural".<sup>18</sup>

Na esteira do que foi anteriormente dito, Carlos Reis afirma que "À literatura que se reclama de uma vocação sócio-cultural poderá caber a missão de trazer o homem/escritor [...] e em segunda instância

---

<sup>17</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p.120.

<sup>18</sup> COELHO, Jacinto do Prado, « Conceito e Fronteiras do Literário », in *Colóquio Letras*, nº80, p. 25.

o leitor, de volta ao conhecimento da realidade ideológico-social que é a sua”.<sup>19</sup>

Por norma, as obras literárias assumem um significado histórico-cultural directamente relacionado com a sua capacidade dialógica com a história, cultura e sociedade que as envolvem e motivam, ainda que de forma indirecta.

Aquele que escreve é uma entidade social de primeiro plano, sendo o principal responsável por conferir um carácter institucional à literatura, já pela importância cultural que lhe cabe, já pelos deveres que lhe podem ser imputados.

Naturalmente que com esta afirmação nos referimos a um cenário resultante sobretudo das alterações sócio-culturais que caracterizaram a passagem do século XVIII para o XIX, em que liberdade de expressão e direito de propriedade assumiram grande importância.

Lembremos, uma vez mais, Carlos Reis:

“É no plano concreto, histórico e social da sua existência que o escritor chega a manifestar um certo ascendente na comunidade em que se encontra [...] o que lhe permite muitas vezes interferir em esferas da vida pública (por exemplo da vida política), em princípio distintas da sua actividade literária”<sup>20</sup>

Recordemos, a este propósito, mais uma vez, o século XIX português e a Geração de Setenta. Foi através da sua posição pública sobre a falta de rumo cultural que Portugal estava a seguir, manifestada nas Conferências do Casino, e a sua literatura de cariz interventivo, que os escritores começaram a interferir na vida política e social da época, agitando consciências e provocando reacções.

---

<sup>19</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 32.

<sup>20</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 55.

Ainda relativamente ao estatuto e importância histórico-cultural do escritor, afirma García Berrio:

“Fenómenos históricos como el del prestigio de los literatos en cuanto hablantes individuales experimentadores y custódios de la pureza y de las revoluciones en la lengua, estan bien documentados [...]”La idea del gran artista como observador de las corrientes creativas generales [...] no es incompatible con la del rasgo de innovación concreta, forzosamente individual”.<sup>21</sup>

Em jeito de conclusão, diremos que todo o acto de criação linguística que tem a sua concretização no texto literário é produto de uma transferência individual operada por um criador concreto num momento histórico determinado, havendo uma espécie de rompimento ou distanciação com o acto dito normal ou standard da língua comunicativa. É também este último aspecto que contribui para conferir à literatura o seu carácter institucional.

---

<sup>21</sup> BERRIO, Antonio García, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Ediciones Catedra S.A., 1989, p. 68.

## 1.2 - Conceito e evolução da Prática Literária

A especificidade da obra de arte literária, artefacto estético cuja matéria-prima é a palavra, faz levantar questões essenciais acerca da sua origem, natureza e finalidade, acerca da sua criação e recepção, da sua perenidade e dos seus limites.

Procuraremos apresentar, neste segundo ponto do nosso trabalho, a forma como tem sido perspectivado o texto literário, desde tempos passados até um momento actual, e quais os critérios para o estabelecimento de fronteiras entre o literário e o não literário.

O lexema *litteratura* corresponde à evolução do termo latino “*litteratura*”, que deriva do radical “*littera*”. Este radical tem o significado de “letra ou carácter alfabético”<sup>22</sup>, significando *litteratura* “saber relativo à arte de ler e escrever, instrução e erudição”<sup>23</sup>.

Recuando à antiguidade clássica, Platão defendia, na sua obra *A República*, que havia dois tipos de texto claramente distintos: os verdadeiros e os falsos, a que podemos perfeitamente fazer corresponderem as noções de literários e não literários: “Há duas espécies de literatura, uma verdadeira e outra falsa [...] As maiores (obras literárias) são as que nos contaram Hesíodo e Homero”<sup>24</sup>.

Relativamente às características identificativas do texto literário, este autor enuncia-as, quando diz:

“- Aquilo que se deve censurar antes e acima de tudo [...] é sobretudo a mentira sem nobreza [...] - É o que acontece quando alguém delinea erradamente uma obra literária, a maneira de ser de deuses e heróis, tal como o pintor quando faz um desenho que nada se parece com as coisas que quer retratar”<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> MACHADO, José Pedro, *op. cit.*, p. 430.

<sup>23</sup> MACHADO, José Pedro, *op. cit.*, p. 430.

<sup>24</sup> PLATÃO, *A República*, Lisboa, 8ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, p.87.

<sup>25</sup> PLATÃO, *op. cit.*, p. 87.

Platão coloca o factor verosimilhança como o requisito essencial que identifica o texto literário.

Passando a alguns autores cristãos, como Tertuliano, Cassiano e S. Jerónimo, falar em “litteratura” era sinónimo de referir um conjunto de textos seculares e pagãos, que se contrapunham a “scriptura”, termo que, por oposição, designava um conjunto de textos sagrados.

Até ao século XVIII, o conteúdo semântico do termo literatura foi idêntico ao do seu étimo latino. A literatura designava, em regra, o saber e a ciência em geral. Nas palavras de Vítor Aguiar e Silva “O adjectivo literário referia-se, assim, a tudo quanto dissesse respeito às ciências e às artes em geral”.<sup>26</sup>

A partir deste século, há uma transformação substancial no significado atribuído ao termo literatura. Ao invés de designar exclusivamente um corpus textual, passou a significar também o conjunto da produção literária própria de cada país, “cada país possuiria uma literatura com caracteres próprios, uma literatura que seria expressão do espírito nacional de cada nação”<sup>27</sup>, com as suas idiossincrasias específicas.

Foi ainda na segunda metade do século XVIII que o termo literatura adquiriu os significados especiais que ainda hoje o caracterizam: “uma arte particular, uma específica categoria de criação artística e um conjunto de textos resultantes desta actividade criadora”.<sup>28</sup>

Esta importância que a literatura foi progressivamente assumindo prende-se com alguns grandes fenómenos do foro cultural e sociológico ocorridos, tais como o alargamento do público leitor, motivado, sobretudo, pela ascensão da burguesia e sua aproximação das esferas culturais. Este facto originou um substancial

---

<sup>26</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1991, p. 2.

<sup>27</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 7.

<sup>28</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 9.

desenvolvimento na produção e comércio livreiro e na proliferação de instituições públicas (bibliotecas) que possibilitaram e promoveram a literatura.

No século XIX (durante o Positivismo) aceitava-se como literatura todas as obras manuscritas ou impressas, desde que representassem a civilização, costumes e pensamento de qualquer época e qualquer povo, independentemente de possuírem, ou não, elementos de ordem estética.

O século XX é uma época verdadeiramente marcante na redefinição do conceito de literatura e no estabelecimento de fronteiras entre o literário e o não literário, pois é na primeira metade deste século que surgem três dos mais influentes movimentos de teoria e crítica literárias: o Formalismo russo, o New-Criticism anglo-americano e a Estilística francesa, que têm em comum estabelecer com rigor um conceito de literatura enquanto fenómeno estético específico, defendendo que todos os textos literários possuem características próprias que os distinguem inextricavelmente dos textos não literários.

Segundo o crítico literário Paul Lauter, a estes movimentos se deve, em boa parte, a concepção actual que temos de literatura:

“our views of literary excellence derive largely from criticism of recent vintage, for only in the 1920s and 1930s was the professional focus on text and structure developed. Such formalist criticism emphasized as the poetic virtues: complexity, irony, emotion restraint, and verbal sophistication”.<sup>29</sup>

Um dos autores que mais se distinguiu nesta época foi Roman Jakobson, por isso nos deteremos sobre ele com maior detalhe.

Jakobson, para designar a especificidade da literatura, criou, num dos seus primeiros estudos, o vocábulo “literaturnost”, isto é,

---

<sup>29</sup> LAUTER, Paul, *Canons and Contexts*, New York , Oxford University Press, 1991, p.104.

literariedade, definindo-a como sendo algo absolutamente específico da obra de arte literária e caracterizando-a como sendo um conjunto bem definido de propriedades textuais.<sup>30</sup>

Este teórico da literatura é, porventura, um dos mais representativos do pensamento formalista, que defendia o princípio de os textos literários possuírem características estruturais peculiares que os diferenciariam, inequivocamente, dos textos não literários, acreditando daí proceder uma definição legítima de literatura. Assim, o objecto da literatura torna-se, para os formalistas, já não a literatura em si, mas sim a literariedade, isto é, o que faz do texto, um texto literário.

Das últimas décadas a esta parte, os investigadores, críticos e teóricos da literatura contrapõem sérias reservas às convicções anteriormente apresentadas. A ilustrar esta afirmação ficam as palavras de Antonio García Berrio, na sua *Teoría de la Literatura*: “El plano inmanentemente textual de la obra literaria no puede justificar ni garantizar por si solo, desde la materialidad linguística de los estilemas y los artificios verbales, el fenomeno y efecto de la poeticidad”<sup>31</sup>, acrescentando que a literariedade “implica no solo la estructura inmanente material-verbal del texto, sino sus proyecciones pragmático-comunicativas en la doble instancia de la emission y de la recepción”.<sup>32</sup>

Jean Greimas, no estudo « Pour une théorie du discours poétique », admitia que a literatura enquanto discurso autónomo, comportando nele as suas próprias leis e a sua especificidade é quase unanimemente contestada e que o conceito de literariedade, que pretendia fundamentá-la, é facilmente interpretado como uma conotação sócio-cultural variável, segundo o tempo e espaço humanos.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> JAKOBSON, Roman, *Quéstions de Poétique*, Paris, Édition du Seuil, 1973, p. 13.

<sup>31</sup> BERRIO, Antonio García, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Ediciones Catedra S.A., 1989, p.54.

<sup>32</sup> BERRIO, Antonio García, *op. cit.*, p. 54.

<sup>33</sup> GREIMAS, Jean et alii., « Pour une Theorie du Discours Poétique » , in *Essais de Semiotique Poétique*, Paris, Editions du Seuil, 1972, p. 6.

Na opinião de Vítor Aguiar e Silva existem elementos textuais, considerados num dado momento histórico como extra-literários, ou mesmo, anti-literários e que noutro período são considerados como elementos textuais pertencentes à esfera do literário. Segundo este teórico, estas são transformações de um sistema aberto, como o literário, no qual ocorre um constante e complexo conjunto de entradas e saídas em relação aos textos não-literários. Este fluxo é norteadado, basicamente, por modificações no sistema de normas aceite pela comunidade literária de cada época, constituída por escritores, leitores, críticos, teóricos e professores. Nas suas palavras: “Pode-se admitir a existência de uma espécie de escala de literariedade [...] variável de um para outro contexto histórico”.<sup>34</sup>

Com efeito, a literariedade pode ser considerada um construto, variável historicamente, de acordo com as convicções ideológico-culturais dominantes. Acreditamos que há uma flutuação histórica, entre o que é ou não considerado literário, marcada por épocas históricas diferentes e estudiosos com diversas ópticas. De igual modo, o conceito de literariedade não será igual para todos os membros de uma determinada comunidade, ainda que enquadrados na mesma época histórica.

Apesar do conceito de literariedade depender de uma componente histórico-cultural, ou até mesmo de uma componente individual, pensamos que o texto literário não é produzido, nem pode ser analisado como um qualquer outro acto de produção linguística.

De acordo com Jacinto do Prado Coelho:

“O sistema de comunicação literária tem diferenças específicas que lhe garantem a autonomia de um supra-sistema [...] do sistema de comunicação linguística [...] porque na sua realização inter-actuam específicos elementos sistémicos”.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 38.

<sup>35</sup> COELHO, Jacinto do Prado, «Conceito e Fronteiras do Literário», in *Colóquio Letras*, nº 80, pp. 29-30.

Na opinião deste, como de vários outros autores, a linguagem literária é apresentada como fruto de um trabalho de burilamento sobre a língua, no sentido de intensificar todas as suas potencialidades. A literatura é o próprio acto que permite constatar como a língua é passível de ser trabalhada e demonstra aquilo que ela tem o poder de transformar. Mikhail Bakhtine afirma que a poesia necessita da língua toda, de todos os seus elementos, não fica indiferente a qualquer matiz da palavra linguística.<sup>36</sup>

O texto literário é visto comumente pela crítica e teoria literárias como um “desvio” à norma linguística. García Berrio expõe claramente esta opinião quando afirma: “existe una tradición convencionalizada de estilemas verbales especificamente reconozidos como especializaciones literárias de la norma linguística [...] un modo de empleo de la lengua que contribuye a producir el efecto estético perceptible”.<sup>37</sup>

O acto de criação literária introduz um estranhamento radical, relativamente ao uso corrente da língua, sendo um portador de sentidos: “L’act dit littéraire [...] introduit l’étrangeté radicale par rapport à ce que la langue est censée d’être: un porteur de sens.”<sup>38</sup>

A obra literária é considerada um artefacto estético cujo instrumento ou matéria de modelação é a palavra (signo inteligente de representação do mundo visível e invisível) e desperta expectativas que precisará de satisfazer, caso contrário deixará de ser lida.

A propósito deste assunto diz-nos Paul Lauter:

“ Literature is a form of discourse that has no designs in the world, that represents (or creates) things without trying to

---

<sup>36</sup> TODOROV, Tzevetan e BAKHTINE, Mikhail, *Le Principe Dialogique suivi d’Écrits du Cercle de Bakhtine*, Paris, Éditions du Seuil, 1980.

<sup>37</sup> BERRIO, Antonio García, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Ediciones Catedra S.A.,1989, p. 52.

<sup>38</sup> KRISTEVA, Julia, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 9.

change them, and that speaks in a language whose claim is originality, not clarity or simplicity”.<sup>39</sup>

Também Julia Kristeva coloca a tónica no facto de no texto literário haver uma intensificação de sentidos, quando afirma: “le texte se construit une zone de multiplicité de marques et d’intervalles dont l’inscription non centrée met en pratique une polyvalence, sans unité possible”.<sup>40</sup>

A tónica na polivalência e pluralidade de sentidos do texto literário é uma questão também colocada por Antonio García Berrio que, a propósito da intensificação de sentidos no texto literário, afirma: “la literatura y aún más la poesía suponen una superior capacidad significativa através de formulas bastante vagas como enriquecimiento transmental, expressividad sentimental, etc”.<sup>41</sup> Em momento ulterior da mesma obra, o autor acrescenta:

“No cabe duda de que las condiciones de polisemia y plurifuncionalidad asociativa de los constituyentes del texto artístico representan un rasgo decisivo de su peculiaridad com relación a los textos comunicativos en el uso estándar.”<sup>42</sup>

É com base na capacidade polissémica do texto literário que este autor estabelece a diferença fundamental entre ele e o texto linguístico comunicativo. Nas suas palavras: “es finalmente el ámbito donde se acuñan y elevan a definitivas las peculiaridades diferenciales concretas entre la lengua literária y la lengua comunicativa estándar.”<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> LAUTER, Paul, *Canons and Contexts*, New York, Oxford University Press, 1991, p.104.

<sup>40</sup> KRISTEVA, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 13.

<sup>41</sup> BERRIO, Antonio García, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Ediciones Catedra S.A.,1989, p. 79.

<sup>42</sup> BERRIO, Antonio García, *op. cit.*, p. 85.

<sup>43</sup> BERRIO, Antonio García *op. cit.*, p. 85 .

A diferença entre texto literário e outros tipos de texto reside na capacidade representativa e criativa da sua linguagem e naquilo que Julia Kristeva designa por verticalidade, que resulta do burilamento estético do significante:

“le texte poétique, littéraire [...] creuse dans la surface de la parole une verticalité où se cherchent les modèles de cette signifiante que le langage représentatif et communicatif ne récite pas, même s’il les marque cette verticalité, le texte l’atteint à force de travailler le signifiant.”<sup>44</sup>

Nesta linha ideológica está Jacinto do Prado Coelho, quando define o discurso literário como “conotativo, mais opaco, atrai a atenção para si próprio, é plurifuncional, sistemático (por oposição à linguagem quotidiana), autotélico, pois nele reside a sua própria justificação”.<sup>45</sup> Prado Coelho considera, no entanto, que mais que as características anteriormente enunciadas, a marca específica da obra de arte é a ficcionalidade.

A par da intensificação de sentidos e plurisignificação do texto literário, muitos especialistas em teoria da literatura colocam a questão da ficcionalidade como apanágio deste tipo de texto. É o caso de Vítor Aguiar e Silva para quem, tanto na literatura fantástica como na literatura realista existe sempre uma inseparável correlação semântica com o mundo real, podendo revestir tanto uma modalidade metonímica como uma modalidade metafórica, podendo apresentar-se sob uma espécie de *mimesis*, relativamente ao real envolvente, ou sob uma espécie de deformação grotesca.<sup>46</sup>

Para qualquer dos autores anteriormente referidos, que defendem a ficcionalidade como marca identificativa do texto

---

<sup>44</sup> KRISTEVA; Recherches pour une Sémanalyse, Paris, Éditions du Seuil, 1969, pp. 10-11.

<sup>45</sup> COELHO, Jacinto do Prado, «Conceito e Fronteiras do Literário», in Colóquio Letras, nº80, Julho de 1984.

<sup>46</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 575.

literário, a relação de comunicação entre a obra escrita (artisticamente) e a coisa a designar não tem ligação existencial.

Na opinião de Julia Kristeva, o texto literário não se conforma em representar ou significar o real. Ele participa na sua transfiguração e transformação:

“le texte n’étant pas ce language communicatif que la grammaire codifie, il ne se contente pas de représenter - de signifier le réel. [...] il participe à la mouvance, à la transformation du réel [...] En transformant la matière de langue (son organisation logique et grammaticale) [...] le texte se lie doublement par rapport au réel: à la langue (decalée et transformée) et à la société (à la transformation de laquelle il s’accorde).”<sup>47</sup>

O crítico literário americano Paul Lauter vai mais longe ao considerar quatro os principais requisitos para que o texto ganhe o estatuto de literário. São eles: assunto ou temática, função, elementos formais/convenções e público leitor. Segundo ele, a importância de cada um destes factores é variável historicamente.

Atentemos nas seguintes palavras do autor, a propósito de obras que ficam “à margem” da literatura:

“By marginalized I designate those writings which by virtue of the subject matter (e.g. menstruation rather than learning to hunt), function (e.g. ceremonial rather than bellistic), formal elements and conventions (improvisation rather than dramatic), audience (women rather than men), [...] have been esteemed relatively less significant to, not at the center of the definition of a nation’s culture.”<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> KRISTEVA, Julia, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 11.

<sup>48</sup> LAUTER, Paul, *Canons and Contexts*, New York, Oxford University Press, 1991, p.49.

As literaturas consideradas marginais são, na sua larga maioria, produto de grupos sociais com um acesso substancialmente menor ao poder político, económico e social.

Paul Lauter estabelece entre o conceito de literatura e a posição cultural e social do escritor uma inequívoca relação, como o comprovam as suas palavras: “The works and authors generally considered central to a culture are those composed and promoted by persons from groups holding power within it.”<sup>49</sup>

A propósito do relativismo histórico do conceito de literatura, revisitemos a obra de Vítor Aguiar e Silva:

“Se pensarmos na literatura enquanto sistema, foi e continua a ser um sistema aberto [...] e a literatura, enquanto conjunto de textos, é também correlativamente um conjunto aberto, não sendo possível formular quaisquer regras (dotadas de capacidade preditiva em relação aos textos que, no futuro, se hão-de integrar nesse conjunto aberto.”<sup>50</sup>

A literatura acontece pelo prazer proporcionado pelo texto literário, pelas suas formas, as suas combinações, as suas leis (e a consciência que nós leitores temos delas), pelos seus estilos, enfim, pelos efeitos do seu código.

A criação literária é considerada por Kristeva como um trabalho verdadeiramente translinguístico, em que a cultura ocidental só repara numa fase de pós produção (consumo), ou seja, quando o texto está finalmente concluído e é apresentado num suporte material, o livro. A sua produtividade é oculta e substituída pela representação de um cenário que é uma aproximação da verdadeira realidade. A aproximação ( termo que remete, de imediato, para o conceito de ficcionalidade do texto literário) é susceptível de ser apreciada,

---

<sup>49</sup> LAUTER, Paul, *op cit.*, p49.

<sup>50</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 31.

pensada e julgada. Para Julia Kristeva, a literatura surge como discurso substitutivo:

“littérature: travail translinguistique que notre culture n’atteint que dans l’après production (dans la consommation); productivité occultée, remplacé par la représentation d’un écran qui double l’ « authentique » et/ou par l’audition d’un discours-object secondaire par rapport au «réel» et susceptible d’être apprécié, pensé, jugé dans sa substitution . ”<sup>51</sup>

Nas palavras de Harold Bloom: “A literatura não é unicamente linguagem. Ela é também a vontade de figuração, o motivo para a metáfora, [...] o desejo de estar noutra lugar, num tempo e num lugar exclusivo de cada um, numa originalidade que se deve combinar com a herança, com ansiedade de influência.”<sup>52</sup>

Acreditamos que o verdadeiro valor da literatura não é apenas mensurável pelo prazer que ela suscita, mas pela sua faculdade em abrir e aumentar o conhecimento do mundo e do homem, pelas transformações que em nós produz, pela luz que lança sobre a escuridão da ignorância, do egoísmo e do obscurantismo, mesmo que tudo isso seja acompanhado pela subversão e pelo aparecimento em nós da incerteza e da intranquilidade.

---

<sup>51</sup> KRISTEVA, Julia, *op. cit.*, pp. 147-148.

<sup>52</sup> BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 24.

### 1.3 - O Problema do Cânone e a questão da Ideologia

Depois de considerados alguns dos aspectos fundamentais que se prendem com o carácter institucional da literatura e com as margens da prática literária, cabe agora fazer uma reflexão sobre o cânone, através da apresentação da opinião de críticos e teóricos nossos contemporâneos.

Carlos Reis, seguindo Vítor Aguiar e Silva, considera-o o “elenco de autores e obras incluídos em cursos básicos de literatura, por se acreditar que representam o nosso legado cultural”<sup>53</sup>. O mesmo autor acrescenta em momento ulterior que designa por cânone “o conjunto de obras literárias, o elenco dos textos filosóficos, políticos e religiosos significativos”.<sup>54</sup>

Também Paul Lauter se pronuncia sobre o cânone:

“that set of authors and works generally included in basic American Literature college courses and textbooks, and those ordinarily discussed in standard volumes of literary history, bibliography and criticism [...] Many such books are also available in widely market paperback series of “classic”.<sup>55</sup>

As palavras deste crítico encontram eco na afirmação de Carlos Reis:

“O cânone apoia-se numa rede textual relativamente heterogénea [...] Assim se configura um corpus textual selecto, institucionalizado e difundido através do aparelho escolar, bem como pela constituição de campos bibliográficos específicos, a formação de colecções designadas como “grandes obras”, a que

---

<sup>53</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, p.17.

<sup>54</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 17.

<sup>55</sup> LAUTER, Paul, *Canons and Contexts*, New York, Oxford University Press, 1991, p.23.

se atribui a dimensão de clássicos e a elaboração de antologias.”<sup>56</sup>

Segundo Harold Bloom, existe um requisito cuja existência é indispensável para conferir estatuto canônico a determinada obra de arte literária. Atentemos, a este título, nas suas palavras: “continua terrivelmente válido um antigo teste para encontrar o canônico: se a obra não pede releitura, então ela não possui os requisitos necessários”.<sup>57</sup> Nas suas palavras, toda a originalidade literária forte se torna canônica.

O mesmo autor considera que “um poema, um romance ou uma peça adquirem todas as desordens da humanidade, inclusive o medo da mortalidade, o qual se transmuda, na arte literária, na demanda de ser canônico, de ingressar na memória comum ou societal”.<sup>58</sup> Para ele, a retórica da imortalidade, consubstanciada no cânone, é também uma psicologia da sobrevivência e uma cosmologia.

Na opinião de Bloom, cânone significava originalmente a escolha de livros nas nossas instituições de ensino e, apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do cânone subsiste: que deve ler o indivíduo que ainda pretende ler?

Na história da denominada escrita secular, em que momento começaram os homens a falar de poemas ou de histórias como sendo imortais? Na opinião de Harold Bloom, um dos ícones da crítica e teoria literárias actuais, o conceito de imortalidade, encontra-se já em Petrarca, sendo maravilhosamente bem desenvolvido pelos sonetos shakespearianos. Este conceito é já um elemento latente no elogio que Dante faz da sua *Divina Comédia* e talvez, por isso, nos atrevamos a dizer que Dante inventou a nossa ideia moderna do canônico.

---

<sup>56</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, pp.72-73.

<sup>57</sup> BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 40.

<sup>58</sup> BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 30.

A palavra cânone, usada numa acepção secular, significando um catálogo de autores aprovados, surge apenas em meados do século XVIII, durante o período literário da sensibilidade, da sentimentalidade e do sublime. Embora na sua origem tivesse uma conotação religiosa, tornou-se uma escolha entre textos, em luta uns com os outros pela sobrevivência. Este facto ainda hoje se mantém, independentemente de se interpretar a escolha como resultado de grupos sociais dominantes, instituições educativas ou tradições de crítica.

Na verdade, a quem se deve o estabelecimento e manutenção do cânone é a determinadas coordenadas culturais, responsáveis pela vigência de um conjunto social de normas e valores que lhe conferem força e continuidade. Nas palavras de Paul Lauter: “The literary canon is, in short, a means by which culture validates social power”<sup>59</sup>.

Harold Bloom vai ainda mais longe ao considerar que, muitas vezes, as obras literárias entram no cânone graças a bem sucedidas campanhas publicitárias e de propaganda. Ainda segundo Bloom, existe um conjunto de requisitos a que uma obra deve obedecer para se lhe poder atribuir com propriedade o estatuto de canónica: “Só se irrompe no cânone graças à força estética que é essencialmente constituída por uma amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, saber, exuberância de dicção”.<sup>60</sup>

Segundo Carlos Reis, a formação do cânone decorre da acção articulada de pelo menos três factores:

“Selectividade, que trata de estabelecer os autores e obras que correspondem a uma identidade cultural e literária, maioritariamente representativa; a continuidade, que se prende com a permanência ao longo de um tempo histórico alargado, dos autores e obras, que assentam nessa permanência a sua autoridade cultural e a formatividade. Este último critério prende-se directamente com a instituição escolar, sendo um

---

<sup>59</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 23.

<sup>60</sup> BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 39.

critério de ordem pedagógica que leva a reter como canónicas as obras e autores que se entende serem reprodutores de uma certa ordem social e cultural que se deseja instaurada no sistema de ensino. É essa ordem que remete para determinada identidade colectiva, contribuindo para a intemporalização do cânone.”<sup>61</sup>

Como é passível de se constatar, através da afirmação supracitada, para Carlos Reis, o processo de constituição do cânone é indissociável de um uso institucional da literatura, no âmbito do sistema de ensino.

Parece-nos pertinente, neste momento, tecer algumas considerações sobre os chamados aparelhos ideológicos do estado, pois que um deles se relaciona de modo particular com o estabelecimento e manutenção do cânone. Segundo Louis Althusser “Designamos por Aparelhos Ideológicos do Estado, um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.”<sup>62</sup>

Nesta linha ideológica podem ser considerados aparelhos ideológicos do estado as seguintes instituições: o sistema das diferentes Igrejas, o sistema familiar, o sistema político, o sistema cultural (Letras, Belas Artes, Desporto, etc...) e, por último, aquele que nos merece atenção especial, o sistema de ensino.

O aparelho ideológico que é a Escola desempenha, incontestavelmente, um papel dominante, embora nem sempre se preste muita atenção ao seu discurso, de tal forma ele é silencioso e subliminar. Nas palavras de Althusser: “Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais e [...] inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais

---

<sup>61</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, pp 72-73.

<sup>62</sup> ALTHUSSER, Louis, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Lisboa, Editorial Presença, s./d., p. 38.

vulnerável, [...] saberes práticos envolvidos na ideologia dominante.”<sup>63</sup>

A Escola é, por excelência, a guardiã e perpetuadora do cânone literário, senão atentemos nas palavras de Paul Lauter: “building culture and taste – became the purview of the classroom.”<sup>64</sup>

Louis Althusser, nas suas reflexões sobre os aparelhos ideológicos do estado, considera que eles funcionam de maneira massivamente prevalecente pela ideologia: “na ideologia dominante, que é a da classe dominante, [...] a classe dominante detém o poder do Estado”<sup>65</sup>

Quando tratamos de definir ideologia, temos de ter em mente que se trata de um conceito relativamente novo, cuja difusão ocorreu, sobretudo, a partir de finais do século XVIII, devido a circunstâncias de cariz ideológico-cultural que proporcionaram o direito à diferença e à afirmação da liberdade como valor irrefutável.<sup>66</sup>

Em Guy Rocher, sociólogo que assume uma posição, por assim dizer, ideologicamente neutra, segundo Carlos Reis, encontramos uma definição possível para ideologia. Ela será um sistema de ideias e de juízos explícita e geralmente organizado, que serve para descrever, explicar, interpretar ou justificar a situação de um grupo ou de uma colectividade e que, inspirando-se largamente em valores, propõe uma orientação precisa à acção histórica desse grupo ou colectividade.<sup>67</sup>

A propósito da relação intrínseca entre ideologia dominante e delimitação de um corpus textual canónico, afirma Jacinto do Prado Coelho: “Pretender preservar à margem de ideologias, a autonomia semântica do texto literário é um contra-senso porque as ideologias

---

<sup>63</sup> ALTHUSSER, Louis, *op. cit.*, p. 38.

<sup>64</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 27.

<sup>65</sup> ALTHUSSER, Louis, *op. cit.*, p. 49.

<sup>66</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, p. 281.

<sup>67</sup> Cf. ROCHER, Guy, *Introduction à la Sociologie Générale. L'action Sociale*, Paris, Éditions Minuit, 1968, p. 127.

são um elemento integrante dos signos, das regras e das convenções dos sistemas semióticos culturais.”<sup>68</sup>

Os chamados programas escolares estão intimamente relacionados com a escola e com a prática pedagógica dos seus agentes educativos, os docentes, e possuem um carácter normativo, incluindo as obras que fazem parte do cânone literário de um determinado país.

As obras literárias escolhidas que constam dos programas escolares constituem testemunhos verdadeiramente reveladores de uma consciência cultural e nacional que, no entender de Carlos Reis, “procura afirmar-se como legítima.”<sup>69</sup> A propósito deste assunto, diz o autor: “Os programas escolares enquanto documentos com força normativa que o Estado estipula constituem testemunhos reveladores de uma consciência cultural e nacional que procura afirmar-se como legítima”.<sup>70</sup>

Ainda subjacentes à instituição escolar encontram-se os *curricula*, verdadeiros roteiros de orientação didáctica, elaborados de acordo com princípios estéticos e pedagógicos. Estes, ao serem responsáveis pela apresentação de certas obras como canónicas, em detrimento de outras, validam apenas determinadas experiências culturais e literárias. Os *curricula* modificam-se, de acordo com alterações do contexto histórico-cultural, o que se torna, na opinião de Lauter, útil e necessário:

“a new syllabus [...] often reflects an intense scholarly enterprise and generally new research as well, it is neither posed nor presented as a permanent cultural monument, but rather as an educational tool that will, in time be superseded”.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> COELHO, Jacinto do Prado, «Conceito e Fronteiras do Literário», in *Colóquio Letras*, nº 80, Julho de 1984, p. 31.

<sup>69</sup> Cf. REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 38.

<sup>70</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 38.

<sup>71</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 146.

Na validação do cânone literário pela instituição escolar são de grande relevância: os programas, os currículos e também os chamados manuais escolares. Segundo Lauter, estes últimos são extremamente normativos e limitadores da prática docente, pois que nos dizem “what texts to use, how to organize them”<sup>72</sup> e acrescenta o autor: “they are by nature collective, rather than individualistic, since they displayed the scholarship and pedagogical practices of many teachers.”<sup>73</sup>

Quanto àqueles que consideramos serem os mais importantes agentes da instituição educativa, os professores, por vezes em condições terríveis, tentam voltar-se contra a ideologia prevalecente, contra o sistema e as suas práticas. No entanto, esta atitude é tomada apenas por uma pequena parte. A esmagadora maioria não tem sequer dúvidas quanto ao facto de que a ideologia dominante a ultrapassa e dedica-se inteiramente à realização do seu trabalho, em muitos casos, delimitado por margens demasiado estreitas.

Segundo Carlos Reis, a literatura assume uma dimensão sócio-cultural, pois, quando associada à didáctica da Língua Materna, adquire uma dinâmica institucional, inerente ao sistema de ensino em que se integra, com objectivos ideológicos e pedagógicos que a tal se associam.<sup>74</sup>

Para este autor, são claramente visíveis mitos e ideias que remetem para uma peculiar identidade cultural, nas grandes escolhas que presidem ao ensino da literatura.<sup>75</sup>

De acordo com Pierre Boulieu, o sistema de ensino cumpre uma função de verdadeira legitimação cultural, pois que converte em cultura legítima (canónica) o arbitrário cultural que uma formação social apresenta.<sup>76</sup>

Até este ponto do nosso trabalho reflectimos sobre os requisitos que permitem a uma obra literária atingir o estatuto de

---

<sup>72</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 146.

<sup>73</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 146.

<sup>74</sup> Cf. REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 38.

<sup>75</sup> Cf. REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 39.

<sup>76</sup> Cf. BOULIEU, Pierre, *A Economia das Trocas Simbólicas*, S. Paulo, Perspectiva, 1982, p. 31.

canónica, qual a importância do cânone e de que forma é relevante a instituição escolar no estabelecimento e defesa do mesmo.

Falaremos agora sobre as alterações passíveis de se operarem a nível do que é considerado canónico e as circunstâncias específicas em que estas podem ocorrer.

Harold Bloom apresenta-nos uma enriquecedora teoria sobre a formação do cânone, destacando o facto de as mudanças no gosto literário poderem estar muitas vezes relacionadas com a reavaliação de géneros representados pelas obras canónicas. Em seu entender, em cada época histórica, alguns géneros são vistos como sendo mais canónicos que outros, partindo da constatação de que a gama de géneros literários nunca é igual ou totalmente disponível em todos os períodos históricos.<sup>77</sup>

Na opinião de Bloom, cada época possui um repertório relativamente reduzido de géneros que lutam uns com os outros pela sobrevivência. Além deste importante aspecto a ter em conta quanto ao estabelecimento e evolução do cânone, há que ter em mente que a selecção de obras literárias que têm um estatuto canónico se prende também com a ideologia dos grupos sociais dominantes, instituições educativas e tradições de crítica.

O cânone contemporâneo é fixado para todos, excepto para os escritores maiores ou arcanos. Na sequência do que foi dito, a lista de obras canónicas é algo em aberto, acontecendo rasuras no repertório, em cada época histórica. Isto, pese embora o repertório de géneros activos tenha sido, desde sempre, pequeno e sujeito a subtracções e adições proporcionalmente significativas.

O cânone é um construto social e à medida que a consciência das sociedades, face ao que é importante ou trivial, se altera também a concepção de cânone se modifica. A este título, atentemos nas palavras de Paul Lauter:

---

<sup>77</sup> Cf. BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 31.

“The literary canon does not, after all, spring from the brow of master critic; rather it is a social construct. As our understanding of what is trivial or important alters in response to developments in society, so our conception of the canons will change. But that perception has itself been forced on us only by the movements for social change of the 1960s and 1970s”.<sup>78</sup>

Ainda de acordo com este autor, podem apresentar-se três factores como justificativos da alteração do cânone: a profissionalização do ensino da literatura, o desenvolvimento da crítica literária, que privilegia certas obras em detrimento de outras, e a organização histórica de um corpus literário em “períodos” e temas convencionais.<sup>79</sup>

Os cânones servem sempre os interesses e os objectivos sociais e políticos, bem como os morais, das classes sociais mais destacadas. Revisitando Lauter: “Thus I think the canon debate leads [...] into the broader social and political world”.<sup>80</sup>

O cânone literário existe de modo a que tanto nós como os nossos descendentes possamos encontrar o autêntico poder estético e a autoridade daquela que é uma das marcas caracterizadoras do canónico: a dignidade estética, que não está a soldo do que quer que seja.

Todos os cânones, incluindo os contra-cânones, tão em voga no panorama literário actual, são, de certo modo, elitistas e, como nenhum cânone secular chega a estar fechado alguma vez, aquilo que se designa por abrir o cânone é uma afirmação totalmente redundante.

O escritor que escolhemos como assunto deste trabalho de dissertação é bem o exemplo de várias das afirmações feitas ao longo deste capítulo. Com efeito, Guerra Junqueiro fez parte do cânone literário quando, no século XX, nos anos quarenta, cinquenta, sessenta

---

<sup>78</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 36.

<sup>79</sup> Cf. LAUTER, Paul, *op. cit.*, pp. 53-54.

<sup>80</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 169.

e inícios dos setenta, as suas composições poéticas integravam obrigatoriamente os manuais escolares da 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> classe (correspondentes ao actual primeiro Ciclo do Ensino Básico).

Acrescente-se que os textos publicados nestes livros únicos eram seleccionados de acordo com a ideologia política do poder vigente, com vista à formação de determinado tipo de cidadãos. O Guerra Junqueiro contestatário e subversivo nunca teve lugar nos compêndios escolares, sendo considerado, longo tempo, um poeta blasfemo e proscrito, que não interessava ser dado a conhecer pelo sistema educativo.

Desde os anos setenta até à actualidade, a Abílio Manuel Guerra Junqueiro tem sido sistematicamente sonogado um lugar nos planos curriculares que é seu de pleno direito, como o comprovaremos ao longo deste trabalho (nomeadamente na última parte). Este contínuo subestimar do valor literário do autor prende-se directamente com o domínio de determinados grupos sociais responsáveis pelo estabelecimento do cânone, que pretendem evidenciar apenas certas tendências ideológicas.<sup>81</sup>

Ao contrário do que foi norma durante largos anos, e mesmo séculos, hoje em dia o volume de publicação de livros e revistas literárias atingiu proporções de tal ordem que nenhum leitor ou crítico literário poderá afirmar ter um conhecimento seguro daquilo que se pode considerar cânone literário.

Terminaremos a nossa reflexão sobre como o cânone literário é perspectivado actualmente, com as palavras de Harold Bloom: “é hoje virtualmente impossível conhecer a fundo o cânone ocidental, não só seria preciso absorver bem mais de três mil livros, [...] mas também as relações entre esses livros seriam

---

<sup>81</sup> Não esqueçamos, para não apresentar mais que um exemplo, a valorização exclusiva dos escritores neo-realistas após o ano de 1974 ou a hiper-valorização de Agustina Bessa Luís nos anos oitenta, ponto obrigatório dos programas de 12<sup>o</sup> Ano vários anos consecutivos.

cada vez mais (e não menos) agitadas, à medida que as nossas perspectivas se alargassem.”<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 46.

## 1.4 - Cosmvisão e Ideologia

Indiscutivelmente, a Literatura tem capacidade de representar uma cosmvisão e, em função dela, a própria História a que se liga. No entanto, não podemos esquecer que é uma prática de tendência primordialmente estética e, como tal, não necessita obrigatoriamente de ser um veículo de ilustração de eventos históricos, de ideias ou de acontecimentos sociais.

A prática literária de Guerra Junqueiro, escritor que constitui o objecto deste trabalho, é marcada por uma extrema originalidade e o cunho pessoal do autor é independente da influência directa de qualquer tendência estética ou Escola literária, em particular.

No entanto, apesar de ser uma prática eminentemente estética, a escrita de Junqueiro é veículo de expressão de ideias, convicções e pontos de vista do autor que, relativamente a aspectos tais como a organização da sociedade da sua época e a educação e aculturação das crianças no século XIX, constitui uma verdadeira revolução de mentalidades, como veremos em ponto ulterior do nosso trabalho.

Nas palavras de Carlo Salinari: “A arte é determinada *hic et nunc* e tira a sua eternidade e o seu valor do facto de representar um momento insuprimível da experiência humana”.<sup>83</sup> Por outro lado, parafraseando Carlos Reis, “os modos de representação da obra literária recorrem a procedimentos de ordem estético-literária de natureza ficcional, metafórica e simbólica que inviabilizam uma leitura puramente documental dos elementos apresentados.”<sup>84</sup>

Vítor Manuel de Aguiar e Silva distingue entre autor real, isto é, o autor enquanto sujeito empírico e histórico e autor textual, que é, na sua opinião, uma espécie de segundo eu que o autor cria quando escreve uma obra literária. Este autor textual é imanente à totalidade

---

<sup>83</sup> SALINARI, Carlo, «A Arte como Reflexo e Problema do Realismo», *in* Vértice, XLI, 440-441, 1981, p. 50.

<sup>84</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 79.

de uma obra e o leitor reconstruirá a sua imagem como uma imagem ficcional.<sup>85</sup>

Esta distinção conceptual e terminológica é passível de ser aplicada a todos os tipos de textos literários. Ainda nesta linha ideológica Wayne Booth distingue entre autor implícito e narrador, defendendo que o narrador “is after all one of the elements created by the implied author and who may be separated from him by large ironies.”<sup>86</sup>

Para Carlos Reis, “se existem textos em que o eu do autor textual está implicitamente representado e afirmado, noutros textos – em quase todos os textos dramáticos, em numerosos textos narrativos e também em textos líricos, o autor textual está como que ausente ou oculto, como se fosse um “eu” de grau “0”.<sup>87</sup>

A experiência textual não se limita a integrar a experiência pessoal, vai mais longe, pois que a atravessa e transcende, como se não encontrasse um resíduo existencial que a prendesse. De acordo com Luiz Costa Lima, “O eu é uma forma flutuante que declara apenas a voz que o pronuncia.”<sup>88</sup>

É através do autor fora da obra literária e projectado nela, do autor enquanto membro de uma comunidade espaço-temporal contextualizada que a obra apresenta de uma forma mais evidente o que Mukarovsky designa por “sistema geral dos valores que constituem as forças motrizes da prática da vida da colectividade receptora.”<sup>89</sup>

No entender de Carlos Reis, o indivíduo escritor age em nome de certos valores ideológicos, representando sempre, para além dos seus interesses privados, interesses colectivos. Em sua opinião, a ideologia pré-existe ao sujeito, entendendo-se como um património

---

<sup>85</sup> Cf. SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1991, cap. 3.

<sup>86</sup> BOOTH, Wayne, *The Rethoric of Fiction*, London, Penguin Books, 1989, p. 73.

<sup>87</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 228.

<sup>88</sup> LIMA, Luiz Costa, *O Controlo do Imaginário*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária LTDA, s/d, p. 35.

<sup>89</sup> *Apud* COELHO, Jacinto do Prado, «Conceito e Fronteiras do Literário», in *Colóquio Letras*, nº 80, Julho de 1984, p. 16.

colectivo de alcance comunitário, sendo o discurso que a enuncia perspectivado em harmonia com esta concepção.<sup>90</sup>

Nesta linha ideológica encontra-se Jacinto do Prado Coelho, quando afirma: “As obras literárias [...] surgem impregnadas de ideologias, valores dominantes, saberes vários, que divergem de época para época, de sociedade para sociedade.”<sup>91</sup>

Não podemos preservar a autonomia semântica do texto literário à margem das ideologias. Tal é um contra-senso, pois as ideologias são um elemento integrante dos signos, das regras e das convenções dos sistemas semióticos culturais. A este propósito, diz-nos Vítor de Aguiar e Silva: “No texto literário, se não se manifesta uma função referencial idêntica que se verifica noutros textos, também não se encontra totalmente obliterada.”<sup>92</sup>

A cosmovisão reflectida no texto literário prende-se com o ponto de vista do escritor, ou seja, com uma determinada forma de reagir perante o mundo, os paradoxos que nele existem e os seus problemas. Desencadeia-se, então, uma espécie de resposta, artisticamente elaborada, através da escrita, a solicitações e estímulos provocados pela sociedade, pela história e pela cultura, quer do seu tempo, quer do tempo anterior ao escritor.

O texto é perspectivado, por vários teóricos e críticos literários, como um artefacto translinguístico que faz uma espécie de recategorização da língua, pondo em relação a palavra comunicativa com outros enunciados textuais anteriores ou sincrónicos. A este propósito, voltemos a recordar Julia Kristeva: “nous définissons un texte comme un appareil translinguistique, qui redistribue l’ordre de la langue, en mettant en relation une parole communicative [...] avec différents types d’énoncés antérieurs ou synchroniques”.<sup>93</sup>

---

<sup>90</sup> Cf. REIS, Carlos, *op. cit.*, pp. 282-283.

<sup>91</sup> COELHO, *op. cit.*, p. 26.

<sup>92</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *op. cit.*, p. 645.

<sup>93</sup> KRISTEVA, Julia, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 54.

Como podemos ver pela expressão, anteriormente apresentada, Kristeva acredita que todo o texto é intertextualidade, uma vez que no espaço textual vários outros se cruzam e neutralizam.

Ainda na opinião de Julia Kristeva, o texto literário é perspectivado como um ideograma, pois que a intertextualidade se manifesta a diferentes níveis da estrutura de cada texto e se projecta ao longo do seu percurso vital, conferindo-lhe as suas coordenadas históricas e sociais: “L’acceptation d’un texte comme un idéologème détermine la demande même d’une sémiotique qui [...] le pense ainsi dans la société et l’histoire.”<sup>94</sup>

Para uma melhor clarificação do conceito de ideograma é importante revisitarmos Bakhtine. De acordo com Carlos Reis, Mikail Bakhtine entende a linguagem como um sistema aberto a implicações histórico-ideológicas muito diversificadas, destacando a função de ideograma, que consiste na possibilidade de existência de uma dinâmica intertextual que permite estabelecer um diálogo real entre a obra literária e as coordenadas histórico-sociais que a regem, diálogo que se formula através da língua.

A obra literária é, assim, considerada um cronótopo e traduz uma consciência ideológico-social que pode ser maior ou menor, mas nunca ignorada.

No seguimento do que foi exposto, é pertinente explicar a noção bakhtiniana de cronótopo. Do grego, “cronos” (tempo) e “topos” (espaço), podemos afirmar que a obra de arte literária entra em interacção com o seu tempo histórico, independentemente de existirem, ou não, referências explícitas feitas a esse tempo. Para Bakhtine, o cronótopo determina a unidade artística da obra de arte literária na sua relação com a realidade.

Na arte e na literatura todas as determinações espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e têm sempre uma coloração valorativo-emocional.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> KRISTEVA, Julia, *op. cit.*, p. 53.

<sup>95</sup> Cf. BAKHTINE, Mikail, *Estética e Romanzo*, 2ª ed., Torino, Einaudi, s/d., p. 390.

Bakhtine, como Kristeva, também considera a produção de discurso como plural, no sentido em que constitui uma interacção com, pelo menos, um outro sujeito, igualmente implicado numa realidade interdiscursiva. Estes são apenas dois dos escritores para quem a língua é totalmente pluridiscursiva porque "é coexistência incarnada de contradições ideológico-sociais entre o presente e o passado, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos ideológico-sociais do presente, entre as correntes, as escolas, os círculos, etc".<sup>96</sup>

Afirma Carlos Reis, a propósito da relação obra literária/sociedade que "essa relação com a realidade é possível porque através do discurso em que se enuncia, a obra de arte literária retém ecos e matizes difusos de outros discursos do seu tempo e do passado, que nela se projectam".<sup>97</sup>

É importante avaliar, em função das coordenadas ideológicas essenciais representadas no texto, as condições de ajustamento desse texto, enquanto entidade artística, a um contexto ideológico-social específico.

Depois das reflexões anteriormente apresentadas, é-nos permitido usar a expressão "macro-signo" para nos referirmos à obra de arte literária. De acordo com Carlos Reis, este macro-signo é constituído pela articulação de micro-sentidos que permitem que a literatura se possa assumir como configuração do imaginário cultural de um povo, envolvendo nessa configuração uma certa vocação transhistórica. Nesta linha de pensamento inscreve-se Martinez Bonati quando afirma que a literatura "dirige-se a todos os homens de todos os tempos. A resposta que pode provocar [...] não tem data pré-determinada ou oportunidade histórica única".<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 99.

<sup>97</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 85.

<sup>98</sup> BONATI, Fernando Martinez, «Mensajes y Literatura», in GALLARDO, Garrido, *Teoría Semiótica, Lenguajes y Textos Hispánicos*, Madrid, C.S.I.C., 1984, p. 190.

Não podemos concluir a nossa reflexão sobre a obra literária como cosmovisão, sem focar a importância do leitor na *deconstrução* da mesma; ele próprio também possuidor de uma determinada ideologia, é um elemento crucial na interpretação e, muitas vezes, re-criação do texto literário.

Recorrendo a uma feliz expressão de Paul Ricoeur, dir-se-á que é possível “conceber qualquer coisa como um mundo do texto, à espera do seu complemento, o mundo da vida do leitor, sem o qual a significação da obra literária fica incompleta”.<sup>99</sup>

Ainda nesta linha está Paul Lauter, quando afirma:

“Finally a literary culture requires the existence of an audience, a reading public that, on the one hand, resonates to the beat of writer language and concerns and that, on the other hand, serves its needs by reading-and especially reading of a particular kind. An audience imbued with ideas .”<sup>100</sup>

Quando o leitor submete uma obra literária à sua apreciação, são vividos, por ele, sentimentos e valores postos à disposição pela mesma. Além deste aspecto, são evocadas no leitor múltiplas vivências do prazer estético, proporcionando o despertar de várias avaliações estéticas e ideológicas.

Segundo Roman Ingarden, “fazem-se sentir na alma do leitor, sob o efeito da leitura, múltiplos sentidos e afectos que, é certo, já não pertencem ao grupo das vivências em que a obra literária é apreendida em concreto, mas não deixam de ter influência na sua apreensão”.<sup>101</sup>

Ainda relativamente à relação entre texto e leitor e à forma como este o re-cria, a partir da sua própria ideologia, diz Antonio García Berrio:

---

<sup>99</sup> RICOEUR, Paul, *Temps et Récit*, II, Paris, Éditions du Seuil, 1984, p. 234.

<sup>100</sup> LAUTER, Paul, *op. cit.*, p. 52.

<sup>101</sup> INGARDEN, Roman, *A Obra de Arte Literária*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d. p. 365.

“El texto es desde luego poroso por naturaleza; pero los hablantes estamos habituados a esa holgada permeabilidad objectiva del lenguaje. Por eso desarrollamos otras muchas estrategias de comprensión complementarias y ajenas al código estricto del lenguaje”.

Na sequência do que foi anteriormente exposto, o mundo da vida do leitor é também o mundo da história e das ideias dominantes nas diferentes épocas. Sobre o espaço da ideologia comum a autor e leitor articula-se o diálogo leitor/texto, de forma a que, no dizer de Carlos Reis, o texto “abre-se para a História que difusamente o motivou e em cujo cenário reentra, como entidade dinamicamente actuante e transformadora”.<sup>102</sup>

A propósito da relação entre texto literário e leitor, ela é vital, pois que o leitor, ao ler o texto, vai dar-lhe um outro sentido, diferente do que o autor originalmente lhe atribuiu. Deste modo, impõe-se que façamos uma pequena reflexão sobre as possibilidades que um texto oferece a quem o recebe.

Radica no conceito aristotélico de “catarse”, o princípio de que a obra literária pode exercer uma função junto do leitor que conduz à purificação das suas paixões, paixões não só suas, nem apanágio do tempo em que o leitor vive, mas sim um património multissecular. Nas palavras de Carlos Reis, “é quando nos reportamos a temas e valores de dimensão transhistórica e de funda ressonância humana, que mais intenso se torna o diálogo catártico com a obra literária”.<sup>103</sup>

Efectivamente, a obra de arte literária exerce uma função junto do leitor que transcende uma mera dimensão lúdica para visar questões de ordem moral, social, afectiva e ideológica, entre um largo espectro de muitas outras.

De acordo com Carlos Reis “para atingir tais questões e com o objectivo de despertar no leitor emoções sintonizadas com os grandes

---

<sup>102</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 287.

<sup>103</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 93.

conflitos e tensões que nela se representam, mais pertinente se revela a função catártica, entendida na mais ampla dimensão”.<sup>104</sup>

Do que ficou anteriormente exposto, podemos concluir que a obra literária, embora privilegiando modos de representação sinuosos, não perde, por esse facto, a sua união com a História e a sociedade. Aceitar que a grande literatura encerra preocupações universais é, no entender de Carlos Reis, tentar des-historicizar a produção de textos, sugerindo-se, assim, o usual equívoco que as “grandes” obras literárias são, de certo modo, intemporais<sup>105</sup>

Com efeito, vivendo num tempo e espaço definidos e estabelecendo ligações de diálogo com a cultura em que está integrado, o escritor representa uma cosmovisão que, de certa forma, traduz essa relação com o seu tempo e espaço, envolvendo uma relação afectiva perante temas, valores e soluções de expressão literária.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> REIS, Carlos, *op. cit.*, p. 92.

<sup>105</sup> Cf. REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, Cap. I.

<sup>106</sup> Seguimos de perto o que é referido no capítulo I da obra referida na nota anterior.

## **CAPÍTULO II – Guerra Junqueiro – a sua obra e o seu tempo**

### **1. 1. Guerra Junqueiro e o Momento vivido (O Homem e o Poeta)**

Em meados do século XIX, Portugal encontra-se política, social e economicamente num estado caótico.

Para o delinear desta situação em muito contribuíram os políticos fraudulentos e corruptos, mais absorvidos por mesquinhos interesses pessoais do que pelo efectivo desenvolvimento do país. Deste panorama resulta o predomínio da mentalidade rural sobre a urbana e o subdesenvolvimento da indústria moderna, estando a concorrência estrangeira a derrubar a débil indústria portuguesa.

Nos campos, a situação é de grande penúria, motivando um enorme fluxo de emigração, sobretudo para terras brasileiras, em busca de melhores condições de vida.

É neste momento histórico que na pequena vila transmontana de Freixo de Espada-à-Cinta nasce Abílio Manuel Guerra Junqueiro, poeta que pela força e engenho da sua verve havia de marcar não só o século XIX, mas toda a nossa história literária.

Abílio Manuel Guerra Junqueiro foi o primeiro e único filho de seus pais, José António Junqueiro e Ana Maria Guerra, que faleceria três anos após o nascimento de seu filho, facto que o marcaria indelevelmente no respeitante à sua vida e obra.

O pequeno Abílio fez os seus primeiros estudos, em Freixo de Espada-à-Cinta, junto de seu pai e sua madrasta e madrinha, Francisca Marcelina. O facto de pertencer a uma família de agricultores abastados e pequenos comerciantes que viviam com algum desafogo permite-lhe continuar os seus estudos, seguindo para o Colégio Instituto Portuense. No dizer de Manuela Azevedo, “Não vão, porém, ficar-lhe na memória das palavras, muitas imagens do tempo do colégio”.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> AZEVEDO, Manuela de, *Guerra Junqueiro, a obra e o homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 1980, p. 18.

Pretendia seu pai, como bom transmuntano da época, que o seu primogénito fosse padre, como então era uso em todas as famílias de bem; assim, depois dos Estudos Preparatórios concluídos no Porto, vai instalar-se em Coimbra, onde se matricula em Teologia. Dois anos frequenta este curso (1866-68), acabando por abandoná-lo. No entanto, se a Teologia não parece prendê-lo, outros valores espirituais precocemente o animam: versejar.

Em 1862, Guerra Junqueiro começa a manifestar algum interesse, embora confuso, pelos acontecimentos políticos nacionais e internacionais da época.

A nível internacional, uma onda de reivindicações contra a injustiça social percorre o mundo do trabalho, reunindo-se em França, país tradicionalmente na vanguarda da defesa dos direitos humanos, a 1ª Internacional dos trabalhadores.

Em Portugal, as Artes e Letras sentem como nunca a falta de apoio governamental, o que agrava as difíceis condições de vida dos Artistas. Os escritores precisam da protecção do Estado e este oferece importantes cargos no Governo em troca do “controlo da pena”, daqui surgindo a chamada “literatura oficial”.

É nesta época que surge em Coimbra um grupo de intelectuais, liderado ideologicamente por Antero de Quental e José Fontana e do qual fizeram parte alguns dos maiores escritores da história da Literatura portuguesa, tais como: Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, entre outros.

Esta Geração de Setenta, como viria a ser conhecida, é constituída por um conjunto de jovens que, influenciados pela cultura francesa, irão opor-se a um governo monárquico, cada vez mais contestado no final do século, insurgindo-se a nível literário contra uma prática ultra-romântica ligada a António Feliciano de Castilho e seus pares.

Racionalistas herdeiros do Positivismo de Comte, do Idealismo de Hegel e do Socialismo utópico de Proudhon, estes jovens escritores

protagonizaram uma autêntica revolução cultural no país, agitando consciências e poderes instituídos. São disso exemplo a célebre Questão Coimbrã e as Conferências do Casino. Esta agitação cultural acabaria também por desembocar numa revolução política: a instauração da República, a 5 de Outubro de 1910.

Abílio Manuel Guerra Junqueiro faz coro, mas “não é corifeu nessa sísmica questão dos jovens que ainda estão ou já saíram de Coimbra”<sup>108</sup>; assim, no meio da sua ingénua visão deste mundo confuso saía a terreiro com um livrinho de ensimesmamento poético que vai circular entre amigos, com o título *Duas Páginas dos Catorze Anos* (1864).

Durante sete anos, Guerra Junqueiro acompanha fielmente a contenda literária entre os autores românticos e os realistas, com os seus duelos, os reptos de dialéctica e os sarcasmos, de parte a parte.

Por volta do ano de 1865, Junqueiro deslumbra-se com a posição ideológica e literária da *Geração de 70*, embora sem ter autoridade para pertencer ao “Grupo dos dissidentes”, como lhe chama Eça de Queirós.

Na memória do Poeta ficam profundamente gravadas as palavras proclamadas por este grupo: “a poesia não pode ser apenas arte, distração e beleza tem de ser algo mais, tem de ocupar-se da humanidade, ou seja, dos mais fracos, dos mais pobres para que o deixem de ser”<sup>109</sup>.

Quando os jovens estudantes de Coimbra que compunham a Geração de Setenta, mais velhos que Guerra Junqueiro, abandonam a cidade onde decorrera a sua formação, passa a ser outra a camaradagem literária do autor. João de Oliveira Penha e o seu jornal *A Folha* tornam-se a sua companhia dilecta, tendo colaborado assiduamente neste jornal e sofrido as influências que Fidelino de Figueiredo classifica do seguinte modo:

---

<sup>108</sup> AZEVEDO, Manuela de, *op. cit.* p. 21.

<sup>109</sup> AZEVEDO, Manuela de, *op. cit.*, p. 22.

"No pequeno meio de Coimbra se condensavam e formavam em corpo de ideias, as influências mais díspares e das mais heterogêneas proveniências. O Orientalismo, [...] a Filologia, a Metafísica alemã, o Realismo francês, a Filosofia da história, o Socialismo, [...] a Poesia humanitária, [...] o Satanismo de Baudelaire, a Crítica de Renan [...] e o Realismo de Flaubert, foram os principais modelos dessa geração de irreverentes" <sup>110</sup>

Hesitante entre duas escolas literárias, o Romantismo e o Realismo, Abílio Manuel Guerra Junqueiro, no início da sua criação literária, ainda se mantém fiel aos princípios da infância no sentimento poético da dor e da saudade, seguindo de perto o seu primeiro mestre, o ultra-romântico Soares dos Passos. <sup>111</sup>

A propósito da participação do poeta no jornal *A Folha* de João Penha, Manuela de Azevedo afirma:

“É o altar onde vão lançar apóstrofes e estrofes todos os poetas malditos a que chamarão Geração de Setenta. João Penha é o pólo que atrai Gonçalves Crespo, Bernardino Machado, Teófilo Braga, Guilherme de Azevedo, Cândido de Figueiredo, Antero de Quental, Eça de Queirós, Gomes Leal, Castilho, Camilo e o jovem Guerra Junqueiro. Dois paradoxos, dois eclectismos patuscos de Penha que deseja a sua folha aberta a todas as correntes.”

Indubitavelmente, *A Folha* é um jornal fascinante, pois que nele vão “desaguar” e se discutem: a notícia dos “faits divers”, a literatura, as ciências, a política, entre outros domínios.

---

<sup>110</sup> *Apud* CAMPOS, Agostinho de, Junqueiro, *Verso e Prosa*, 2ª edição, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921, pp. XII-XIII.

<sup>111</sup> A propósito das suas influências, vejam-se as primeiras obras poéticas de Guerra Junqueiro, de chancela claramente romântica, a tocar, mesmo, o Ultra-Romantismo: «Vozes sem Eco» (1867), «*Baptismo* de Amor» (1868) e «*Misticae Nuptiae*» (de 1866).

Relativamente à sua vida pessoal e profissional, o escritor seguiu, por algum tempo, a carreira administrativa (foi secretário dos Governos Civis de Angra do Heroísmo e Viana do Castelo). No cumprimento da sua profissão conhece a esposa, Filomena, que será a sua musa inspiradora e lhe oferecerá toda a vida o carinho e protecção maternal que não teve quando menino.

Chegou a ser deputado pelo Partido Progressista, pelo círculo eleitoral de Macedo de Cavaleiros, desempenhando o cargo de Ministro na Suíça (correspondente à actual função de embaixador), mas cedo se afasta da vida política, não só por temperamento, como por limitações de saúde.

Dividindo o tempo entre a cidade e o campo, dedicou-se à lavoura nas suas terras de Barca de Alva. A propósito da sua faceta de agricultor, associada à de criador literário, diz Raul Brandão:

"Na Barca tem o poeta uma casota de cão, com os muros ainda em osso e uma varanda, onde passeia todo o dia infatigavelmente. De quando, em quando, escreve na cal da parede versos ou contas [...] Quanto a Junqueiro, a sua paisagem querida é a paisagem transmontana, a grave, revolta e grandiosa como o seu génio."<sup>112</sup>

Por temperamento e educação, por solicitação intrínseca, reforçada pelas influências ambientes, Guerra Junqueiro vai ser grande parte da sua vida um poeta social e político, atento aos acontecimentos históricos que se desenrolavam em Portugal e no mundo e inclinado a considerá-los sempre com visão liberal, democrática ou revolucionária.

A corroborar a nossa afirmação, atentemos nas palavras de A. Carneiro Leão:

---

<sup>112</sup> BRANDÃO, Raúl, «Guerra Junqueiro – Poeta e Panfletário», in *Vamos Lêr*, n.º 22, Rio de Janeiro, 1937, p. 4.

"Em Junqueiro era o universal, era o mundo do exterior, a vida dos que amam, sofrem, cantam, choram, riem, vivem! [...] Como cantor social, ele se exterioriza inteiramente. Nesse sentido, a poética junqueiriana é impressionante. Nela, ao lado da visão local da boa gleba portuguesa, da brava gente lusitana, sente-se, estuando, a alma universal em seus anelos de ascensão." <sup>113</sup>

Para ilustrar o que anteriormente enunciámos, daremos alguns exemplos: quando, em 1870, se deu o desastre de Sédan, Guerra Junqueiro, que ia fazer vinte anos, compôs e publicou o poemeto «Vitória da França» e, em 1873, quando se proclama a república no país vizinho, logo Junqueiro celebra o facto com o poemeto «A Espanha Livre», última das composições que precedem a publicação do seu primeiro livro, *A Morte de D. João*.

Emotivo e impulsivo, entre a crença e o anticlericalismo, entre o amor e o ódio, entre o perdão e a condenação, Guerra Junqueiro reconhece que o homem não será livre, enquanto estiver sujeito aos condicionalismos que o colocam abaixo da condição humana.

Parafraseando Manuela de Azevedo: “Homem de origens brotadas da terra, que é lá que nasce o espaço braçal, sente que a sua poesia tem de ficar ligada, pelos seus ideais, ao destino de um povo miserando” <sup>114</sup>.

Embora a sua obra tenha despoletado acesa polémica, levantando paixões e ódios, facto que ainda hoje se mantém, “ a morte do Poeta teve enorme eco nacional e o seu corpo foi depositado nos Jerónimos, em ambiente de glorificação” <sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> LEÃO, A. Carneiro, «Guerra Junqueiro, o Cantor de uma Época», in *Prometeu - Revista Ilustrada de Cultura*, nº 5-6, 1949-1950, pp. 183-184.

<sup>114</sup> AZEVEDO, Manuela de, *op. cit.*, p. 24.

<sup>115</sup> COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987, 2º vol., p. 513.

É importante protestar contra a desvalorização e subvalorização sistemáticas da obra de Junqueiro, afirmada sem crítica pelo Modernismo da Presença e sustentada com crítica infundamentada pelos ensaístas da Seara Nova (Raul Proença e António Sérgio).

Homens da têmpera combativa de Junqueiro não poderão ser esquecidos, porque há neles uma semente de vida e de luta que é de todos os tempos. Hoje, mais que nunca, tem Junqueiro que ser considerado um poeta de coragem e desassombro.

## 1.2- A Obra de Guerra Junqueiro

### 1.2.1- Dispersão por Modos e Géneros literários

Certo dia, Guerra Junqueiro confessou ao seu amigo e biógrafo, Luís de Oliveira Guimarães: “Os políticos consideram-me um poeta; os poetas um político; os católicos julgam-me um ímpio; os ateus um crente”<sup>116</sup>. Mais tarde, Helena da Rocha Pereira diria: “Entre os grandes poetas que brilharam na segunda metade do século XIX, nenhum provocou mais desencontradas críticas à volta da sua obra do que Guerra Junqueiro”.<sup>117</sup>

Partindo do mote atrás apresentado, podemos concluir que não há na literatura portuguesa um autor mais estranho, mais contraditório e discutido, mais odiado e idolatrado que este.

A crítica, porém, raras vezes tem sido justa e imparcial: obedecendo, geralmente, a uma ideia preconcebida, uns, os detractores, criticam-no; outros, os panegiristas, elevam-no, considerando-o um iluminado, um santo, chegando mesmo a consagrar-lhe ditirambos.

Guerra Junqueiro não deve ser analisado parcelarmente, nem estudado por blocos estanques. A sua obra deve ser vista na globalidade, entendendo-se esta pela poesia, a prosa, incluindo as próprias conversas particulares com os seus amigos. Só desta forma se poderá compreender o Autor e avaliar o excesso das críticas antagónicas.

O autor escolheu sobretudo o modo lírico para se manifestar literariamente, sobretudo através da poesia que ganha contornos sociais, religiosos e satíricos de grande densidade dramática.

É nesse contexto que se entendem as palavras de Amorim de Carvalho, quando enfatiza a diversidade permitida pela poesia: "A poesia é, na verdade, pensamento; e tão multiforme como o

---

<sup>116</sup> GUIMARÃES, Luís de Oliveira, *Junqueiro e o Bric-à-Brac*, Lisboa [s.n.], 1942, p. 5.

<sup>117</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *As Imagens e os Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*, Lisboa, Livraria Portugália, 1950, p. 6.

pensamento, isto é, como a vida do homem, traduzindo-lhe os gestos, as paixões e as atitudes mentais”.<sup>118</sup>

Nenhum escritor pode ser estudado fora de certas condições morais, sociais e estéticas do seu tempo, resultando deste facto uma feição comum que podem ter as obras de determinadas épocas.

Guerra Junqueiro não é caso excepcional e também ele bebeu do contexto histórico, social e literário da sua época. No entanto, destacou-se por ser mentor de uma escrita autónoma, o que faz dele um grande autor. Amorim de Carvalho diz a este respeito:

"O modo como os escritores se comportam sob essas influências ambientes, em que há superioridades e mediocridades é que distingue uma obra superior de outra medíocre. [...]

Só os artistas superiores são capazes de apreender esteticamente o que de mais vivo, íntimo, humano, duradouro, se contenha no meio em que vivem, sentem, pensam e criam.

Os artistas superiores não fogem, pois, à influência que seja a captação da Vida e do Humano, no que estas palavras significam de fonte eterna de emoção, de verdadeira mensagem a ligar, no mesmo anseio espiritual, as idades que foram e aquelas que hão-de ser."<sup>119</sup>

Não é nossa pretensão, nesta fase do trabalho, debruçarmo-nos em pormenor sobre a personalidade do autor ou a obra que constitui objecto do nosso estudo, mas somente apresentar uma visão de conjunto.

Segundo Amorim de Carvalho, na produção literária de Guerra Junqueiro podem demarcar-se três estádios, que correspondem a

---

<sup>118</sup> CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro (A sua Obra Poética)*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 17.

<sup>119</sup> CARVALHO, Amorim de, *op. cit.*, p. 17.

outras tantas metamorfoses da sua evolução psicológica: Tese Mística, Tese Político-social e Tese Filosófica.<sup>120</sup>

A primeira tese corresponde ao período em que o poeta está na Faculdade de Teologia e é constituído pelas composições da sua estreia literária, de carácter marcadamente romântico, em que já se esboçam futuras tendências filosóficas e se denuncia o seu espírito combativo e demolidor. São as «Misticae Nuptiae» (1886), o «Baptismo de Amor» (1868) e outros poemas, tais como, «Vitória da França» (1870), «À Espanha Livre» (1873) e «O Crime» (1875).

A segunda, Tese Político-social, começa quando o Poeta entra na Faculdade de Direito e, no contacto com muitos dos valores espirituais da época, absorve, por assim dizer, as novas ideias. Em prefácios e notas em prosa, que o autor faz questão que acompanhem sempre as suas obras poéticas, esclarece a sua posição político-social:

"um humanismo fraternalista e cristão na justiça e na liberdade social e política. Para o atingir plenamente, será preciso combater a devassidão duma burguesia decadente [...] e será preciso combater a educação clerical e o intolerantismo de um clero "ateu" [...] e será ainda preciso combater a corrupção dos dirigentes da Nação ou falsas elites."<sup>121</sup>

Esta fase inicia-se com *A Morte de D. João* (1874), a que se seguem *A Musa em Férias* (1879), *A Velhice do Padre Eterno* (1887), *Finis Patriae* (1891) e *Pátria* (1896), obras nas quais satiriza os costumes, a religião e a política. Esta é, sem dúvida, a tese ou fase de maior extensão na sua obra poética.

Finalmente, a última fase, Tese Filosófica, abarca *Os Simples* (1892), a *Oração ao Pão* (1902) e a *Oração à Luz* (1904) e, de maneira geral, os seus últimos escritos, em que envereda por um novo

---

<sup>120</sup> CARVALHO, Amorim de, *op. cit.*, p. 18 .

<sup>121</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel, Guerra, Introdução à obra *A Morte de D. João*, *Obras Completas de Guerra Junqueiro*, Porto, Lello e Irmão- Editores, s./d., p. 141.

caminho, tendendo para uma atitude mais calma, até se converter num contemplativo, em êxtase perante a natureza. O panteísmo do autor adensa-se em obras que são, por assim dizer, a continuação d' *Os Simples* e cuja doutrina, por sua vez, havia de ter pleno desenvolvimento num trabalho de índole filosófica que Junqueiro anunciou como a sua melhor obra, mas que nunca chegou a ser editado, *A Unidade do Ser*.

A tese propriamente filosófica resume ou inclui a político-social, pelo seu desejo fraterno do humano.

A perspectiva de Leonardo Coimbra, quando analisa a obra do autor, é um pouco díspar. Em sua opinião, "a sua obra tinha uma parte polémica, uma parte de lírico entretenimento junto do coração dos simples e, uma última parte, de reconstrução espiritualista".<sup>122</sup>

Não será difícil compreender que na parte polémica se incluem: *A Velhice do Padre Eterno* (1879), *A Morte de D. João* (1874) e *Pátria* (1896); o período de serenidade lírica é marcado por *Os Simples* (1892), algumas composições líricas dispersas e *A Musa em Férias* (1879). Ao período de reconstrução espiritualista pertencem a *Oração ao Pão* (1902) e *Oração à Luz* (1904), as obras póstumas e inacabadas, *O Caminho do Céu* (1925) e *Prometeu Libertado* (1926), bem como alguns excertos do livro, que não seria nunca publicado, *A Unidade do Ser*.

Conforme havia anunciado há muito, Junqueiro julgava ser necessário afirmar a Justiça, encarnada em duas figuras sublimes: Cristo e Prometeu, o que consegue levar a cabo nalgumas obras, se atentarmos em alguns dos títulos atrás referidos.

Prometeu, herói rebelde da mitologia pagã, representa o domínio do homem sobre a natureza. Jesus encontra-o, converte-o ao cristianismo, libertando-o dos liames materiais, assistindo-se, assim, à vitória da religião cristã, ou seja, ao predomínio do Homem espiritual sobre o Homem material.

---

<sup>122</sup> COIMBRA, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, Edição de A Renascença Portuguesa, 1923, p. 22.

N *'O Caminho do Céu*, obra incompleta, o Poeta retrata-se como um peregrino que, abrasado de remorsos, procura, pela virtude e pelo esforço, conquistar a graça de Deus, marchando pelo caminho das tribulações e do arrependimento.

O Poeta, que vai acabar por inserir as suas reflexões de ordem humana, social, filosófica e, até, política em relações universais e por apresentar sobre todos os fenómenos da vida uma óptica cósmica, inicia o seu percurso literário quase sem interesses para além da simples análise e reflexão sobre os fenómenos sociais humanos: o direito, a política, os costumes e a religião.

O discurso do poeta é frequentemente marcado por um tom de protesto contra a política nacional, contra a Igreja e contra a devassidão.

Animado de fervor jacobino, planeia uma trilogia cujo tema é a vitória da Justiça na Terra: *A Morte de D. João* e *A Velhice do Padre Eterno*, sendo a terceira peça da trilogia a sua parte construtiva, a exaltação da Justiça, encarnada em duas figuras sublimes: Cristo e Prometeu ou a Fé e a Razão humanas conciliadas. Esta peça chamar-se-ia, *Prometeu Libertado*; no entanto, deste poema ficou apenas um esboço que viria a ser editado postumamente, em 1926, com Prefácio de Luís de Magalhães.

Em 1874, Guerra Junqueiro publica *A Morte de D. João*, evidenciando a sua tendência religiosa e as suas preocupações sociais. Sobre esta obra afirma o autor:

"A poesia é a verdade transformada em sentimento. A lei descoberta por Newton tanto pode ser explicada num livro de Física, como cantada num livro de versos [...] O século XIX liquidou o Universo. A nossa época é uma época de análise, de crítica, de observação e a poesia, como todas as artes, há-de infalivelmente obedecer a essa tendência irresistível".<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> Apud RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Editorial Inquérito, s./d., pp. 34-35.

É bem visível neste curto comentário a importância que Junqueiro atribui ao espírito positivista que marcou o século XIX, fazendo extensivos à poesia, os rigorosos princípios analíticos aplicados nas ciências exactas.

Esta colectânea poética teve um grande êxito. Impregnada de fegosidade satírica, abundância de imagens e fluência literária, conquistou o público, particularmente sensível à comoção das passagens líricas, ainda impregnadas de Romantismo. No entender de Leonardo Coimbra, com esta obra: "Junqueiro vai dar a palavra à Justiça, anima as grandes abstracções verbalistas, de propaganda política e mata o D. João pelo abandono e pela fome." <sup>124</sup>

É ainda o seu optimismo naturalista que mostra que a miséria e a doença são castigos naturais para os que não sabem viver com dignidade moral.

Nesta época da sua criação literária, se pelo tom oratório, o impulso combativo e a ambição de reforma social, Junqueiro manifesta algum Romantismo, o seu amor pela nitidez e pela análise científica fazem-no assumir um certo Naturalismo. Por outro lado, a influência de Baudelaire manifestada em algumas sequências aproximam-no do Decadentismo e do Satanismo. <sup>125</sup>

José Régio define este eclectismo literário de Guerra Junqueiro, usando as seguintes palavras: "A ironia amarga, o humorismo sarcasta, o cinismo criticista, o espírito de revolta, a artificialização da inteligência são características não só do seu D. João, mas, até certo ponto, do autor; e são águas profundas". <sup>126</sup>

Em 1879, vem a lume *A Musa em Férias* e, após um período de relativa esterilidade, em que apenas compõe alguns dos trechos coligidos nas *Poesias Dispersas* (1920), cria *Os Simples* (1892).

---

<sup>124</sup> COIMBRA, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, Edição de A Renascença Portuguesa, 1923, p. 35.

<sup>125</sup> Cf. CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Análise Crítica, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, Cap. XV.

<sup>126</sup> RÉGIO, José, *op. cit.*, p. 36.

*Os Simples* é, para a grande maioria dos especialistas e críticos junqueirianos, a obra mais conseguida do autor, traduzindo uma inspiração nova, mais íntima.

Segundo Leonardo Coimbra, "*Os Simples* é um livro eterno, não é melhor, nem pior que os outros livros de eternidade. É a palavra humana, saindo de um coração que contactou com Deus".<sup>127</sup>

Exaltando os puros e os humildes e traçando quadros de uma simplicidade bíblica, a cada passo o autor nos surpreende pela sua imaginação poética através da qual "eteriza a matéria e plasticiza o sonho".<sup>128</sup>

N' *A Velhice do Padre Eterno* (1887), em *Finis Patriae* (1891) e em *Pátria* (1896) continua Guerra Junqueiro, com mais ou menos beleza formal, as tendências reveladas em *A Morte de D. João*, quer atacando a ortodoxia católica e a monarquia, quer enveredando por um lirismo desinteressado e profético.

Com efeito, não é possível separar a obra de Guerra Junqueiro da questão social e do problema religioso. O poeta sempre criticou, sem qualquer temor, os membros do clero que tinham negligências pecaminosas, tal como condenou abertamente os magnatas e os potentados que tripudiavam sobre povos e nações.

Na maior parte das composições d' *A Velhice do Padre Eterno*, Junqueiro ataca a Igreja, como instituição, manifestando uma clara tolerância em relação aos que acreditam, com uma fé pura (povo), nos dogmas e mistérios estabelecidos pela ortodoxia católica, permitindo-lhes a continuidade das suas crenças.

Junqueiro opõe, algumas vezes, as angústias do seu pensamento metafísico e insatisfeito, a esta simplicidade de pensar e de crer do povo. Resta-lhe desprender-se do desespero de homem culto, pela revivência mental dos ambientes longínquos do seu

---

<sup>127</sup> COIMBRA, Leonardo, *op. cit.*, p. 41.

<sup>128</sup> COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987, 2º vol, p. 514.

passado infantil, onde o Poeta se vai reencontrar com a pureza da religiosidade popular.

A este título, relembremos algumas passagens do poema que abre *A Velhice do Padre Eterno* («Aos Simples»):

"Minha mãe, minha mãe! Ai que saudade imensa/ Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti. / [...] E, mãos postas ao pé do altar do teu regaço, / [...] Eu balbuciava a minha infantil oração/ [...] O meu coração puro, imaculado e santo/ Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai / Para toda a nudez um pano do seu manto, / Para toda a miséria o orvalho do seu pranto/ E para todo o crime o seu perdão de Pai." <sup>129</sup>

O homem e a obra, de acordo com o testemunho dos seus amigos e contemporâneos, constituem um todo harmonioso, onde nacionalismo e universalismo se reflectem de forma complexa e em que passado, presente e futuro se encontram.

Atente-se na valorização que faz relativamente aos hábitos e costumes da sociedade campesina da sua época, ou na preservação da moral e civismo que, em seu entender, caracterizam o bom português. Lembremos, a este título, a colectânea de *Contos para a Infância* (1877), um dos raros momentos da sua produção literária dedicados ao modo narrativo, em que o autor faz questão de transmitir aos mais novos determinadas formas, que considera correctas, de se ser um bom cidadão nacional, bem como o orgulho que devem ter por ser portugueses, colocando sempre a tónica na humildade e simplicidade, como mostraremos em momento ulterior, no que constituirá o fundamento do nosso trabalho.

As obras em que Junqueiro claramente revela a sua feição mais nacionalista e o orgulho de pertencer à raça lusa são: *Finis Patriae* (que inclui o poemeto «À Inglaterra») e *Pátria*.

---

<sup>129</sup> Cf. JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia) – A Velhice do Padre Eterno*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 340.

Tanto num, como noutro texto, é evidenciado e criticado o procedimento da Inglaterra para com Portugal na questão do *Ultimatum*.

O autor critica também a inoperância e debilidade moral do poder político de então.

A diferença entre os textos, atrás referidos, consiste na forma literária assumida por cada um deles: enquanto *Finis Patriae* é uma peça lírica em discurso poético, *Pátria* é uma peça dramática, também escrita poeticamente. A propósito da redacção desta última obra, diz o autor:

" Entre fazer a Pátria e escrever o Prometeu Libertado hesitei muito. Por fim decidi-me pela Pátria, que é a visão do momento histórico português *sub specie aeternitatis*. Toda a minha obra tem uma grande significação moral e aquele livro era o que eu devia, naquele momento à minha pátria." <sup>130</sup>

Em *Pátria*, sob modalidade de texto dramático, com 23 cenas, pertencentes a um único acto, Junqueiro apresenta uma visão histórica, parcial e diminuta, onde apenas o louco, com um livro na mão, sem saber ler, tem a grandeza judaica dum povo à espera de resgate. O resgate é a República, e isso, fora do grande sopro patriótico e messiânico, dá ao quadro as proporções restritas de um quadro político.

Estamos, claramente, perante um Junqueiro fortemente crente nas virtualidades da República como regime político, com respostas concretas para os problemas do Portugal da época.

As obras *A Morte de D. João*, *A Velhice do Padre Eterno*, *Os Simples* e *Pátria* parecem-nos ser os marcos essenciais da poesia junqueiriana. Em todas elas, o lirismo de Guerra Junqueiro tem uma

---

<sup>130</sup> CAMPOS, Agostinho de, «Junqueiro, Vida e Obra», in *Prometeu - Revista de Cultura*, nº- 5-6, Porto, 1949-50, p. 52.

característica que, a nosso ver, o universaliza: é um lirismo voltado para o mundo exterior, para o que o rodeia, a natureza e os homens.

Guerra Junqueiro consegue exteriorizar sempre o seu subjectivismo, preferindo, conseqüentemente, o modo lírico, ao invés do narrativo ou do dramático.

Além dos aspectos já focados, a sátira ou a crítica através do cómico é outra faceta notável do autor.

O leitor não ri do que é natural, mas de uma inadequação entre dois factos, que tem como consequência quebrar a naturalidade ou manter uma pretensa naturalidade, que não é tomada a sério.

Muitos acusam Junqueiro de cultivar uma poesia panfletária. Contradiz esta opinião Amorim de Carvalho, quando afirma que "toda a poesia superior, porque é mensagem é panfleto".<sup>131</sup> Em Junqueiro, esse panfleto não se confina à estreiteza do lirismo subjectivo, exprime ideias e inquietações próprias dos homens de todos os tempos, realçando-se, deste modo, a universalidade do poeta.

A crítica surge em Guerra Junqueiro, com todo o calor lírico e épico apreendido de Vítor Hugo e representa, em nosso entender, uma importante renovação da nossa sátira.<sup>132</sup>

O riso de Junqueiro assemelha-se ao de Eça e ao de Ramalho: é o riso que uma época, impregnada de espírito crítico, criou como processo simultaneamente destrutivo e construtivo, castigando e educando.

Muitas vezes, o recurso à ironia e à sátira ultrapassa a malícia branda para se tornar mesmo violento, tocando a caricatura grotesca. Abundam na obra de Guerra Junqueiro, mesmo nos pormenores, exemplos de grande poder caricatural. O realismo prosaico é costume antigo nos poetas humorísticos, mas o Poeta usa-o com particular habilidade, fazendo-nos cair, subitamente, de uma alta visão poética,

---

<sup>131</sup>CARVALHO, Amorim de, «Guerra Junqueiro perante o Modernismo», in *Prometeu - Revista de Cultura*, nº5-6, Porto, 1949-50, p. 251.

<sup>132</sup> Cf. CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Análise Crítica, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, Cap. XV.

na visão do realismo prosaico. Veja-se, a título de exemplo, os poemas «Semana Santa» e «O Melro», ambos da obra *A Velhice do Padre Eterno*.

Através do cômico, o poeta conseguiu uma poderosa arma de combate e de crítica. O cômico é apenas uma das formas verificadas na sua produção literária, porque ambas as facetas da sua escrita, a humorística e a passional, determinam com grande relevo a expressão artística do autor.

A propósito do uso da ironia na obra de Guerra Junqueiro, afirma Leonardo Coimbra que "a ironia tem um aspecto de pedagogia social, como muito bem viu Bergson e pode atingir um aspecto transcendente".<sup>133</sup> Quando Guerra Junqueiro utiliza o processo da ironia é sempre com intenções moralizantes, de profilaxia moral.

Guerra Junqueiro é incapaz de ser estritamente satírico, apenas humorista, somente político, ou simplesmente filosófico ou revolucionário: ele é tudo isso.

Ainda que se recolha, frequentemente, no seio da Natureza, o Poeta leva consigo, mesmo que o não queira, todas as suas inquietações filosóficas e todos os anseios que constituem a substância da sua poesia que, independentemente de ganhar contornos do modo lírico, dramático ou narrativo, é sempre largamente socializada e inspirada nas ideias eternas da Verdade, da Justiça, do Direito e do Amor.

É na Natureza que Junqueiro julga encontrar como que a panteização das ideias e princípios, anteriormente enunciados. Já o dissera no poema «O Melro», da obra poética *A Velhice do Padre Eterno*, ao afirmar: "Ó Natureza, a única bíblia verdadeira és tu!..".<sup>134</sup>

Pela intensidade da sua vivência, sendo apologista de uma harmonia total entre os seres vivos e a Natureza, e porque é um dos

---

<sup>133</sup>COIMBRA, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, Edição de A Renascença Portuguesa, 1923, p. 23.

<sup>134</sup> Cf. JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia) – A Velhice do Padre Eterno*, Porto, Lello & Irmão - Editores, s./d., p. 411.

mais profundos intérpretes do sentimento cristão de fraternidade, o autor lembra muito o ecumenismo de S. Francisco de Assis.

Junqueiro considera a sua obra como uma unidade perfeita, mas uma unidade que evolui e progride.

Dessa obra, porém, o público ignora a parte principal, constituída pelas suas conclusões filosóficas, resultantes de meditações e estudos a que o poeta se entregara desde cedo e que continuam inéditos.

A propósito deste trabalho diz-nos o autor:

"Esses papéis não serão publicados, ou não o serão pelo menos na minha vida [...] Dentro de breves dias vou partir para a minha casa do Porto, onde começarei a escrever esse livro [...] Não posso fazer mais, e bem contente ficarei se fizer tanto; porque de contrário, e apesar da obra poética que tenho publicada, se não conseguir levar a cabo este trabalho, morrerei desconhecido." <sup>135</sup>

Abílio Manuel Guerra Junqueiro foi essencialmente um Poeta, pese embora tenha escrito também duas peças de teatro: *Viagem à Roda da Parvónia* (1879) e *Pátria* (1896); três compilações de textos narrativos: *Contos para a Infância* (1877), *Prosas Dispersas* (1921) e *Antologia para a Juventude* (obra póstuma de 1950), uma obra de carácter biográfico, *Edith Clavell* (1916) e uma dissertação científica *Théorie de Certaines Actions Radio-biologiques* (1910).

Acreditamos que não é difícil compreender porque Junqueiro escolheu predominantemente a forma poética para se exprimir, se tivermos em mente as palavras de Amorim de Carvalho:

"A Poesia é tão ampla como o Homem e como a Vida, e nada do que é do homem e da vida lhe é estranho - seja uma noite de luar, seja uma saudade de amor, seja a ideia de Deus,

---

<sup>135</sup> CAMPOS, Agostinho de, «Junqueiro, Prosa e Poesia», in *Revista Prometeu*, Nº 5-6, Porto, 1949-50, p. XXIX.

seja o desespero do ódio. Um estímulo e um poeta é que determinam a obra chamada poesia. A este último interesse (poesia) reduzem-se todos os outros." <sup>136</sup>

De tudo o que dissemos, resulta em Guerra Junqueiro um hibridismo genológico, sob o qual a análise da sua obra deve ser feita. Os seus textos líricos apresentam, não raro, uma feição narrativa e os seus textos narrativos revelam uma feição lírica. Por fim, nos seus textos dramáticos, momentos líricos e narrativos estão igualmente presentes.

Segundo Laurent Jenny, no seu artigo, « O Poético e o Narrativo », “ os poemas por muito líricos que sejam, também nos contam histórias, à sua maneira” <sup>137</sup> A título de exemplo, pensemos no macrotexto lírico de Junqueiro, *Os Simples*, que se encontra na confluência dos modos dramático e narrativo.

Ao ler as composições poéticas que compõem esta obra, tem-se a impressão de que é toda uma vida que eles narram, selada no metal de algumas palavras, a que se chama evocação.

Na essência mística ou lírica de toda a produção junqueiriana predomina um ilimitado amor à arte, à liberdade do espírito e do coração e à liberdade da raça humana. Tal justifica-se, como acabámos de dizer, pela fusão entre a razão e a emoção em cada momento da sua atenta observação da vida.

---

<sup>136</sup> CARVALHO, Amorim de, «Guerra Junqueiro perante o Modernismo», *Prometeu - Revista de Cultura*, nº5-6, Porto, 1949-50, p. 251.

<sup>137</sup> Cf. JENNY, Laurent, «O Poético e o Narrativo», in *Poétique*, nº 28, Revista de Teoria e Análise Literária, (Tradução de Leocádia Reis e Carlos Reis), Coimbra Almedina, 1982, pp. 95-109.

## 1.2.2- Autonomia em Relação a Escolas e Períodos Literários

Abílio Manuel Guerra Junqueiro foi, em finais do século XIX, inícios do século XX, um dos mais notáveis poetas portugueses. Independente em relação a ideologias também não se confinou a nenhuma Escola, nem se circunscreveu a nenhuma tendência literária: foi romântico, realista e simbolista.

Melhor que qualquer outro poeta peninsular, ele foi o cantor de uma época, representando um período significativo da evolução da sociedade portuguesa.

A personalidade de Guerra Junqueiro evoluiu num ambiente de afirmação, em que o Romantismo e o Cientismo encarnavam o mesmo ideal apaixonado de libertação e valorização do indivíduo e do espírito humano, que vinha desde a Revolução Francesa.

De resto, toda a obra de Junqueiro reflecte o romantismo e cientismo que caracterizam a época em que viveu, no que eles contêm de verdadeiro face ao homem, isto "à face dos factos e à face do ideal; em frente ao realismo do que é e em frente ao romantismo do que deve ser".<sup>138</sup>

A mesma posição tem Jacinto do Prado Coelho, ao afirmar: "Há duas faces na sua obra: uma virada para o circunstante, o imediato, a acção política, outra para o mundo interior, os sentimentos individuais (líricos) e o eterno, o divino."<sup>139</sup>

Guerra Junqueiro quis ser poeta "filosófico" e aliar Ciência e Poesia, segundo as directrizes culturais da época em que viveu. Mais tarde, numa última fase da sua produção poética, a sua "filosofia" modificou-se e ampliou-se, miscigenando um Cristianismo interior, depurado de sofrimento (de apologia da humildade e triunfo da caridade), com um Evolucionismo panteísta, pretendendo dar à

---

<sup>138</sup> CARVALHO, Amorim de, «Guerra Junqueiro perante o Modernismo», *Prometeu - Revista de Cultura*, nº5-6, Porto, 1949-50, p. 251.

<sup>139</sup> COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987, 2ºvol., p. 513.

metafísica uma explicação científica, na obra, que não verá a publicação, *A Unidade do Ser*.

Junqueiro foi um poeta intensamente romântico, ao mesmo tempo, com inquietações filosóficas e de combate social. Se nas suas primeiras publicações começou por sofrer a influência de Soares dos Passos, o seu Romantismo já trazia em embrião um interesse intelectual e revolucionário. A poesia «Baptismo de Amor» (1868) vem confirmar este facto.

No entender de Amorim de Carvalho, "Apesar das repetições flagrantes de palavras e motivos, a influência pessoal de Passos sobre Junqueiro parece não ter ido além do estado subconsciente, e menos por afinidade psicológica do que por dependência circunstancial e psicológica".<sup>140</sup>

Para Jacinto do Prado Coelho, "o caso Junqueiro continua a estar envolvido no velho diferendo entre tradicionalistas e republicanos liberais, ou na acesa peleja entre racionalistas e paladinos da intuição, da "iluminação poética".<sup>141</sup>

É com *A Morte de D. João* (1874) que o Poeta acorda verdadeiramente e mostra o seu génio. Ainda há influências de Soares dos Passos, mas chega a ser difícil descobri-las, de tal modo Junqueiro já elabora pessoalmente as sugestões recebidas, numa recriação que dá às sugestões uma realidade nova. O tema da criança orfã e o tema do sofrimento que se apaga na orgia, tratados em «Baptismo de Amor» (1868) são exemplos acabados do que anteriormente enunciámos.

Neste poema, o Romantismo combativo de Junqueiro surgia vivo como os cânticos de batalha, ganhando contornos de um Realismo romantizado, em que a análise e a razão científica dominavam.

---

<sup>140</sup> CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 26.

<sup>141</sup> COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987, vol.2, p. 515.

Quando nos referimos a Romantismo combativo, fazemo-lo porque Guerra Junqueiro não se limita à contemplação saudosista do passado histórico e das velhas tradições. Agitando-se no palco do tempo em que vive, prefere encarar as realidades fortes da actualidade. Deste modo, se evoca o passado é para o relacionar, como lição, com o presente, tal como é visível em *A Morte de D. João* (1896).

Com todas as suas ideias sociais e filosóficas de preocupação científica, Junqueiro é um lírico que talvez teimasse em não o ser. *A Morte de D. João* é uma obra de intuito combativo realizada por um poeta eminentemente lírico. O desequilíbrio dos episódios e inexistência de um fio ideológico condutor, de que alguns críticos o acusam, terá resultado, em nosso entender, do enfaixamento de poesias que, correspondendo a diferentes momentos da sua produção poética, se teriam adaptado, mais tarde, ao plano do trabalho.

Atentemos nas palavras do Poeta sobre o propósito da escrita do seu *D. João*:

"O assunto do meu poema é a corrupção, a libertinagem duma parte da sociedade, corrupção manifestada na literatura desde o idealismo ingénuo e dissoluto do *Rafael* de Lamartine, até ao realismo descarado e vil dos escritores do segundo império. Encarnei em D. João a síntese desta ideia." <sup>142</sup>

À imagem da obra *A Morte de D. João*, também *Pátria* é uma obra marcada por um tom combativo e de contestação. Em *Pátria*, porém, ao contrário de *A Morte de D. João*, Junqueiro escolheu um tema político e nacionalista. Como resultado de angustiantes hesitações, sob os terrores que lhe infunde a aparição de um Doido (que é o símbolo da Pátria), o rei assina o tratado pelo qual Portugal aliena, em proveito da Inglaterra, alguns dos territórios que possuía

---

<sup>142</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Prefácio de A Velhice do Padre Eterno», in *Obras de Guerra Junqueiro*, Porto, s./d., Lello & Irmão- Editores, p. 411.

em África. No entender do autor é preciso que se empunhe novamente a espada de Nun'Alvares, para que a Pátria ressurja.

Esta é uma obra de fôlego muito bem feita, apresentando uma tese política que é a mistura do cesarismo messiânico de Oliveira Martins com o que de mais simples contém o pensamento revolucionário dos homens que fizeram a República.

Também de carácter combativo e de contestação é a obra *A Velhice do Padre Eterno* (1885), uma colectânea poética que visa primordialmente a reorganização da Igreja/instituição. O Poeta reivindica-a, em nome das mais belas reivindicações democráticas do século XII, admitindo o valor da fé, mas solidarizada com a razão. No seu entender, Fé verdadeira é aquela que encara face a face a Razão em qualquer época da humanidade.

*Os Simples* (1892), livro que o Poeta interventivo dificilmente deixava adivinhar, constitui uma epopeia lírica: um peregrino deixa o lar e a aldeia para correr mundo em busca de glória, fama e riquezas, mas volta desiludido.

A acção como se suspende, para se seguir a série de quadros e narrativas da vida simples da aldeia, com as crenças religiosas próprias, apresentadas na sua candura infantil e idealística e cortadas, de onde em onde, por um pensamento mais elevado do autor. É, no fundo, a técnica das epopeias tradicionais, transportada para a epopeia lírica.

Por fim, o peregrino, idealização da pessoa do autor (Junqueiro chamou a *Os Simples* uma "autobiografia psicológica"<sup>143</sup>), regressa ao lar. A tese é esta: a felicidade reside no contacto com a Natureza.

Esta é, aliás, a obra poética do autor, onde mais claramente está patente o seu sentimento bucólico, embora, este seja subjacente a toda a sua obra.

Junqueiro atinge em *Os Simples*, pelo favor dos humildes, um Naturalismo transcendente. Ele, "pelo pensamento intelectual é um

---

<sup>143</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro- Nota da Obra Os Simples*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 916.

homem da Renascença, mas pela simpatia humana e cósmica que se une a todos os seus, recebe dos humildes o amor de uma natureza purificada da redenção cristã ".<sup>144</sup>

Junqueiro veio de um Panteísmo que, a favor dos humildes, é afinal símbolo de Cristianização.

A par da obra anteriormente referida, *Orações* inclui textos junqueirianos em que está patente, de modo mais claro, o Panteísmo e evolucionismo do autor, influenciados, indirectamente por Hegel e os naturalistas.

Segundo Leonardo Coimbra, *Orações* reflectem a influência dum livro notável e pouco conhecido, que Junqueiro muito amava, a tese filosófica de Jaurés: *De la Réalité du Monde Sensible*. Este livro, fundindo-se com o Panteísmo evolucionista de Guerra Junqueiro, deu o motivo para *Orações*.

A *Oração à Luz (1904)* é uma maravilha de arte poética e de beleza de pensamento. Aí aparece uma comovida atitude religiosa do homem feito verbo de toda a natureza. Junqueiro fizera-se filósofo e, à Espinoza, queria desenvolver esta sua atitude espiritualizante, evoluindo para uma infindável superação espiritual.

Relativamente ao Bucolismo, ele é, em Guerra Junqueiro, mais que o culto da natureza, o sentimento da natureza até à mais comovida ternura.

Antes de prosseguirmos, cumpre precisar a noção de Bucolismo: "O Bucolismo é uma doutrina, ambiente moral da vida simples e sã em contacto com a natureza. Desse ambiente moral resulta o elogio da própria natureza que produziu a vida simples e sã"<sup>145</sup>

Junqueiro é admirável quando nos traça quadros da natureza, tais como as descrições das tempestades, dos espectáculos nocturnos, das manhãs, dos entardeceres, dos dias ardentes de Verão, etc. No

---

<sup>144</sup> COIMBRA, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, Edição de A Renascença Portuguesa, 1923, p. 40.

<sup>145</sup> CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro (A sua Obra Poética)*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 141.

entanto, é n' *Os Simples* onde o Poeta consegue ser exímio na descrição dos quadros bucólicos, chegando a comover-nos profundamente em vários dos seus poemas.

Com todo o seu pendor bucólico, Guerra Junqueiro é, a cada passo, desviado, pela complexidade do seu espírito. É na natureza que julga encontrar como que a panteização das ideias e princípios mais puros da humanidade e em *A Velhice do Padre Eterno* di-lo-á de forma explícita, ao afirmar: "Ó Natureza, / A única bíblia verdadeira és tu!..."<sup>146</sup>

Ainda com referência a *A Velhice do Padre Eterno*, na maioria das composições poéticas que a integram, entre pinceladas de epopeia, encontramos também elementos bucólicos bem definidos: o amanhecer da aldeia, o boi no curral, um cão ladrando, as árvores que rumorejam, a cotovia que canta, o despertar da paisagem e da vida.<sup>147</sup>

Para além de poeta bucólico, Guerra Junqueiro é um grande satírico, de verbo caloroso e pujante e com o dom da lírica e da caricatura. Capaz de surtos admiráveis ou achados muito felizes, digno do nosso apreço, pela inquietação e pelo dinamismo espiritual de parte da sua obra, ele é cativante pela forma comovida como exprime sentimentos comuns, tais como a nostalgia do lar e da infância e ainda pela imagística que usa, muito sugestiva: ora impressiva, ora dum vago simbolismo.

Pierre Hourcade enumerou as características desta nova corrente literária, o Simbolismo, que deve bastante a Eugénio de Castro: "Musicalidade, procura das harmonias vocálicas, desarticulação do ritmo, valor puramente sugestivo e sensual dos símbolos, sucedendo às comparações e o predomínio da atmosfera criada sobre o tema."<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia) – A Velhice do Padre Eterno*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 411.

<sup>147</sup> Cf. JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Morte de D. João- Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 241-272.

<sup>148</sup> *Apud* COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987, 2º vol., p. 514.

O Simbolismo, designação criada por Moréas para substituir a palavra "decadentes" <sup>149</sup>, surge como reacção contra a impassibilidade dos chamados "parnasianos" e o seu princípio geral é que a poesia, sendo a expressão da sensibilidade, não da inteligência do poeta, se deve dirigir à sensibilidade do leitor, procurando sugerir estados de espírito e sensações, ao invés de os anotar, de forma nítida e objectiva.

Para os simbolistas, a sensibilidade, que tem de ser tomada na sua acepção mais lata, pode conter a inteligência emocionalizada, pois na sugestão nunca deixa de intervir um mínimo de operação intelectual, que põe em jogo certas correspondências ou associações de ideias.

Guerra Junqueiro foi, quase sempre, um poeta de pensamento preciso porque quase sempre assim o exigia a natureza dos motivos que constituíam o assunto ou base das suas criações literárias, mas ele soube sempre, também, quando os motivos o pediam, esbater a ideia para nos transmitir a emoção do vago.

O Poeta foi um simbolista admiravelmente compreensivo, pondo nessa compreensão toda a sua originalidade.

A propósito desta faceta de Junqueiro, as opiniões dos críticos dividem-se e se alguns afirmam que é na obra *Os Simples* que o simbolismo é mais claramente visível (sobretudo nas composições «Campo Santo» e «Eiras ao Luar»), alguns especialistas apresentam já *A Morte de D. João* como o seu primeiro trabalho literário a apresentar características pertencentes a esta Escola literária.

O estudo do simbolismo junqueiriano terá, efectivamente, de começar no estudo d' *A Morte de D. João* (1874) quando a consciência de escola da nova forma estava longe de existir no nosso país, mas quando em Junqueiro já existiam vincadas tendências que depois se realizaram amplamente.

---

<sup>149</sup> Cf. CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 249.

Antes de *Os Simples* (1892), a essência humana simbolista preexistia já na sua poesia, embora nos rápidos pormenores que eram afirmações espontâneas da sua intuição do vago e do inefável da existência humana. Atentemos, nesta sequência de ideias, em algumas passagens do poema «III – Ao Cair das Folhas», retirado da obra *A Morte de D. João*, onde o Simbolismo nitidamente transparece, pelo conjunto de sentimentos e sensações que as palavras sugerem, ao invés de apresentar, de modo nítido:

"E eu cismo ainda no florir das rosas...  
E julgo ouvir um frémito sagrado  
No vasto azul das noites silenciosas  
E em meu peito se entorna um som magoado,  
Como o choro santíssimo do mar  
Espraçando-se em longo descampado.  
E fico melancólico a sonhar  
Em rouxinóis, em cânticos  
E em corolas de lírios entreabertos, inundados por  
ondas  
De luar<sup>150</sup>

N' *Os Simples*, o Poeta já reconhece o Simbolismo como Escola e experimenta conscientemente as suas possibilidades pessoais, algumas vezes na tradução do próprio pensamento poético. A este título, atentemos no seguinte excerto do poema «Campo Santo»:

---

<sup>150</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia) – A Morte de D João.*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 239.

"Caí dormentes,  
Caí exânicos, trementes,  
Pálidos silêncios do luar dorido!  
Litánias fluidas do luar dorido!  
Bálsamos, piedades, orações dolentes  
Do luar dorido!..."<sup>151</sup>

Porém é em *Pátria* (1896) que se reflectem com mais evidência os mestres do chamado Simbolismo francês, uma vez que o autor substitui a eloquência declamatória, influenciada por Vitor Hugo, por um Simbolismo cada mais evidente, com "as suas vagas músicas, requintadas, sugestivas de todo o inefável."<sup>152</sup> "Casando sentidos agudos, delicadíssimos, uma potência de alma quase inquietante e inexplorados recessos de vida interior"<sup>153</sup>

Este Simbolismo torna-se flagrante nos belíssimos desvarios do Doido, mais pelo conteúdo que propriamente pela forma. Segundo Amorim de Carvalho:

"O conteúdo de *Pátria* é vago e fugitivo como as tonalidades duma grande nuvem, passando na penumbra do horizonte, mas a figuração dessas tonalidades é dada com a viva nitidez técnica no desenho dos contornos. [...] há uma forte alucinação simbolista, em que as aparências de um lúgubre pesadelo se sobrepõem à realidade, com mais vigor do que esta mesma. Lua, estrelas, sombras da noite - tudo se transmuda em seres dramáticos."<sup>154</sup>

---

<sup>151</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia) – Os Simples*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 909.

<sup>152</sup> RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Editorial Inquérito, s./d., p. 36.

<sup>153</sup> RÉGIO, José, *op. cit.*, p. 37.

<sup>154</sup> Cf. CARVALHO, Amorim de, *op. cit.*, pp. 266 e 273.

A ilustrar as palavras de Amorim de Carvalho fica um pequeno excerto de *Pátria*, em que um jardineiro fúnebre simboliza um ideal radioso e sofredor, que se transfigura em visões macabras e obsessivas:

"Ao luzir d'alva semeei de flores  
Uma encosta deserta ao pé do mar:  
Cravos, lírios, jasmins, goivos, amores,  
Açucenas e rosas de tocar  
[...]  
Abalei a cantar!  
Foi há mil anos...Venho mesmo agora  
De ver a linda encosta à beira mar...  
Lindo jardim! Lindo pomar!  
As açucenas deram gangrenas  
E os jasmins podridões a fermentar!...  
Os cravos deram cravos, mas de cruzes!  
E as roseiras espinhos de tocar..."<sup>155</sup>

Também em *Oração ao Pão* (1902) e *Oração à Luz* (1904), o Poeta atinge uma fusão perfeita com o Parnasianismo.

O processo simbólico é empregado por Junqueiro com um vigor e uma novidade de imaginação admiráveis. Pode às vezes o símbolo ser vulgar, mas, por via de regra, a força literária do emocional com que Junqueiro o apresenta é que não é vulgar.

Voltando a *Pátria* (1896), ela é, a todos os títulos, um marco na vida do escritor, já que é também nesta obra que Junqueiro esboça, pela primeira vez, um certo nacionalismo saudosista. Sempre algo indefinido, esse nacionalismo vai acentuar-se em *Os Simples*.

---

<sup>155</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)* – *Pátria*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 558.

Nesta obra poética confluem três importantes vertentes: a ternura de Junqueiro pela alma e a paisagem rural portuguesas, uma aguda virtuosidade de composição literária e uma religiosidade, que é um misto de Panteísmo e Cristianismo.

Também a sua obra *Orações* está impregnada de Panteísmo, daí, provavelmente, o facto de Junqueiro ter sido tão aclamado pelos poetas saudosistas.

O Saudosismo, na obra de Guerra Junqueiro, ultrapassa largamente o mero saudosismo nacionalista para ser a expressão íntima e subjectiva da saudade ligada à sua biografia pessoal.

Habitados a ver no Poeta somente o lutador e revolucionário, e obstinados na ideia feita da retórica junqueiriana, a maioria dos críticos não atentou neste saudosismo, como não atentou em outros aspectos do seu lirismo.

Para Junqueiro, recordar é sempre idealizar as coisas, superando-as, tendo os valores do egoísmo e da sensualidade sido, por ele, totalmente superados. A este título, acreditamos que o poema «Canção Perdida», da obra poética *Os Simples* é das mais exactas expressões do Saudosismo português, através da qual vemos toda a epopeia das emigrações, com a tristeza dos lares à espera dos ausentes e, nos ausentes, a recordação dos lares para sempre perdidos.

"Alguém de mim se não lembra

Nas terras além do mar...

Ó Morte dava-te a vida,

Se tu lha fosses levar!...

[...]

Morre o Amor, vive a saudade...

Morre o Sol, olha o luar!..."<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)* – «Canção Perdida», in, *Os Simples*, Porto, s./d., Lello & Irmão- Editores, pp. 893-894.

Em *Finis Patriae* (1891), à saudade angustiante abraça-se o ritmo dolente dos versos, numa perfeita miscigenação da forma e do conteúdo.

Atentemos, a este propósito, no seguinte excerto da primeira parte do poema, designada «Falam Choupanas de Camponeses»:

"Olhai, olhai vão em manadas  
Os emigrantes...  
Uivos de dó pelas estradas,  
Junto dos cais, nas amuradas  
Das naus distantes...  
[...]  
Lá vão levados, vão levados,  
Pelo alto mar...  
Adeus ó noites nos eirados...  
Adeus ó beijos perfumados,  
Beijos de Agosto à luz do luar!..."<sup>157</sup>

E é este motivo, sentimento característico do povo português, de uma simplicidade ingénua e enternecedora, que constitui o fundo das recordações saudosas de Junqueiro, onde há sempre a ideia de um lar que se abandonou.

"Ai, há quantos anos que eu parti chorando  
Deste meu saudoso carinhoso lar!...  
Foi há vinte?...há trinta?...Nem eu sei já quando!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
Canta-me cantigas de me adormentar!..."<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra – «Falam Choupanas de Camponeses», in *Finis Patriae, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão-Editores, s./d., p. 467.

<sup>158</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Regresso ao Lar», in *Os Simples, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 913.

Guerra Junqueiro não se limita a dizer o que é a saudade, ele comunica-a, transmite-a directamente, em experiência, pondo-nos diante de quadros que serão os nossos ou comportam, pelo menos, o melhor da experiência da nossa infância. E a sua linguagem torna-se ingénua e simples como a natureza dos quadros evocados.

É por tudo isto que a saudade em Junqueiro é acessível às mais complicadas psicologias e será eternamente sentida pelos leitores que, em nosso entender, encontram nos seus versos, a mais verdadeira e, ao mesmo tempo, a menos retórica expressão da saudade em língua portuguesa.

Concluiremos com a asserção de que Junqueiro elabora todas as possíveis influências, elaborando-as com o poder admirável do seu génio e acaba por ser ele mesmo o Poeta que mais influências exerceu entre os seus contemporâneos.

## CAPÍTULO III – Tematização

### 1.1. Incidências temáticas na Obra de Guerra Junqueiro

Na obra de Guerra Junqueiro, o leitor depara-se com uma “constelação” de ideias e de conceitos trabalhados de forma multifacetada e irradiando imbricadas conexões<sup>159</sup>.

Desses vectores temáticos que orientam a obra do autor, destacaremos a Amizade, a Bondade, a Família, a Reflexão, o Amor, o Homem, a Natureza, a Política, a Igreja, a Arte e a Criança.

A **Amizade** orienta a construção de muitos poemas dedicados a personalidades individuais, de que são exemplo: «À Morte do meu Amigo A. P. de Melo»<sup>160</sup> ou «A um Amigo».<sup>161</sup>

No primeiro poema atrás enunciado, o poeta manifesta de forma pungente a dor pela partida de um amigo do peito, como é visível nos versos: “Morreste, e nada tenho já comigo! / Esp’ranças, ilusões, sonhos ditosos”. No caso do segundo, Junqueiro revela a importância que confere à amizade verdadeira e o modo como a valoriza, afirmando: “Mas dá-me a tua amizade, / Que sendo tu meu amigo, / Pode ser que a f’licidade venha ainda ainda ter comigo.”

Ainda nesta obra, o poema «Não Chores»<sup>162</sup> é revelador da sua forma de ser afectuosa, animando e incentivando sempre todos aqueles que privam do seu convívio e gozam da sua amizade, como é

---

<sup>159</sup> A análise que aqui se privilegia é a chamada análise temática "cujas preocupações dominantes giram em órbita desta relação básica entre a existência de certos estímulos que antecedem o texto e a sua expressão literariamente elaborada", tal como Carlos Reis afirma em «Tema e Leitura Crítica», in *Construção da Leitura*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982, p. 43.

<sup>160</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «À Morte do meu Amigo A. P. de Melo», in *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 10.

<sup>161</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A um Amigo», in *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 11.

<sup>162</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Não Chores», in *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 12.

visível nas suas palavras: “Oh! Não chores, que se a vida/ Te há sido tão desditosa/ Outra já bem venturosa/ Espera por ti, ó q’rida.”

Além da Amizade, sentimento muito valorizado por Junqueiro, também a **Bondade** é tema dominante em muitos dos seus textos. Segundo o autor, este é um atributo extensivo a duas espécies de seres humanos: aqueles que vivem em estreita comunhão com a natureza, pastores, agricultores e moleiros, e as crianças, porque imbuídas numa espécie de pureza original. Muitos textos de obras como *Os Simples* e *Contos para a Infância* são orientados por esta dimensão temática.

Tais são os casos de «Doçura e Bondade»<sup>163</sup> e «Os Pêssegos», em que os protagonistas são crianças que têm o mais generoso dos gestos: dar aos pobres. Esta temática está também presente, de forma mais evidente, em «O Rabequista»<sup>164</sup>, «João e seus Camaradas»<sup>165</sup> e «O Ermitão»<sup>166</sup>.

Nestes três últimos contos, a pobreza e a humildade de quem é bom acabam no final por ser recompensadas; esta obra tem um carácter marcadamente moralizante, visando como principal destinatário o público infantil, sendo a bondade apresentada, na perspectiva do autor, como uma virtude a ser seguida pelos mais novos.

Os sentimentos de ternura maternal, filial e fraternal, tão valorizados pelo autor, encontram-se bem presentes em vários momentos da sua obra, quando trata a temática da **Família**, evidente nas suas primeiras produções literárias. A ilustrá-los está o poema «A minha Mãe», onde é visível uma enorme ternura filial e uma saudade imensa pela partida precoce daquela que lhe deu o ser: “Quem me

---

<sup>163</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *in Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 29.

<sup>164</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 101.

<sup>165</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 119.

<sup>166</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 169.

dera voar aonde agora/ Me leva o pensamento! [...] Iria junto a ti viver feliz/ Como vivera outrora!”<sup>167</sup>

Além da mãe, verdadeira figura de culto em toda a obra junqueiriana, também outros elementos familiares, tais como primos e irmãos lhe merecem reflexões poéticas, facto este que se passa sobretudo a nível das suas primeiras obras. Atente-se, a este título, no livro *Duas Páginas dos Catorze Anos*, obra na qual encontramos: «A Meu Primo, Manuel Guerra Tenreiro Júnior», «À Morte de Minha Prima D.J. Ernestina» e «A Meus Manos».

Um dos campos temáticos dominantes na obra de Guerra Junqueiro é, indubitavelmente o das **Reflexões**. A meditação sobre o mundo e seu devir evolutivo, o ser humano na sua complexidade e relação com o semelhante, constituem muitas das suas melhores páginas literárias, de que são exemplo os poemas «Houve Tempo»<sup>168</sup> e «Na Cruz Alta do Buçaco»<sup>169</sup>.

Com efeito, encontramos esta temática em quase toda a sua obra literária. Por exemplo, em *A Morte de D. João*, na Parte-II, o poema «Melancolia» é bem exemplificativo da temática da reflexão, quando o poeta afirma, num desabafo: “E a minh’alma dolorida, / Como avezinha sem vida, / Fecha a pálpebra sombria”<sup>170</sup>.

A faceta reflexiva de Junqueiro estende-se ao acto da criação literária, como é visível no poema «Carta», extraído da obra *A Musa em Férias*, em que afirma com o sentido de humor que já tão bem lhe

---

<sup>167</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Minha Mãe», in *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 7.

<sup>168</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 13.

<sup>169</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 71.

<sup>170</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Melancolia», in *A Morte de D. João, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 217.

conhecemos: “A musa foi-se-me embora;/ Para onde foi nem me lembro;/ Só a torno a ver agora/ Lá para os fins de Setembro”.<sup>171</sup>

Os poemas «Incêndio»<sup>172</sup>, «Troça ao poeta Eduardo Vidal»<sup>173</sup>, «Entremets» Lírico»<sup>174</sup>, «Canção de Batalha»<sup>175</sup>, «Divino Hugo»<sup>176</sup> e «Conselhos Académicos»<sup>177</sup> são alguns dos textos escritos sob a influência deste tema.

Além de reflexões de índole literária, também o seu próprio percurso biográfico lhe merece considerações, como é particularmente visível em *Os Simples*, uma das suas obras mais consagradas e que constitui um ponto de viragem na sua produção literária. Com efeito, neste livro, vários são os textos marcados pela temática da reflexão, desde a «Nota» final<sup>178</sup>, passando por «Prelúdio- I- A Caminho»<sup>179</sup> e «II- De Volta»<sup>180</sup>, até «Regresso ao Lar»<sup>181</sup>.

Nesta última composição poética, o desabafo é clara e marcadamente autobiográfico, como é visível nos versos que a seguir transcrevemos: “Como antigamente, no regaço amado, / (Venho morto, morto!...) Deixa-me deitar! / Ai, o teu menino como está

---

<sup>171</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Carta», in *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 701/702.

<sup>172</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Apêndice de Versos Satíricos e Jocosos, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 1047.

<sup>173</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 1048.

<sup>174</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 1067.

<sup>175</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 792.

<sup>176</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 833.

<sup>177</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p.777.

<sup>178</sup> “Ante a morte próxima, numa ansiedade inenarrável, senti-me eletrizado [...] Estudei, pensei, meditei. Li com sofreguidão milhares de páginas. [...] Duma visão mais íntima e profunda do universo germinaram em mim novas emoções portanto uma nova forma de arte. O poeta renasceu e cresceu. Fecundo renascimento psicológico e não apenas uma evoluçozinha toda literária, meramente verbal e de superfície. [...] esbocei e dei começo a este pequenino poema lírico d’*Os Simples*”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Nota», *Os Simples, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 915-916.

<sup>179</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 863.

<sup>180</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 866.

<sup>181</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 913.

mudado! / Minha velha ama, como está mudado/ Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...”<sup>182</sup>

A temática da reflexão também está presente nas obras *Poesias Dispersas* e *A Musa em Férias* e nas obras publicadas postumamente *O Caminho do Céu* e *Prometeu Libertado*. A título de exemplo, atente-se no texto «Confissões», em que, de modo pungente o poeta desabafa e reflecte sobre as agruras da vida: “Eu também sei o que é o sofrimento/, Profundo como o abismo incógnito do mar;/ Eu sei o que é a dor, sei o que é o tormento/ De rugir de agonia e não poder chorar ”.

Não é apenas o mundo tangível que é objecto das reflexões do poeta, mas também o plano do transcendental, como é visível no texto em prosa «Perfeição das obras de Deus»<sup>183</sup>, em que a beleza e perfeição das obras divinas é contrastada com imperfeição e transitoriedade das humanas.

A temática da reflexão está ainda presente nos textos «Natal»<sup>184</sup> e «Ruínas»<sup>185</sup>. Atentemos na profundidade dorida desta quadra de «Ruínas»: “Morreu-me a luz da crença-alva cecém / Pálida virgem de luzentas tranças/ Dorme agora na campa das crianças, / Onde eu quisera repousar também.”<sup>186</sup>

Pela sua nobreza e importância que adquire aos olhos do autor, o **Amor** assume um carácter polifacetado, sendo linha temática orientadora da construção de muitos textos de Junqueiro.

A forma mais valorizada pelo autor é o chamado amor universal, sentimento de grandeza maior, concretizando-se, por parte de Junqueiro, num carinho e afectividade profundos por todos os seres. Este tipo de amor está presente na segunda parte da obra

---

<sup>182</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 914.

<sup>183</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 79.

<sup>184</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 831.

<sup>185</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 767.

<sup>186</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 768.

publicada postumamente, *O Caminho do Céu*<sup>187</sup>. Este é um amor infinito que, a par do sofrimento, é perspectivado como a única via de salvação do ser humano. Também no texto «Evolução», o amor, como sentimento depurado, é perspectivado como o único elemento terrestre que ganha dimensões de eternidade e imortalidade.<sup>188</sup>

O amor que, pela sua sublimidade, mais se aproxima do amor universal é o amor maternal, cantado pelo poeta como o mais santo e puro. Este motivo é temática de alguns dos seus melhores textos, quer em prosa, tal como «A Mãe»,<sup>189</sup> em que o amor materno vence até os obstáculos colocados pela morte, quer em poesia, tal como é visível nos poemas «À minha mãe»<sup>190</sup> e «Mater»<sup>191</sup>. Neste último texto, o poeta faz encarnar na figura de Maria, mãe de Jesus, toda a elevação e carácter sagrado do amor de mãe.

A par do amor materno, o poeta valoriza o amor de pai. «O primeiro filho»<sup>192</sup>, «A minha Filha»<sup>193</sup>, «Carta a Mimi»<sup>194</sup> e «Vendo-a sorrir»<sup>195</sup> são composições poéticas em que Junqueiro manifesta o seu amor de pai e a forma como valoriza a paternidade. Ele explicitamente o afirma nestas palavras: “És pai, viste nascer um fragmento d’aurora/

---

<sup>187</sup> “Entram no Céu todas as almas que se libertam dos desejos egoístas, as almas que vivem unicamente para o Bem, para amar os outros. E, chegando ao Paraíso, não esquecem o mundo. [...] Quanto mais se elevam, mais se lhe prendem, mais o estreitam no seu amor. Conquistam a bem-aventurança amando e sofrendo na Terra.”, in «2ª Parte- No Reino do Céu», *O Caminho do Céu, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 1009.

<sup>188</sup> “A alma branca, iluminada, / Transfigurada pela dor, /Essa não vai à sepultura/ Porque é já Deus na criatura, /Porque é o Espírito, é o Amor/ Na vida da terra sepulcral/ Só o amor é imortal” ”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 836.

<sup>189</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 9.

<sup>190</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 7.

<sup>191</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 63.

<sup>192</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 790.

<sup>193</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 823.

<sup>194</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 818.

<sup>195</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 825.

Da tua alma, de ti.../ Oh, momento divino em que o sorriso chora, / E em que o pranto sorri!”<sup>196</sup>

Também o amor homem/mulher está presente em variadíssimas composições líricas, quer evidenciado-se o seu aspecto mais puro e profundo, “quando o amor se torna em paixão verdadeira, / Puro como uma hóstia erguida sobre o altar,/ Quando o amor domina uma existência inteira”<sup>197</sup> quer destacando os aspectos sórdidos de um falso amor, marcado pela luxúria, em que o próprio ministro da fé de Cristo “Nos braços luxuriosos das amantes/ Anda fazendo a cruz do seu calvário.../Ressona ali no chão. Daqui a instantes/ Há-de beijar a hóstia do sacrário/ Com os seus grossos lábios flamejantes”<sup>198</sup>.

No seu caso particular, o amor que Junqueiro sente pela esposa é imenso e prova disso são os vários poemas que lhe dedica. «Carta a F.»<sup>199</sup>, «F.»<sup>200</sup> são dois exemplos, mas é em «Adoração»<sup>201</sup> que o seu sentimento é expresso com maior intensidade, quando confessa: “Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão/ Em mim não é amor, filha, é adoração! / [...] Adoro-te!...Não és só graciosa, és bondosa:/ além de bela és santa; além de estrela és rosa”<sup>202</sup>.

O ser humano e a inevitabilidade do seu fim material merecem particular destaque na obra de Junqueiro, pela complexidade inerente à sua condição. Assim, o tema **Morte** é um dos dominantes na sua obra. Os poemas «IV- Ruínas»<sup>203</sup>, «IV- Os Saltimbancos»<sup>204</sup> e o

---

<sup>196</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 790.

<sup>197</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Amor», in *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 781.

<sup>198</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «VII- Cair do Azul», in *A Morte de D. João, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 213.

<sup>199</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 811.

<sup>200</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.* p. 810.

<sup>201</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.* p. 808.

<sup>202</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.* p. 885.

<sup>203</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Morte de D. João, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 240.

<sup>204</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.* p. 299.

poema «No Cemitério»<sup>205</sup> são três textos em que está nitidamente presente esta temática. Na última composição enunciada, o autor reflecte com particular veemência e ironia sobre a condição mortal do ser humano e a igualdade de todos, ricos, pobres, eruditos e ignorantes, perante a morte.<sup>206</sup>

Também a nível da sua produção literária em prosa, o escritor reflecte sobre o carácter polifacetado do ser humano, sempre com o intuito de moralizar, sobretudo as gerações mais novas. Veja-se, a este título, a obra *Contos para a Infância* em que nos textos «O oiro»<sup>207</sup>, «Os gigantes da montanha e os anões da planície»<sup>208</sup> e «Os três véus de Maria»<sup>209</sup> o autor reflecte, respectivamente, sobre o materialismo do ser humano, a importância e valor do trabalho e o percurso biográfico de uma mulher, simbolizado nos véus que vai usando.

A **Natureza** é também uma das temáticas dilectas do autor. A grandeza da Terra *mater* surge como fonte de vida e funciona simultaneamente como refúgio e panaceia para os males do poeta. No seu imenso amor pela natureza, Junqueiro chega a personificar vários dos elementos que dela fazem parte integrante, tal como é visível no poema «O Melro»<sup>210</sup>. É precisamente neste poema que Junqueiro apresenta uma frase lapidar que resume toda a sua veneração pela natureza: “Ó Natureza/ A única bíblia verdadeira és tu!...”<sup>211</sup>

---

<sup>205</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro, (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 698.

<sup>206</sup> “A morte cheia de horrores/ Na Primavera é gentil:/ Veste um vestido de flores/ Do guarda-roupa de Abril.”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 698.

<sup>207</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 47.

<sup>208</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 95.

<sup>209</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 115.

<sup>210</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 401.

Neste poema, que é um hino à liberdade, um melro, em ânsias de dor por ver os seus filhos confinados à prisão de uma gaiola, envenena-os e mata-se seguidamente, pois a morte surge como a única via de libertação: “Trazendo dentro em pouco/ Preso do bico um ramo de veneno. / E belo e grande e trágico e sereno/ Disse:/ “Meus filhos, a existência é boa/ Só quando se é livre. A liberdade é a lei, / Prende-se a asa, mas a alma voa.../ Ó filhos, voemos pelo azul!...Comei!”.

<sup>211</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 411.

Muitos poderiam ser os poemas apresentados em que a temática da Natureza é dominante. Apresentaremos, como exemplos mais significativos, «Visita à Floresta»<sup>212</sup>, «Convalescença»<sup>213</sup>, «Manhã de Abril»<sup>214</sup>, «Renascimento»<sup>214</sup>, «Ao Luar»<sup>215</sup>, «Elegia»<sup>216</sup>, «Eiras ao Luar»<sup>217</sup> e «As Ermidas»<sup>218</sup>. Esta temática é ainda dominante nas últimas obras publicadas em vida do autor: *Oração ao Pão*<sup>219</sup> e *Oração à Luz*<sup>220</sup> que são autênticas preces laudatórias dirigidas à natureza.<sup>221</sup>

No entender de Guerra Junqueiro, o único elemento que destoa em toda a harmonia do mundo natural é o Homem, o responsável directo pela introdução do desequilíbrio e o caos. Atentemos na fina ironia com que o autor expressa esta ideia nos

---

<sup>212</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 691.

<sup>213</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 707.

<sup>214</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.* p. 718.

Neste poema o poeta manifesta claramente a força revitalizadora que para ele tem a natureza, funcionando como fonte de vida: “ Sinto-me reviver extraordinariamente/ Rebentou outra vez a límpida nascente/ Da alegria, do amor, da fé, da juventude. / Primavera do corpo esplêndida saúde, / Eis-te de novo a rir com doidas gargalhadas, / Que acordam no seu ninho as aves encantadas”.

<sup>215</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 795.

<sup>216</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 799.

<sup>217</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Os Simples, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 886.

<sup>218</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 888.

<sup>219</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Oração ao Pão, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 921.

<sup>220</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Oração à Luz, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 929.

<sup>221</sup> Tais características de animização da natureza e da sua sacralização são facilmente visíveis nos exemplos que a seguir transcrevemos:

“Num grão de trigo habita a alma infinita [...] Bendito sejas, / Trigo! Corpo de Deus- Pureza e Dor-/ Nossa vítima e nosso redentor/ [...] Trigo dá-nos a candura!/ Dá-nos a alegria!/ Dá-nos a humildade/ Dá-nos o martírio!/ [...] E faremos de nós o pão de Cristo,/ O pão de Deus, o pão do Bem,/ O pão da eterna Glória, o pão dos pães, amém!” in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Oração ao Pão, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 921-928.

“Luz que nos enches de alegria, / Luz que desvendas a harmonia, / Que és o esplendor e a cor da natureza, / Farei de ti, luz de um só dia,/ A luz perpétua da Beleza! [...] Farei da cega luz que me alumia/ A grande luz espiritual do grande dia,/ A luz de Deus, a luz do Amor, a luz do Bem,/ A luz da glória eterna , a luz da luz, amém”, !” in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Oração à Luz, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 946-949.

versos do poema «Idílio»: “E o homem- verme do asfalto,/ Que traz Deus na consciência/ O homem que está no alto da montanha da existência,/ Que faz entre as harmonias/ Deste esplendoroso assombro?/ -Vai ouvir as cotovias,/ Levando a espingarda ao ombro”.

222

Porque o Homem é um ser eminentemente social, a sua faceta política é também tema dominante na obra de Junqueiro. De têmpera combativa, o autor era incapaz de se abster de opinar sobre os mais diversos assuntos relacionados com o regime político e o governo dos povos europeus, em especial o de Portugal. Em relação ao seu país, o poeta, homem inteligente e culto, critica, com especial acinte e ironia, a mediocridade moral daqueles que tinham a seu cargo presidir aos destinos da nação.<sup>223</sup>

Como exemplo das preocupações políticas do autor, atente-se nas suas primeiras obras, *Vozes sem Eco* e *Vitória da França*, de cariz marcadamente político e interventivo, como o provam os títulos delas extraídos: «À Espanha»<sup>224</sup>, «I- Vitória da França»<sup>225</sup> e «Itália»<sup>226</sup>. Também a obra *Aos Veteranos da Liberdade*<sup>227</sup> é testemunho deste tipo de preocupações do autor.

Do mesmo modo, a obra *Finis Patriae* é marcada, na maior parte das composições, pelo tema da **Política**, tal como o atestam os títulos: «IX- Falam os Monumentos Arrasados»<sup>228</sup>, «Falam as Estátuas

---

<sup>222</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 693.

<sup>223</sup> A propósito do perfil e postura da classe governante, Junqueiro é particularmente crítico, quando afirma: “Sóis vós os monstros ambulantes/ Tristes autómatos de pé, / Articulando por instantes/ Ocas palavras vacilantes, / Gritos sem dor/ Juras sem fé!” in «Falam Estátuas de Heróis», *Finis Patriae, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 485.

<sup>224</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 485.

<sup>225</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Vitória da França, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 101.

<sup>226</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 104.

<sup>227</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Aos Veteranos da Liberdade, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 111.

<sup>228</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Finis Patriae, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 480.

de Heróis»<sup>229</sup>, «O Caçador Simão»<sup>230</sup> e «A Inglaterra»<sup>231</sup>. Também em *A Musa em Férias e Poesias Dispersas*, esta temática está presente, como é visível nos títulos «Açucenas Alemãs»<sup>232</sup> e «A Bismarck»<sup>233</sup>.

O tom que acompanha as composições poéticas em que domina esta temática é empolado e épico, atestando bem o enorme amor que Junqueiro sente pela pátria quando reflecte sobre a situação portuguesa: “Soldado enrama a tua espada/ De mirto e loiro e d’alecrim/ Ei-la de pé transfigurada, / Radiante e ovante a Pátria amada.../ Enfim! Enfim!...”<sup>234</sup>

Muito crítico da ortodoxia católica, embora profundamente religioso e crente num Deus Justo e Bom<sup>235</sup>, a **Igreja** é uma das principais linhas temáticas da sua produção literária.

Junqueiro condena duramente o obscurantismo eclesiástico, bem como a decadência e degradação moral da ortodoxia católica. A

---

<sup>229</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 482.

<sup>230</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 491.

Aqui o poeta é particularmente cáustico relativamente à figura do rei, ridicularizando-o a ponto de o transformar metaforicamente num caçador inapto, alguém que se refugia num desporto, enquanto o país jaz na mais confrangedora pobreza material e moral, suscitando o descrédito internacional: “A Pátria é morta! A liberdade é morta/ Noite negra sem astros, sem faróis! / Ri o estrangeiro odioso à nossa porta, / Guarda a Infâmia os sepulcros dos Heróis”.

<sup>231</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 495.

Neste poema, o poeta faz uma análise política tão perfeita e rigorosa que chega a prognosticar acontecimentos que sucederão muito depois da sua morte, como é visível na seguinte passagem: “Hão-de um dia as nações, como hienas dementes, / Teu império rasgar em feroz convulsão.../ E no torvo halali, dando saltos ardentes, / Com a barba de raiva esfervendo entre os dentes, / A bramir, levará cada uma o seu quinhão! / E tu ficarás só na tua ilha normanda/ Com teus barões feudais e teus mendigos nus./ Devorará teu peito um cancro aceso, a Irlanda, / E a tua carne hás-de vê-la, ó meretriz nefanda, / Lodo amassado em sangue, oiro amassado em pus”.

<sup>232</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 766.

<sup>233</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 766.

<sup>234</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 68.

<sup>235</sup> “Tenho uma crença firme, uma crença robusta/ Num Deus que há-de guardar por sua própria mão/ Numa jaula de ferro a alma de Locusta,/Num relicário de oiro a alma de Platão/ Mas também acredito, embora isso vos pese/ E me julgueis talvez o maior dos ateus,/Que no universo inteiro há uma só diocese/ E uma só catedral com um só bispo-Deus”, in «Aos Simples», *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 341.

figura papal, como representante máxima da Igreja, enquanto instituição, é muitas vezes escolhida como alvo dilecto das suas invectivas, sempre irónicas e mordazes. Nas palavras do autor: “De tal modo imitou o papa a singeleza/ Do mártir do Calvário, / Que à força de gastar os bens com a pobreza/ Tornou-se milionário”.<sup>236</sup>

É na obra considerada mais polémica pela crítica, *A Velhice do Padre Eterno*, que o tema da Igreja é dominante e é aqui que ele faz as mais duras acusações aos membros da Igreja católica.<sup>237</sup>

Nesta obra, alguns dos textos mais significativos escritos sob esta temática são: «Parasitas»<sup>238</sup>, «O Papão»<sup>239</sup>, «O Baptismo»<sup>240</sup>, «A Semana Santa»<sup>241</sup>, «Ladaíha»<sup>242</sup> e «O Dinheiro de S. Pedro»<sup>243</sup>. De entre os vários poemas em que esta temática é dominante, alguns existem imbuídos num particular sentido de humor, como é o caso de: «A Sesta do Senhor Abade»<sup>244</sup>. Neste último poema, Junqueiro apresenta o que na sua opinião era um perfeito exemplo do eclesiástico do meio rural no século XIX, cuja abastança contrasta com a miséria do povo que o cerca<sup>245</sup>.

---

<sup>236</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Dinheiro de S. Pedro», in *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 389.

<sup>237</sup> Tal é visível no excerto textual que a seguir apresentamos, onde a metáfora ganha um valor expressivo impressionante: “Vamos! Basta de farsa, e basta de farsantes! / Mil bombas a vapor jorrem desinfectantes/ Nesse velho bordel da Igreja- o Vaticano./ Cólera! faz-te mar, Justiça! faz-te oceano,/ E inundai o Versalhes maldito/ De Jeóva-Rei-sol macróbio do infinito ./ Vamos, fogo ao covil! E enquanto aos salteadores, / Núncios, bispos, cardeais, cónegos, monsenhores, / – Truculenta manada obesa de hipopótamos-/ Virgem-mãe dos heróis, ó Liberdade! Enxota-mos, / E faze-mos transpor, a grunhir, sem demoras, / As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!”, in «Ao Núncio Mazela», *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 392.

<sup>238</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 355.

<sup>239</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 356.

<sup>240</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 359.

<sup>241</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 364.

<sup>242</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 380.

<sup>243</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 389.

<sup>244</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 389.

<sup>245</sup> “E contudo naquela aridez flamejante, / Sem um ramo frondosos em que uma ave cante, / Naquele ilimitado incêndio abrasador, / Ó sarcasmo cruel! Há dois oásis em flor, / com duas tropicais pletoras de verdura:/ Um é o cemitério, o outro o passal do cura [...] E enquanto o abade ronca e grunhe sem cuidados/ Dobram

Além dos que já foram enunciados, também a **Arte** é tema relevante na produção literária do autor, definindo-a Junqueiro de modo efusivo, como se ela fosse responsável por uma verdadeira metamorfose de pessoas e coisas: “A arte, arte, a luz resplandecente/ Que nos fecunda o íntimo das almas, / E as faz desabrochar subitamente/ Numa explosão fantástica de palmas”.<sup>246</sup>

Além deste, outros textos representativos desta temática são «VI-A Cena do Balcão»<sup>247</sup> e «A Musa»<sup>248</sup>.

Existe uma enorme variedade temática na obra de Guerra Junqueiro, embora cada tema abranja um número muito menor de composições do que aqueles que foram apresentados até este momento. Por esse motivo e porque não pretendemos fazer um estudo exaustivo da tematização na obra junqueiriana, passamos apenas a enunciar os que surpreendemos como mais relevantes: a Corrupção, a Argúcia, o Remorso, a Justiça, a Vaidade, o Materialismo, a Gratidão, o Optimismo, a Morte, a Ingenuidade, a Ruralidade, a Cidade, o Progresso e a Obediência.

Concluiremos a apresentação das linhas temáticas condutoras da obra de Guerra Junqueiro com o tema da **Criança**, um dos mais insistentes na obra do escritor.

São inúmeros os textos em que a figura infantil é referida ou em que é mesmo o eixo axial. Para não dar mais que alguns exemplos, pensemos na criança abandonada e órfã de *Batismo de Amor*<sup>249</sup> e de

---

plangentemente os sinos a finados; / Cortam o espaço os ais do estertor derradeiro”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, pp. 431-439, *op. cit.*.

<sup>246</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «III- Impéria», in *A Morte de D. João, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 389.

<sup>247</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «VI-A Cena do Balcão», *op. cit.*, p. 201.

<sup>248</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Musa», in *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 661.

Neste poema, Junqueiro apresenta as características essenciais que a obra resultante da criação literária deve ter:” Detesta graves pedantes;/ Ama o justo, o belo, o nu./ Tem relação com Cervantes, / E trata Voltaire por tu. / Persegue, apupa, destroça, / a mediocridade ignara, / Com a farinha da troça/ Enfarinhando-lhe a cara”.

<sup>249</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Batismo de Amor, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 73.

«O Órfão»<sup>250</sup>, reflectamos sobre a formação cívica e moral da criança no século XIX, visíveis em «Como se faz um Monstro»<sup>251</sup> e «A Hidra»<sup>252</sup>, atentemos nas reflexões que o autor faz sobre a organização do sistema de ensino primário da época, em «Falam as Escolas em Ruínas»<sup>253</sup>, «À mocidade das Escolas»<sup>254</sup> e «A Escola Portuguesa»<sup>255</sup> ou vejamos o carácter peculiar das relações humanas no universo infantil, em «Livro Primeiro- As Crianças- Tragédia Infantil»<sup>256</sup>.

Existe igualmente um grande número de composições literárias que o autor escreve, tendo como objectivo transmitir noções de moralidade e educação aos mais novos. Esta característica marca quase todos os textos da obra em prosa *Contos para a Infância*. Apresentaremos como exemplos que consideramos mais relevantes a nota introdutória «Duas palavras»<sup>257</sup>, «Não quero»<sup>258</sup>, «O Rico e o Pobre»<sup>259</sup>, «A Alma»<sup>260</sup> e «Os Pequenos no bosque»<sup>261</sup>.

É sobre o tema da **Criança** que centraremos o ponto seguinte do nosso trabalho, que é também o seu núcleo, dedicando-lhe o estudo detalhado que merece.

---

<sup>250</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Órfão», in *A Morte de D. João, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 73.

<sup>251</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 383.

<sup>252</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 414.

<sup>253</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Finis Patriae, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 489.

<sup>254</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 489.

<sup>255</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 686.

<sup>256</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 669.

<sup>257</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 5.

<sup>258</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 31.

<sup>259</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 33.

<sup>260</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 117.

<sup>261</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 203.

## 1.1 - A Criança e os Progenitores

A família é o principal teatro da vida privada no século XIX, tendendo a absorver todas as funções, a definir as regras e as normas. Pedra angular da produção, ela assegura o funcionamento económico e a transmissão dos patrimónios; célula de reprodução, ela fornece às crianças, às quais dispensa uma primeira sociabilização, um modelo de vida e de comportamento, velando pela sua pureza e saúde. A família é garante da consciência nacional e criadora tanto de cidadania como de civilidade.

Rede de pessoas e conjunto de bens, a família é um nome, um sangue, um património material e simbólico herdado e transmitido de pais para filhos. Homem do seu tempo, Guerra Junqueiro dá grande importância ao papel da família na formação e educação das crianças e valoriza particularmente a relação criança/progenitores.

A relação entre a criança e a mãe assume enorme valor aos olhos de Junqueiro. Não é por acaso que encontramos um grande número de textos em que é focada esta relação com particular destaque, recorrendo o escritor frequentemente à sua vida pessoal.

Embora Junqueiro apenas privasse da companhia e carinho maternos os três primeiros anos de vida, valoriza de tal forma a relação com aquela que o fez nascer que lhe dedica uma das suas primeiras produções literárias, *Vozes sem Eco*<sup>262</sup>, como uma espécie de tributo de amor e admiração.

A relação de ternura entre mãe e filho, que se estabelece assim que a criança desponta para a vida, é vital na construção do futuro homem ou mulher<sup>263</sup>. A noção da ternura entre mãe e filho é

---

<sup>262</sup> "Anseio ir ver-te, ó santa, lá nos céus;/ Não posso, mas envio-te a minha alma,/ Ofreço-te estes cantos, que são teus!", in «À Memória de Minha Mãe», *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão-Editores, s./d, p. 18.

<sup>263</sup> "Oh! Quanto vale, ó Deus, /De mãe o peito e alma! / Partícula dos, Céus, / Sensível, meiga e calma!", in «Mater», *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 66.

transmitida metaforicamente ou através de comparações expressivas em muitos dos textos da obra literária do autor. Apresentaremos, a título de exemplo, uma das mais belas expressões usadas a este propósito, quando, referindo-se ao ciclo do linho, o autor afirma: “O sol espalhava os seus raios sobre ele, e as nuvens regavam-no, o que lhe causava tanto prazer, como o de um filho, quando a mãe o lava e lhe dá um beijo”.<sup>264</sup>

Por oposição à criança amada, fruto da constante atenção e cuidados maternos e paternos, o autor apresenta a criança desprotegida, o menino da rua, sem ternura e atenção de ninguém, à deriva num mundo hostil, como acontece em *Batismo de Amor*.<sup>265</sup> Perante o quadro adverso traçado, o autor não se contém, vibrando, sensível à dor da infância desvalida: “Não posso ver chorar uma criança; / [...] É triste numa idade toda esp’rança/ Não ter nem pai, nem mãe, um só abrigo.../ Ai! custa, custa tanto!...”.<sup>266</sup>

A família é a célula basilar da vida em sociedade e a primeira grande escola da criança, fomentando atitudes, valores e comportamentos positivos. Se, por um lado, os pais são o garante de estabilidade e o esteio dos filhos, por outro lado, os filhos são a razão de viver mais querida de seus pais e uma promessa de continuidade e futuro, como o Autor nos diz: “És pai, viste nascer um fragmento da aurora/ da tua alma, de ti.../ Oh, momento divino [...] / Deslumbramento!... ver num berço o teu futuro/ Sorrindo ao teu presente!...[...]/ Em tudo o que alvorece há um sorriso de esp’rança,/

---

Podemos ver neste como noutros textos do autor, uma enorme nostalgia pela figura da mãe, com quem privou tão pouco tempo e cuja falta precoce lamentará sempre.

<sup>264</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, in «O Linho», *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 183.

<sup>265</sup> “Pobre criança, divagava incerta/ Todas as noites pelas ermas praças,/ E chorando cantava;/ Não encontrara uma única porta aberta,/ Quando a tormenta, retumbando ameaças,/ A face lhe açoitava”, in *Batismo de Amor, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 83.

<sup>266</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 83.

Atente-se no modo dorido como o poeta manifesta a sua compaixão por aqueles que são pequeninos e não têm protecção. Esta dor e emoção manifestam-se, a nível do plano técnico-compositivo, pelo uso de reiterações e pausas.

Candura imaculada!.../[...] Quando, como um aroma, o hálito da infância/ Passa nos lábios meus/ Vejo distintamente encurtar-se a distância/ entre a minh' alma e Deus.”<sup>267</sup>

Como é visível, a infância é, de acordo com o poeta, o estágio da vida mais próximo da pureza essencial e do divino, permitindo aos seus progenitores uma espécie de renovação e purificação interiores, daí que em várias das suas melhores páginas poéticas o poeta faça corresponder o elemento luz, como fonte de vida e pureza, às crianças: “Na infância-aurora da vida, / Na aurora-infância da luz”<sup>268</sup>; “E enquanto dormes tranquila, / Vejo o divino esplendor/ Da alma a sair da argila,/ Da estrela a sair da flor!”<sup>269</sup>

São vários os textos que Junqueiro dedica à sua filha, Maria Isabel, a quem denomina, carinhosamente, Mimi. «Carta a Mimi» é um texto em que Junqueiro assume claramente o seu papel de pai, enaltecendo esta condição: “Mas não há verso, nem rima, / Nem arte alguma, Mimi/ Que do fundo da alma exprima/ O amor que eu te tenho a ti [...] / Não há fotógrafo exacto/ Como o coração dos pais”.<sup>270</sup>

Ainda em relação ao sentimento de amor que une progenitores a filhos, o poeta assume todo o seu enlevo em vários momentos líricos de uma enorme intensidade afectiva, como acontece no que se selecciona por constituir uma das mais belas declarações deste amor: “Que alma intacta e delicada! / Que argila pura e mimosa! / É a estrela da alvorada/ Dentro de um botão de rosa/[...] E eu, urze má das encostas,/ Eu sinto o dever sagrado/ De te beijar de mãos postas!/ De te abençoar,- ajoelhado”.<sup>271</sup>

---

<sup>267</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Primeiro Filho», in *Poesias Dispersas*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 790-791.

<sup>268</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Carta a Mimi», in *Poesias Dispersas*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p.822. É de notar, a nível do plano estilístico-semântico, o uso da metáfora para intensificar a ideia de infância como o estado de pureza humana, por excelência.

<sup>269</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, in «A Minha Filha (Vendo-a Dormir)», *op. cit.*, p. 823.

<sup>270</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 890. Atente-se no valor expressivo da metáfora que o poeta usa no último verso.

<sup>271</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, pp. 823-824.

Pai e mãe são, pois, considerados o eixo axial da família e o garante para que as crianças cresçam e se desenvolvam num ambiente de ternura e amor, indispensáveis ao seu bem-estar e progressão harmoniosa. Existem, porém, mais elementos da célula familiar também considerados pelo autor como importantes, ocupando uma função de pró-progenitores e, nalguns casos, substituindo-os: os avós.

No século XIX, o núcleo familiar era estruturado de forma diferente da actual; funcionava como um clã, em que os avós ocupavam lugar especial. Os mais idosos eram amados e respeitados como fiéis depositários de saberes e tradições seculares, sendo os responsáveis pela transmissão do saber da comunidade às novas gerações.

Seria sobretudo nas longas noites do Inverno transmontano que Junqueiro estava a pensar quando traça o seguinte quadro, de um visualismo verdadeiramente pictórico: “Em casal de serras arde o castanheiro, / Lâmpada de pobres a fazer serão; / Derredor do grande, festival braseiro, / A velhinha, o velho, o lavrador trigoeiro, / A mulher, os filhos, o bichano e o cão/ [...] Tem o velho ao colo o seu netinho doente; / - Morte negra, foge do telhado, ó, ó...”<sup>272</sup>

O fogo a crepitar que ambos contemplam (avô e neto), embora seja o mesmo, ganha diferentes valores simbólicos aos olhos de cada um, sendo para a criança promessa de vida e futuro e, para o avô, indício de morte e fim: “E no lar as brasas simultaneamente/ Dizem para o anjo: - tudo é ouro ardente.../ Dizem para o velho: - tudo é cinza e pó!...”<sup>273</sup>

---

A reiteração intencional do pronome pessoal “eu” imprime ao discurso poético um tom confessional e serve para enfatizar o fosso existente entre a pureza da criança e o progenitor. Também a escolha da metáfora obedeceu a este objectivo.

Note-se o uso da metáfora, associada a uma construção paralelística antitética, para sublinhar a infância como fonte de beleza.

<sup>272</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «In Pulvis», in *Os Simples, Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 878.

<sup>273</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 878.

É de notar, a nível do plano estilístico-semântico, o uso da personificação das brasas, que vaticinam a avô e neto os seus destinos, assumindo um carácter sibilino. A nível do plano técnico-compositivo, o uso da estrutura paralelística serve também para sublinhar a enorme diferença entre duas gerações, muito afastadas temporalmente.

Se pais e avós têm por missão amar as crianças e protegê-las das procelas e contrariedades da vida, também devem ter como objectivo fundamental a transmissão de valores morais e espirituais. Esta convicção de Junqueiro é nitidamente visível no texto «Perfeição das obras de Deus», onde, através de um diálogo em prosa entre mãe e filha, a progenitora permite, através de um processo dedutivo, que a filha responda às perguntas que ela própria vai colocando, movida pela sua curiosidade infantil. As indagações infantis são respondidas com inteligência e a mãe consegue atingir os seus objectivos: desenvolver o pensamento lógico-dedutivo da criança, evitando dar-lhe respostas directas e transmitir-lhe um importante ensinamento tudo o que Deus faz é perfeito. A fim de provar a sua tese, a mãe recorre a exemplos muito simples retirados da natureza e sujeitando-os à tecnologia humana da análise microscópica. Do ferrão da abelha, passando pelo casulo do bicho-da-seda, às finas e sedosas asas da borboleta, todas as criações divinas são perfeitas, ao invés das humanas que, aparentemente perfeitas, quando sujeitas a análise minuciosa, são imperfeições grosseiras.<sup>274</sup>

Não é difícil adivinhar o pensamento de Junqueiro, subjacente às palavras da mãe, que conclui o texto com a seguinte afirmação:

“Deve isto fazer-nos meditar em duas coisas: a primeira é que Deus merece tanto a nossa admiração como o nosso amor; a segunda é que os homens orgulhosos são insensatos, porque não podem fazer absolutamente nada perfeitamente belo, perfeitamente regular, e as suas obras mais primorosas são cheias de imperfeições, se as compararmos com as obras do criador.”<sup>275</sup>

---

<sup>274</sup> Mais uma vez Junqueiro se inspira na mãe natureza, a verdadeira Bíblia, para provar a existência de Deus e a sua sublimidade acima de todas as coisas.

<sup>275</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Perfeição das obras de Deus», in *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 87.

Como vimos, através de vários exemplos concretos, Guerra Junqueiro considera, a todos os títulos, vital a relação que se estabelece entre pais e filhos. É tão importante esta relação que ele chega a trazer a sua própria experiência para a poesia, falando da mãe, da esposa e da filha.

Na evocação que faz de vários momentos da sua experiência de vida, não esquece a sua própria infância e a ama que o criou quando a sua mãe precocemente lhe faltou. Esta figura é lembrada numa das suas mais comovedoras páginas poéticas, o texto «Regresso ao Lar».

Num momento presente da sua vida - a velhice- a figura da ama funciona para o poeta como refúgio e refrigério para o sofrimento que acumulou numa vida marcada pelo signo da mágoa e da decepção. Todo o poema é um desabafo sentido a alguém que em criança o confortava e de quem agora espera novamente consolação:

“Minha velha ama com a voz dolorida, / canta-me cantigas de me adormentar! / [...] Minha velha ama que me deste o peito/ Canta-me cantigas para me embalar!.../Como antigamente, no regaço amado, / (Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!/ Ai, o teu menino como está mudado!/ [...] Canta-me cantigas para ver se alcanço/ Que a minh’alma durma, tenha paz, descanso,/ Quando a morte, em breve, ma vier buscar...”<sup>276</sup>

---

<sup>276</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 913-914. A nível do plano técnico-compositivo, a estrutura paralelística de toda a composição poética, associada à existência de refrão e da repetição do termo “velha” transmitem bem a importância que assume aos seus olhos a figura da ama e o carinho que por ela sente. Em relação ao uso do termo “cantigas”, elas simbolizam uma forma de consolo à imagem do efeito que têm sobre as crianças de colo as canções de embalar. Também através da referência a elas, Junqueiro está a valorizar a importância da relação física e da ternura entre adulto e criança que se estabelece no cantar estas cantigas, pegando-lhes ao colo e afagando-as.

## 1.2 - A Criança e a Sociedade

Se a família é a célula base de qualquer sociedade, assumindo um papel de grande importância aos olhos de Junqueiro, o meio social em que esta está integrada condiciona o seu comportamento e actuação, sendo a vida social de relevância vital para os pequenos seres humanos em formação.

Junqueiro considera, de forma genérica, a sociedade humana má, quando comparada, por exemplo, com o mundo animal. Este aspecto é bastante visível na composição poética «Fiel»<sup>277</sup>. Neste texto descreve-se a relação desigual entre um homem, pintor, e o seu animal de estimação, um cão vadio, que ele recolhe. À medida que o ser humano vai conquistando sucessos económicos e subindo na sociedade, vai relegando o cão para segundo plano e tratando-o progressivamente pior, até que o tenta afogar. Mesmo perante tanto desprezo e ingratidão, o animal consegue sair da água só para devolver o gorro que o homem perdera ao lançar o animal no rio, morrendo aos pés do dono.<sup>278</sup>

Esta é claramente uma forma metafórica que Junqueiro encontrou para demonstrar a fidelidade e bondade do mundo animal face ao materialismo e frieza que imperam na sociedade humana.

É na sociedade humana, dita civilizada, que crescem e se desenvolvem as crianças, assunto que merece a particular atenção do poeta. Se a sociedade humana, no seu materialismo voraz, procede

---

<sup>277</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Fiel», in *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 736-740.

<sup>278</sup> “E o rafeiro sublime, impassível, sereno/ Lançava o grande olhar às negras trevas mudas/ Com aquela amargura ideal do Nazareno/Recebendo na face o ósculo de Judas. [...] Depois subitamente/ O artista arremessou o cão na água fria./ E ao dar-lhe o pontapé caiu na corrente/ O gorro que trazia/ [...] Ao nascer da manhã o vívido clarão/ Sentiu bater à porta! Ergueu-se e foi abrir. / Recuou cheio de espanto: era Fiel, o cão, / Que voltava arquejante, exânime, encharcado, / A tremer e a uivar, no último estertor, / Caíndo-lhe da boca, ao tombar fulminado, / O gorro do pintor.”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op.cit.*, pp. 739-740.

Atente-se na especial simbologia do nome Fiel que, associado ao animal escolhido, o cão, vem enfatizar a lealdade dos bichos face à ingratidão e maldade humanas.

assim com seres frágeis e indefesos como os animais, não é muito diferente no concernente às crianças. Em muitos casos, as crianças são exploradas e maltratadas, merecendo a denúncia de Junqueiro, como acontece no poema «Os Saltimbancos».<sup>279</sup>

Na praça de uma qualquer cidade, uma companhia pobre de artistas itinerantes mostra números de circo e, da mesma forma que exhibe animais esfomeados, de aspecto miserável, mostra habilidades de crianças, meninos de rua, com aspecto doentio e triste, como se de bichos raros se tratasse:

“No meio duma praça estava um saltimbanco/  
Mostrando às multidões com outros animais/ Um urso já  
pelado, um velho urso branco/ que sabia fazer mil coisas joviais  
[...] Ao pé do urso estava um longo dromedário:/ Era magro,  
anguloso, esqualido, felpudo, [...] / Seus melindrosos pés  
desfeitos, combalidos, / Tingiam como sangue as pedras da  
calçada/ E não havia ali uns olhos condoídos [...] Viam-se ali  
também crianças, / Felpudas, ideais, tristíssimas, cloróticas/  
Que lembravam, fazendo evoluções estranhas, / O aspecto  
singular das grandes letras góticas.”<sup>280</sup>

Perante este degradante espectáculo de rua, como actua a sociedade? O sujeito poético dá a resposta: “Com um riso de grande admiração, / Ouviam em silêncio as falas majestosas/ Que arrancava do peito um bêbado histrião”.<sup>281</sup>

---

<sup>279</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *A Morte de D. João, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 300.

<sup>280</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, pp. 302-303.

Atente-se no visualismo descritivo presente neste excerto, para o qual contribuem decisivamente, a nível do plano estilístico, os verbos no imperfeito do indicativo e no gerúndio, bem como o uso de adjectivação expressiva para enfatizar o carácter miserável e grotesco da exibição. O uso de enumerações assindéticas de adjectivos, enfatizando a infelicidade daqueles que são exibidos pela trupe de saltimbancos, desperta no leitor sentimentos de piedade e solidariedade para com aqueles que sofrem.

<sup>281</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 303.

Com efeito, o sujeito lírico, testemunha silenciosa e narrador<sup>282</sup> da cena, parece ser o único espectador sensível àquele espectáculo hediondo:

“A tumultuária onda/ Da alegre multidão enchia o boulevard/ e eu ia contemplando a podridão hedionda/ Deste delicioso inferno sublunar [...]/ Eu via da miséria as trágicas risadas/ Não a miséria franca, essa miséria nua/ [...] Era a miséria artista, anémica, ridente”<sup>283</sup>

Esta atitude está em perfeito antagonismo com a do resto da turba: “Amargos, imbecis, eróticos franzinos, / Tinham a estupidez no olhar vidrado e baço, / Agitavam no ar os crânios pequeninos/ E riam um rir feito de molas de aço”.<sup>284</sup>

Estas crianças, apresentadas em «Os Saltimbancos», como se pode deduzir pelas palavras do autor, foram provavelmente “compradas” à miséria em que viviam ou encontradas na rua e são exploradas, de forma ignóbil, sendo atrofiadas no seu normal crescimento e desenvolvimento físico, intelectual e emocional.

A única atenção de que são alvo é a da mórbida curiosidade do público e a do chefe da trupe, um “bêbado histrião”<sup>285</sup>, “de riso gorduroso, um riso desdentado”, “com a baixeza atroz de um velho sodomita”, “com gestos febris, cómicos, angulosos” que “pregava [...] a toda a gente: - Estas crianças, vede, achei-as numa estrada; /Fui eu que as eduquei, educação sublime; / Hão-de levar no mundo a vida

---

<sup>282</sup> A terminologia própria do modo narrativo, tal como o termo “narrador”, é por nós usada, devido à miscigenação modal, que é uma constante na produção literária junqueiraiana.

<sup>283</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 299.

<sup>284</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 301.

A nível do plano estilístico-semântico temos a presença de um recurso muito caro ao poeta, o uso da enumeração assindética, que reforça o profundo desprezo que Junqueiro sente pela sociedade envolvente.

<sup>285</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 303.

regalada; / Têm a espinha dorsal flexível como um vime:/ Para se ser feliz não se requer mais nada”.<sup>286</sup>

No seu sacrifício e pureza, Junqueiro chega a comparar estas crianças a Jesus Cristo, quando, no final do poema, diz: “Iam como Jesus na estrada do Calvário/ Contemplando da Lua o pálido crescente;/ E a sombra colossal do velho dromedário/ caminhava no chão, silenciosamente”.<sup>287</sup>

Neste quadro que apresentámos, tal como em muitos outros, o autor associa ao meio urbano aspectos morais como a degradação e a dissolução de costumes, fazendo identificar a cidade a uma “Messalina febril [...] hedionda, escalavrada”.<sup>288</sup>

Neste ambiente, em que “rastejam pela treva os vícios mais secretos” e “Dormem os hospitais como dragões repletos”<sup>289</sup>, em que “Andam as mães vendendo as filhas”, o poeta, assumindo o papel de testemunha silenciosa, a coberto da noite, descobre os párias da sociedade, esquecidos de todos: mendigos e meninos de rua.<sup>290</sup>

Envolvidas pela miséria urbana, a única escola ao dispor das crianças é a da vida e o único exemplo de vida em sociedade é a penúria e a pobreza: “O pai ensina ao filho antes dele ir à escola/ Como se abre a mão para pedir esmola”.<sup>291</sup>

---

<sup>286</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 307.

Atente-se nos processos estilísticos usados pelo autor. Tanto a adjectivação em oxímoro como a enumeração assindética de atributos servem para descrever o histrião da forma mais repulsiva possível.

É também de notar a ironia que subjaz às palavras do homem, que efectivamente martiriza as crianças, deformando-lhes os frágeis corpinhos, transformando-as em seres tristes e estranhos.

<sup>287</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 310.

<sup>288</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Babilónia», in *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 167.

É de notar a relevância do uso desta metáfora, tendo sido Messalina mulher de um imperador romano que, pelo seu comportamento imoral e dissoluto, passou a designar os piores vícios humanos.

<sup>289</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 199.

Atente-se na força expressiva que assume esta comparação: o dragão tem uma importante carga valorativa, associado ao pecado e ao mal.

<sup>290</sup> “Encontram-se a dormir junto aos umbrais das portas/ Mendigos quase nus, crianças quase mortas”. In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 199.

<sup>291</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 169.

Marcadas pela miséria física e moral, as crianças são apresentadas como as grandes vítimas: “Nos bairros do prazer, nos bairros da desgraça [...] crianças ideais, angélicas, serenas, / Cantam alegremente umas canções obscenas”.<sup>292</sup>

Nesta atmosfera, que se vive em muitos bairros urbanos, a situação de abandono das crianças e mesmo dos recém-nascidos não é algo de invulgar, provocando apenas a total indiferença da sociedade. Perante este cenário, o poeta mostra-se muito compungido e revoltado:

“E exposta sobre a rua/ Agoniza, chorando, a criancinha  
nua/ Romperam da alvorada os lúcidos clarões. / Passaram por  
ali as grandes multidões, / O poeta, o burguês, o padre, o  
jornalista/ E não houve ninguém que demorasse a vista/ Nessa  
infeliz criança”<sup>293</sup>

Face a esta atitude de indiferença social generalizada, o sujeito poético desabafa sentidamente: “Oh! miserável gente!”.<sup>294</sup>

Com efeito, no Portugal do século XIX, uma única solução parecia oferecer-se aos pequenos deserdados da sociedade: a roda. Atentemos na ironia dura com que Junqueiro a refere: “ Os filhos para a roda, as mães para a sentina”.<sup>295</sup>

---

<sup>292</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 170.

Atente-se na antítese que o poeta usa para estabelecer um contraste entre a pureza das crianças, característica que lhes é intrínseca, e a linguagem desbragada que usam, própria do meio social em que vivem, de cuja obscenidade elas não têm ainda consciência. É este contraste que choca o leitor.

<sup>293</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 173.

Na enumeração que faz, o poeta tem o cuidado de contemplar pessoas pertencentes a vários quadrantes sociais, para dar a entender que em nenhum encontrou sensibilidade face aos graves problemas infantis que se viviam nas urbes do século XIX.

<sup>294</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 173.

<sup>295</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 173.

Ao referir o termo roda, o poeta está a fazer metaforicamente uma referência aos conventos e mosteiros que recebiam recém-nascidos, indesejados ou fruto de relações proibidas, sempre entregues devido ao desespero e miséria das mães. Estas crianças eram colocadas num dispositivo denominado *roda dos expostos* e depois educadas em orfanatos que funcionavam nas casas religiosas. Com o uso da palavra “sentina”, que habitualmente designa um lugar imundo, o poeta refere-se

Junqueiro considera a orfandade como a mais triste das condições, manifestando, em vários momentos da sua obra poética, a sua solidariedade e ternura para com aqueles que, sendo crianças, foram abandonados pelos pais ou ficaram sós, após a sua morte: “Ser órfão/ Não ter na vida/ Aquilo que todos têm! / É como a ave sem ninho.../ É qual semente perdida/ Que ao voltar do seu eirado/ O lavrador descuidado/ Deixou tombar no caminho/ Como pomba dolorida/ Já votada ao sacrifício”.<sup>296</sup>

Perante a sociedade, conivente com a triste situação de abandono e desprotecção em que se encontram tantas crianças, o sujeito poético é muito crítico, afirmando: “E em volta disso tudo as multidões curiosas, /Com um riso imbecil de grande admiração, /Ouviam em silêncio”.<sup>297</sup> Neste poema, em particular, acreditamos bem que consiga alcançar o seu objectivo de crítica demolidora, fazendo uso da arma que melhor sabe manejar: a palavra.

Ainda na esfera do urbano, além dos bairros degradados, em que impera o vício, existem dois locais que merecem a Junqueiro particular atenção: os bairros operários e os hospitais.

É na obra *Finis Patriae* que o autor melhor dá voz a estes espaços urbanos. Em «Falam os Hospitais», através de um processo de personificação, este espaço físico é porta-voz das misérias que se passam no seu interior, apresentando as doenças mais mortíferas da época: a tuberculose e a lepra como resultado das condições miseráveis em que a maior parte da população portuguesa do século XIX vivia. Aquilo que mais dói ao poeta é o facto de aquelas pessoas que ali estão internadas terem filhos que, sem melhores hipóteses de futuro, serão, previsivelmente, a continuidade dos pais.<sup>298</sup>

---

metaforicamente ao submundo da sociedade e, particularmente, à prostituição. Cf. ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges, *História da Vida Privada, Da Revolução à Grande Guerra*, Paris, Edições Afrontamento, 1990, vol. IV.

<sup>296</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Orfão», in *A Morte de D. João, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 178-179.

<sup>297</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Os Saltimbancos», in *A Morte de D. João, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 303.

<sup>298</sup> “E que essas almas, negra herança! / Se reproduzam com ardor/ Em milhões de almas de crianças, / Rios de morte e de vingança, / Torrentes fúnebres de dor!”, in

É no texto «Falam Pocilgas de Operários»<sup>299</sup> em que são mais tocantes as considerações do poeta sobre a infância desvalida “crianças rotas, sem abrigo.../ A enxerga é pobre e a roupa é leve”.<sup>300</sup>

É neste cenário de bairro operário que se juntam os piores inimigos da infância que o sujeito poético faz questão de enunciar no final de cada estrofe: “A Fome! [...] O Vício! [...] A Morte!”.<sup>301</sup>

Entre todos os problemas que afectam a vida das crianças no meio urbano, há um mais pungente, que desperta a preocupação do autor: a exploração das crianças pelos adultos. Tal é visível no momento final do poema, quando o poeta reflecte sobre a prostituição infantil: “Doze anos já, e seminua/ A mãe que é dela?.../ O pai no officio.../ Corpo em botão d’aurora e lua!.../ Quem canta além naquela rua? / - O Vício!”.<sup>302</sup>

Se os problemas graves que afectam as crianças no meio urbano preocupam o poeta, a situação das crianças nos meios rurais também não o deixa indiferente. Nas pequenas aldeias, as crianças defrontam-se igualmente com problemas graves, embora de índole diferente dos que enfrentam na cidade. Por exemplo, em meios piscatórios têm de fazer frente a esse gigante que é o mar e que tantas vezes lhes leva os pais, deixando famílias desprotegidas, na miséria.<sup>303</sup>

Nas pequenas aldeias do interior do Portugal do século XIX eram a miséria e as enormes dificuldades causadas por maus anos agrícolas que constituíam os grandes problemas que as crianças

---

JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Falam os Hospitais», in *Finis Patriae, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 473.

<sup>299</sup> De notar a expressividade desta metáfora escolhida pelo autor para transmitir a degradação em que viviam os trabalhadores. As condições de vida dos homens são comparadas às dos animais.

<sup>300</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Falam Pocilgas de Operários», in *Finis Patriae, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 468.

<sup>301</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, pp. 468-469.

<sup>302</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 469.

<sup>303</sup> “Maldito mar! / Noites e procelas, noites e procelas.../ Entre lençóis, restos de velas, /Há orfãosinhos a chorar!...”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Falam Casebres de pescadores», *op. cit.*, p. 471.

É importante notar o uso da redundância para intensificar o sofrimento que o mar impõe aos pequenos filhos dos pescadores, sendo a sua vida marcada pela instabilidade.

tinham de enfrentar.<sup>304</sup> A fome, a doença, os inexistentes cuidados sanitários eram responsáveis por uma altíssima taxa de mortalidade infantil.<sup>305</sup> As crianças crescem precocemente e tornam-se adultos à força; a luta pela sobrevivência começa muito cedo, tendo um preço demasiado elevado:

“Para eles a infância é sempre um sacrificio;/ O berço não existe; educados no vício, / Aos dez anos são maus, estúpidos e graves;/ Roubam o ninho às mães, fazem a guerra às aves. / Tenebrosa missão! Castigo obscuro e rude! / Espíritos sem luz e corpos sem saúde! / Ah! Quanto custa, ó Deus, ver as crianças pálidas! / Pobres em flor! Pobres gentis crisálidas”.<sup>306</sup>

Um dos textos em que é feita com maior nitidez e fidedignidade o retrato da infância nos meios rurais é «Falam Choupanas de Camponeses».<sup>307</sup> Esta composição poética retrata a agrura da vida no campo e o sofrimento dos camponeses, divididos entre o ficar e enfrentar as imensas dificuldades de uma terra madrastra, ou o partir, emigrando, fazendo face ao desconhecido. Neste cenário confrangedor de desespero, em que coveiro e cura são os únicos que cantam <sup>308</sup> (um canto fúnebre), “Pulula a infância na

---

<sup>304</sup> “A aldeia, ó Musa, a aldeia é o trabalho, a guerra:/ Dum lado o camponês, e do outro a terra”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Introdução», *A Morte de D. João, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 150.

<sup>305</sup> “Três filhos, vê lá bem, três filhos sobre os quais anda a morte a pairar com risos infernais. / Quando faltar o pão, e não houver já lume, / Hás-de ouvi-los gemer, como avezinha implume/ Que a mãe abandonou em solitário ninho.”, *In op. cit.*, p. 148. Atente-se na escolha da comparação, sendo o segundo termo retirado do campo semântico favorito do poeta, o da natureza.

<sup>306</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 151.

Repare-se que não são os pais das crianças os principais visados pela crítica, subjacente às palavras do autor, mas sim os responsáveis pelo governo do país que deveriam preocupar-se em assegurar melhores condições de vida e educação às gerações mais novas, os futuros homens e mulheres do país, e não o fazem, alheando-se das suas mais básicas obrigações.

<sup>307</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Finis Patriae, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 465.

<sup>308</sup> “Canta o coveiro e canta o cura.../Canto funéreo! / Pobres dormi na vossa sepultura.” in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 466.

pobreza!.../ Campos maninhos!.../ E os berços cheios...Que tristeza!”.

309

Ainda no poema «O Cavador» é focado este assunto, quando o sujeito poético evoca a penosa vida de um trabalhador rural e a penúria em que ele e a sua família vivem.<sup>310</sup>

Como vimos, o poeta usa a sua palavra poética para reflectir sobre os mais importantes temas e os assuntos mais prementes da sua época e país: o Portugal do século XIX, nomeadamente no que concerne à criança.

A sociedade portuguesa, meio envolvente das crianças, merece a Junqueiro particular atenção e é nas «Anotações» finais de *Pátria*<sup>311</sup> que ele reflecte sobre os vários sectores da sociedade e o estado de total marasmo e decadência em que se encontram. Naquilo que o autor denomina por “Balanço Patriótico”, ele refere os vários extractos da população portuguesa, de uma forma dura e crítica: “ Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias sem uma rebelião”.<sup>312</sup> No entanto, é o único extracto que lhe merece simpatia, “um povo, enfim, que eu adoro porque sofre e é bom”,<sup>313</sup> por oposição ao clero e à burguesia: “Um clero português, desmoralizado e materialista, liberal e ateu [...] Uma burguesia cínica e politicamente corrupta até à medula [...] sem palavras, sem vergonha, sem carácter ”.<sup>314</sup>

---

<sup>309</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op.cit.*, p. 466.

<sup>310</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Cavador», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 904. “E um caldo em prémio tu me deste/ Meu Deus!... Seis filhos tu lhe deste.../ Oh,dor! Oh,dor![...]/ Gerou seis bocas...que é do trigo?! Oh,dor! Oh,dor!”

Neste poema, a existência de um refrão enfatiza o enorme sofrimento que era a vida do trabalhador braçal no século XIX.

Sem qualquer planificação familiar, vinham ao mundo todos os filhos que “Deus quisesse”, muitas vezes para viver vidas sem a mínima dignidade humana, repetindo, ciclicamente, as vidas miseráveis dos pais.

<sup>311</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Anotações», in *Pátria, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 631.

<sup>312</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 631.

<sup>313</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 631.

<sup>314</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 631.

Se as classes sociais merecem a Junqueiro áspera crítica, a corrupção das instituições sociais e políticas também não escapa à sua análise demolidora:

“Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo [...] A Justiça ao arbítrio da Política [...] Dois partidos monárquicos, sem ideias, sem planos, sem convicções. Um partido republicano, quase circunscrito a Lisboa, avolumado ou diminuído, segundo os erros da monarquia”.<sup>315</sup>

Perante este cenário, o poeta sente-se desiludido, mas o seu espírito combativo e otimista não o deixa esmorecer e, fazendo da palavra poética uma arma de denúncia, empenha-se na alteração das coisas que denuncia.<sup>316</sup>

---

<sup>315</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, pp. 631-632.

<sup>316</sup> “Desiludido, assim o creio por vezes. Depois a um golpe de sol, o Quixote revive, exalto-me de novo, de novo espero... Florinha azul, beijo de Deus,- Divina esperança...”, *in* JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 641.

### 1.3 - A Criança e Escola

A par do relevo assumido pela família, primeira escola de formação da criança, e da importância da sociedade em que o pequeno ser humano se desenvolve, Junqueiro considera a Escola como instituição essencial da vida de qualquer país, devendo ser orientada para a formação de caracteres e transmissora de valores e saberes úteis à criança na sua vida futura.

Profundo conhecedor da Europa do seu tempo nas suas múltiplas vertentes, social, cultural e científica, o autor revela-se consciente do atraso estrutural da sociedade portuguesa, nomeadamente no que concerne à área da Educação. Pedagogicamente enferma, a escola portuguesa tem um carácter atrofiante, inibindo, ao invés de desenvolver, as capacidades da criança, como deveria ser a sua função.

Em «A Escola Portuguesa», o autor apresenta-nos a radiografia nítida da Escola de Primeiro Ciclo existente no Portugal do século XIX. As crianças são apresentadas como um “Doirado enxame de abelhas”, de cujas “bocas de rosa/ Saem murmúrios de estrelas”.<sup>317</sup> E estas crianças estão entregues às ordens de um mestre-escola, definido como “zangão”<sup>318</sup>, alguém sem formação pedagógica específica para conviver com e orientar crianças nas suas primeiras aprendizagens, qual “João Félix c’oas unhas negras” vai “Mostrando as vogais aos lírios”.<sup>319</sup>

Sem qualquer preocupação de actualização profissional a nível científico ou pedagógico, este professor é considerado “um

---

<sup>317</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Escola Portuguesa», in *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 686.

A metáfora é o recurso mais usado neste poema a nível do plano estilístico-semântico.

<sup>318</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 686.

<sup>319</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687.

anacronismo”<sup>320</sup> que pela sua ignorância e falta de sensibilidade é mesmo apelidado de “professor asinino”.<sup>321</sup>

Os métodos e conteúdos pedagógicos vigentes na Escola portuguesa do século XIX também não escapam à análise perspicaz e à crítica demolidora do autor. O ensino é baseado no método escolástico e a actividade intelectual dos pequenos discentes limita-se a uma repetição estéril de palavras que visa apenas um domínio: a memorização de conceitos. Assim: “Soletram versos e prosas horríveis”, “Abrem a boca os ditongos/ E as cifras tristes dão ais”.<sup>322</sup>

Os métodos não são mais aliciantes que os conteúdos pedagógicos transmitidos. A par das imprescindíveis cartilha e tabuada, a palmatória e a fêrula eram elementos sempre presentes em qualquer estabelecimento escolar, o que muito indigna Junqueiro, que não resiste a comentar: “Barbaridade irrisória/ Estúpido despotismo/ Meter uma palmatória nas mãos de um anacronismo!”.<sup>323</sup> Por oposição à beleza e fragilidade com que as crianças são descritas, o mestre-escola surge como a personificação da severidade e do castigo, “Empunhando as rijas fêrulas”.<sup>324</sup>

Com efeito, a agressividade da parte de quem ensinava e o medo/terror por parte de quem aprendia eram os sentimentos predominantes na escola de então e merecem ao autor a crítica mais severa: “A palmatória, o açoite, / A estupidez decretada! / A Lei incumbindo a noite da educação da alvorada”.<sup>325</sup>

---

<sup>320</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687

<sup>321</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

<sup>322</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

A nível do plano estilístico-semântico, o uso desta hipálage serve para transmitir o tédio e tristeza que no século XIX o processo de ensino-aprendizagem impunha às crianças.

Ao invés de ser um local de motivação e incentivo ao conhecimento e desenvolvimento harmonioso da criança, a escola era um espaço de terror e sofrimento extremos.

<sup>323</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

<sup>324</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 689.

<sup>325</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

Atente-se na importância da metáfora com toda a carga afectiva que ela transmite. A noite, símbolo do desconhecido e do obscurantismo, é identificada com o professor e a alvorada, promessa de vida e concretizações futuras, corresponde ao pequeno aprendiz. Esta definição de cada um dos elementos do

Por tudo isto, o autor considera que “Esta Escola é um atentado, /Um roubo feito ao progresso”.<sup>326</sup> Em seu entender, as escolas do seu tempo “são açougues de inocência, /São talhos d’ anjos, mais nada”.<sup>327</sup>

Sabemos que no século XIX a primeira escola da criança é duramente criticada, por Junqueiro, por não cumprir o seu verdadeiro papel. Ele acredita que a missão da escola é completamente outra daquela que naquela época ela desempenhava e que, necessariamente, tem de sofrer mudanças significativas.

Desde logo, o poder político deve alterar a sua postura perante o Ensino, permitindo ao corpo docente uma renovação de hábitos e métodos. Só assim as crianças poderão desabrochar para a vida e para o conhecimento, de forma a crescerem livres e conscientes da sua valia. Afinal “Como querem que despontem/ Os frutos na escola aldeã, / Se o nome do mestre é – Ontem e o do discípulo – Amanhã!”.<sup>328</sup> Como há-de haver renovação e evolução “Se é o passado quem ensina/ O b a ba ao futuro?”.<sup>329</sup>

Só se de facto houver uma alteração profunda e radical do sistema de ensino português pode a instituição escolar cumprir a mais nobre das missões: ajudar a estimular o desenvolvimento das capacidades e aptidões latentes na criança, pois, segundo Junqueiro “O homem sai da criança como o fruto sai da flor” e “da pequenina semente que a escola régia destrói /Pode fazer-se igualmente/ Ou o assassino ou o herói”.<sup>330</sup>

Como é visível, na opinião do poeta, a actuação da Escola é vital e marcante no desenvolvimento da criança, não sendo difícil compreender pelas suas palavras que enquanto não se fizer uma

---

processo de ensino/aprendizagem aprofunda ainda mais o fosso existente entre os dois.

<sup>326</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.

<sup>327</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 689.

Novamente a metáfora a transmitir o carácter negativo e destrutivo que a escola representava no universo infantil do século XIX.

<sup>328</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687.

<sup>329</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687.

<sup>330</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

reforma estrutural do sistema educativo, a Escola não cumprirá a sua função, não passando de “um atentado, / Um roubo feito ao progresso”.<sup>331</sup> Ela não é mais que um “paúl” ou “muro da ignorância” que atrofia as pequenas mentes infantis”: “Vós esmagais e partis/ As crianças – essas pérolas/ Na escola – esse almofariz”.<sup>332</sup>

Até ao dia em que os responsáveis pela educação em Portugal tomem medidas sérias, no sentido de reestruturar a escola, as crianças, “Desgraçadas toutinegras”<sup>333</sup> vão continuar a contemplar com inveja “As andorinhas passando/ Do azul no livre esplendor”.<sup>334</sup>

Também em *Finis Patriae* o autor dá voz às escolas que, em ruínas, choram a sua triste situação presente.<sup>335</sup> Com efeito, e perante o lastimoso estado em que se encontra, “a escola chora”<sup>336</sup>, sendo descrita como um lugar triste, em que domina a melancolia e a dor.

Para transmitir o seu ponto de vista de uma forma mais expressiva e enfática, o poeta usa, a nível do plano técnico-compositivo, a construção paralelística, de modo a melhor comparar a criança e a escola, evidenciando o carácter antípoda de uma relativamente à outra: “A alma da infância é flor mimosa;/ A escola é triste e a flor vermelha;/ Na escola paira a c’ruja odiosa,/ E sobre o cálice da rosa/A abelha”.<sup>337</sup>

---

<sup>331</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 688.

<sup>332</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, pp. 689-689.

Esta é uma das metáforas mais expressivas deste texto, pois transmite de forma crua e nua o modo como a criança era tratada na escola: completamente castrada nos seus desejos e vontades e abafada na sua criatividade. Ao escolher como segundo termo de comparação o objecto “almofariz”, usado para esmagar e reduzir a pó, Junqueiro transmite, de modo nítido, a opressão de que eram vítimas os pequenos estudantes na escola pública do século XIX.

<sup>333</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687.

<sup>334</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 686.

<sup>335</sup> O autor usa a personificação como figura estilística base de construção do texto, conferindo-lhe expressividade; trata-se de um relato em primeira pessoa que testemunha o abandono a que a educação portuguesa chegou, sendo a educação um sector básico do desenvolvimento de qualquer país.

<sup>336</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Falam as Escolas em Ruínas», *in Finis Patriae, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 474.

<sup>337</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 474.

O elemento coruja, presente na metáfora, é usado porque portador do significado de mau presságio que paira sobre as escolas portuguesas, a necessitar urgentemente de mudança. A contrastar profundamente com o animal de mau agouro, a abelha

O poeta termina este texto com uma indagação crítica aos responsáveis portugueses pela área educativa porquê continuar a adiar uma renovação que mais do que se necessita se impõe. Veja-se o enunciado “Tu fazes, Pátria, as almas cegas, / Prendendo a infância num covil. / [...] Se a infância é flor, porque lhe negas Abril?!”.<sup>338</sup>

Além da chamada escola régia, a primeira, e na maior parte dos casos única escola das crianças portuguesas do século XIX, havia outra instituição que tomava a seu cargo a educação dos jovens: o seminário. Neste local, muitos rapazes encontravam a única oportunidade de singrar na vida, fugindo ao ciclo infernal da vida agrícola. A ida para o seminário perspectivava-se como a única saída para uma vida tão miserável como a dos pais.

De carácter religioso e austero, a educação nos seminários estava na mão de padres que, na maior parte dos casos, não tinham formação ou sensibilidade para compreender e educar os jovens que lhes eram confiados.

Junqueiro, crítico por natureza da ortodoxia católica, mostra-se particularmente cáustico relativamente aos princípios pedagógicos adoptados no seminário, considerando que eles são atrofiantes para o ser humano, sendo responsáveis pela degeneração da pureza e ingenuidade natural das crianças.

Vários são os momentos literários em que Junqueiro reflecte sobre a forma como os jovens são educados nos seminários. O texto «Como se Faz um Monstro»<sup>339</sup> descreve o percurso biográfico de um rapaz oriundo do meio rural, cujo pai decide que o filho deve enveredar pela vida eclesiástica para ter um nível de vida melhor e quebrar o ciclo de miséria em que a família vive há gerações.

---

laboriosa que paira sobre as rosas é um elemento facilmente identificável com as crianças, na sua beleza e fragilidade.

<sup>338</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 474.

Ao empregar o termo flor para designar a infância e ao escolher o mês de Abril, que marca o início da Primavera, o poeta consegue transmitir com grande nitidez a importância de se renovar a primeira escola da criança, no sentido de se responder às suas necessidades e desejos.

<sup>339</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Como se Faz um Monstro», in *A Velhice do Padre, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 474.

Segundo o poeta, o balanço da estada no seminário é profundamente negativo e, após ela, a criança passa a ser um “monstro”<sup>340</sup> de egoísmo, estupidez e luxúria.

No início deste texto, Junqueiro descreve pormenorizadamente a vida despreocupada e alegre de uma criança que mantém estreita ligação com a natureza, a sua primeira grande escola. É precisamente esse contacto estreito que lhe permite manter a sua saudável alegria e pureza infantis: “Ele era nesse tempo uma criança loira/ Vivendo na abundância agreste da lavoira, / Ao vento, ao sol, pastoreando os gados/ [...]”

Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes, / Trepando aos pinheirais, às fragas aos barrancos/ No rijo e negro pão cravando os dentes brancos, / Radioso como a aurora e bom como a alegria”<sup>341</sup>.

Como é visível, pela descrição deste quadro, a pobreza e a vida dura do campo em nada inibem a felicidade infantil; pelo contrário, promovem o seu saudável e harmonioso desenvolvimento.<sup>342</sup>

Neste primeiro momento do poema, que assume contornos de texto narrativo,<sup>343</sup> o rapaz, que é personagem principal, faz jus ao célebre dito latino *mens sana in corpore sano*, pois tudo é nele grande e sem mácula, desde os olhos (espelho da alma), que têm “uma limpidez virtuosa”<sup>344</sup> e “reflectem uma audácia heróica e valorosa”<sup>345</sup>

---

<sup>340</sup> “Que transfiguração! Que radical mudança! / Em lugar da inocente, Angélica criança, / Voltava um chimpanzé, estúpido e bisonho, / [...] A ignorância profunda, a estupidez suína, / A luxúria d’Igreja, ardente, clandestina, / O remorso, o terror, o fanatismo inquieto”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Como se faz um Monstro», *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 383.

<sup>341</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 383.

<sup>342</sup> A descrição da vida no campo é tão idílica que o autor chega a comparar o carácter pictórico da cena descrita a uma pintura de autor consagrado: “E à tarde quando o Sol, extraordinário Rubens,/ Na fantasmagoria esplendida das nuvens,/ Colorista febril lança, desfaz, derrama/ O topázio, o rubi, a prata, o oiro,a chama”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 383. A nível do plano estilístico-semântico, atente-se como a enumeração assindética confere um especial visualismo pictórico ao quadro apresentado.

<sup>343</sup> Este é mais um exemplo de como a miscigenação modal é uma constante em toda a produção literária de Junqueiro.

<sup>344</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>345</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

ao timbre da sua voz que é “imperiosa e clara”<sup>346</sup>, até à sua postura “altivamente recta”<sup>347</sup>. Com efeito, o pequeno herói desta “história” reúne todas as condições necessárias para ser um “soberbo [...] atleta em miniatura”.<sup>348</sup>

Porém, o destino deste jovem é drasticamente alterado pela decisão paterna de os seus estudos se efectuarem num seminário. O pequeno João vai ter de partir e o pai, “um bravo aldeão”<sup>349</sup>, apresenta-lhe, num excelente discurso argumentativo, todos os motivos que justificam a opção pela vida eclesiástica que tomou pelo filho. Os motivos, de ordem estritamente materialista e mundana, transmitem claramente a ideia negativa que o povo português do século XIX tinha sobre os membros do clero, visível nas palavras paternas:

“Vou botar-te ao latim, quero fazer-te gente/ [...] Hoje padre é melhor talvez que ser doutor/ Aquilo é grande vida; é vida regalada. / Olha, sabes que mais? Manda ao diabo a enxada. / Aquilo é que é vidinha! Aquilo é que é descanso! / Arrecada-se a cõngrua, engrola-se o ripanço, / Arranja-se um sermão aí com quatro tretas, / Vai-se escorropichando o vinho das galhetas”.<sup>350</sup>

Como o exemplo acabado desta vida, sem princípios religiosos ou morais, mas com muitos proveitos materiais, é apresentado o padre da terra, que é alvo de dura crítica: “Olha, João, vê tu o nosso padre – cura:/ É, sem tirar nem pôr, uma cavalgadura. / Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;/ Pois tem feito um casão em meia dúzia de

---

<sup>346</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>347</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>348</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>349</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>350</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

É importante constatar, a nível do plano técnico compositivo, a presença de um tom oralizante e o uso de um registo de língua popular para conferir verosimilhança às palavras do camponês.

anos”.<sup>351</sup> O velho agricultor é o porta-voz da opinião popular sobre a classe eclesiástica, “Isto é desenganar; padres sabem-na toda”.<sup>352</sup>

As expectativas deste pai para o futuro do filho não coincidem com as do pequeno João que se mostra triste e contrariado<sup>353</sup>, como é visível pela reacção paterna: “Mas que é isso rapaz? Nada de choradeira/ Toca p’ró seminário. Eu quero ir para a cova/ Só depois de te ouvir cantar a missa nova”.<sup>354</sup>

Depois de uma elipse<sup>355</sup>, a história de João prossegue, agora já “coluna da igreja”.<sup>356</sup> Depois da sua formação no seminário, o “muitíssimo ilustre e digno padre João” faz a sua aparição na aldeia. É sobre este novo João que o sujeito poético tece as suas considerações, e mais concretamente reflecte sobre ele como resultado concreto de um processo educativo operado pelo seminário. Desde logo se assinala uma “transfiguração”<sup>357</sup>, “uma radical mudança”<sup>358</sup>, pois “Em vez do alegre filho chega um monstro já decrépito/ Que acabava de vir das jaulas clericais”.<sup>359</sup>

Segundo o autor, a educação no seminário funcionava em moldes tais que atrofiava mentes e corpos, “Em lugar da inocente, angélica criança, / Voltava um chimpanzé, estúpido e bisonho/ [...] Seu corpo juvenil, robusto e florescente, / Vergava para o chão, exausto de cansaço”.<sup>360</sup>

A educação do seminário, com os seus dogmas e restrições morais, é um “fardo” demasiado grande que faz com que os jovens

---

<sup>351</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>352</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 384.

<sup>353</sup> No século XIX, esta atitude paterna em nada nos surpreende, uma vez que eram sempre os progenitores que tomavam todas as decisões concernentes à vida dos seus filhos, fosse a nível do plano pessoal ou profissional.

<sup>354</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

<sup>355</sup> Estratégia literária própria do modo narrativo, mais uma vez a comprovar a miscigenação modal presente na obra literária junqueiriana.

<sup>356</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

<sup>357</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

<sup>358</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

<sup>359</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

Atente-se na expressividade da metáfora, “jaulas”, a fazer corresponder o seminário a um local onde estão encerrados animais.

<sup>360</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

que o frequentam envelheçam precocemente: “Os dogmas são de bronze, e a lâ duma batina/ Já vai pesando mais que as armaduras d’ aço”.<sup>361</sup>

Junqueiro compara, através da metáfora, a ida de João para o seminário com o aprisionamento de um passarinho, cujo canto morre de tristeza: “Metida nas prisões escuras de Loiola/ A sua alma infantil, não tendo luz nem ar, / Foi como os rouxinóis, que dentro da gaiola/ Perdem toda a alegria e morrem sem cantar”.<sup>362</sup>

Neste poema, em particular, o autor é cáustico relativamente à Igreja e aos seus métodos, chegando a comparar os Jesuítas (responsáveis no século XIX pelo ensino nas instituições eclesiásticas) aos saltimbancos, no “recrutamento” das crianças: “Também o jesuitismo hipócrita- romano,/ Palhaço clerical, anda pelos caminhos/ A comprar, a furtar, assim como um cigano/ As crianças às mães, os rouxinóis aos ninhos”.<sup>363</sup>

Junqueiro compara os seminários a locais de verdadeira tortura psicológica- “Vão levá-las depois ao negro seminário/ Às terríveis galés, ao sacro matadouro”, sendo apenas ministradas às crianças noções de “estupidez” e “superstição” e sendo-lhes negado aquilo que na opinião de Junqueiro é o mais importante de desenvolver no ser humano, a razão: “guardam-lhes a razão, / A análise, esse forte venenoso fluído”.<sup>364</sup> Isto porque, na opinião de Guerra Junqueiro, a ortodoxia católica dispensa o espírito crítico àqueles que enveredam pelas suas fileiras.

Junqueiro reflecte sobre a alma infantil e como a educação na infância é assunto da maior importância, considerando o autor que ela deixa marcas indeléveis na vida futura: “As almas infantis são brandas como a neve, /São pérolas de leite em urnas virginais, / Tudo quanto

---

<sup>361</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

<sup>362</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 385.

Notemos, novamente a força expressiva da metáfora. Neste caso, a aproximação do termo seminário do conceito de prisão transmite a ideia que o autor tem sobre a educação nesta instituição religiosa, associada a encarceramento e ao obscurantismo da rígida ortodoxia católica.

<sup>363</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 386.

<sup>364</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 386.

se grava e quanto ali se escreve, / Cristaliza em seguida e não mais se apaga”.<sup>365</sup>

O autor refere ainda a forma negativa como o ensino clerical actua junto dos seres humanos em crescimento: “Destá forma consegue o astucioso clero/ Transformar, de repente, uma criança loira/ Num pássaro nocturno estúpido e sincero. / É abrir-lhe na cabeça a golpes de tesoura/ A marca industrial do fabricante- um zero!”<sup>366</sup>

Junqueiro reflecte sobre a educação eclesiástica em vários momentos da sua obra, colocando sempre a tónica no facto de o seminário fazer, das almas puras e inteligentes das crianças, monstros de estupidez e obscurantismo, caracterizando-o como “A flor da estupidez e o trigo da ignorância”.<sup>367</sup>

No poema «A Hidra»<sup>368</sup>, enquanto o poeta observa um grupo de seminaristas que vão passando, reflecte sobre como estes jovens são fruto de uma instituição educativa a todos os títulos perniciosá, responsável por que, em plena juventude, eles apresentem “um ar imbecil, caliginoso, estranho” e apaticamente “passam como um rebanho”.

Perante este cenário e estes jovens que circulam amorfos e anódinos entre a multidão, o autor não sente “Nem ódio, nem rancor” porque considera que são vítimas da ortodoxia católica, “Loiola/ Dobra-vos a cerviz com a canga da estola”.<sup>369</sup>

O autor, usando um tom de dura crítica, comenta aqueles que considera serem os métodos da Igreja Católica, que não olha a

---

<sup>365</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 386.

<sup>366</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 386.

Através do uso de fina ironia e da metáfora, o autor refere-se à prática da tonsura, marca indissociável da classe eclesiástica do século XIX.

<sup>367</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Hidra (Vendo passar Seminaristas)», *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 414.

<sup>368</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 414.

<sup>369</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 414.

Atente-se no valor expressivo desta metáfora final, em que os jovens sacerdotes são aproximados aos animais, acreditando o autor que os primeiros, tal como os segundos, na sua irracionalidade, levam uma vida de servidão, sem questionarem o que quer que seja, na sua cega obediência a ordens superiores.

vocações, mas única e exclusivamente a interesses materiais, “matando” a espiritualidade que possa existir latente naqueles que engrossam as suas fileiras. Relativamente à formação sacerdotal, Junqueiro tece as seguintes considerações:

“Tartufo, bode obscuro e teólogo profundo, / Ensina-  
vos, conforme o ritual mais perfeito, / A cruzar, como S.  
Francisco, as mãos no peito, / Sob a sotaina arqueando a  
gravidez das panças, / A impor jejuns, benzer caixões, salgar  
crianças/ A grunhir, a ladrar sermões, missas cantadas, / E a  
escrever o Céu por partidas dobradas”.<sup>370</sup>

De entre todos os membros da hierarquia eclesiástica católica, o Papa é aquele que merece a Junqueiro a crítica mais contundente, pois que é ele o chefe da Igreja. Assim, é descrito como “uma serpente escura, bicho imundo, / Gigantesco réptil [...] em cujas espirais “se debate um Laoconte imortal - a consciência humana”.<sup>371</sup>

É para que esta consciência, que já existe na criança, se desenvolva que Junqueiro pugna, fazendo uso da palavra poética. Na opinião do autor, a educação no seminário atrofia e impede esta mesma consciência de se manifestar, sendo o principal motivo pelo qual critica esta instituição de ensino.

Guerra Junqueiro, em vários momentos da sua obra poética, faz questão de salientar a importância da educação de crianças e jovens pois que da sua formação presente dependerá a sua actuação futura como homens e mulheres de bem, conscientes e socialmente válidos.

---

<sup>370</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 414.

Nesta passagem, o autor é particularmente caústico relativamente à educação dada nos seminários, evidenciando com grande ironia o cinismo subjacente a todo o processo educativo e o desfasamento entre o ser e o parecer da classe sacerdotal. As suas palavras tornam-se particularmente duras quando recorre a verbos do campo semântico do mundo animal para caracterizar a actividade dos sacerdotes.

<sup>371</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, « A cabeça é o Papa », *in op. cit.*, p. 415.

É no texto «À Mocidade das Escolas»<sup>372</sup> que o poeta faz o mais rasgado elogio à bravura e espírito aventureiro dos jovens que, quando correctamente orientados, podem concretizar grandes feitos para a pátria, podendo, inclusive, ser a sua única possibilidade de resgate: “Agonizando a Pátria está/ Ó Mocidade ouço teus passos!.../ Beija-a na frente, ergue-a nos braços/ Não morrerá”.<sup>373</sup>

A Mocidade assume, aos olhos do poeta, um papel quase messiânico. É a ela que cabe mitigar as dores e o sofrimento pátrios; poderá ser ela a única capaz de libertar a nação do jugo do atraso que sob ela pesa: “Ó Mocidade!...Unge-lhe as dores/ [...] Pega na espada, arma a clavina, / Não morrerá”.<sup>374</sup>

É porque considera a juventude “heróica e bela”<sup>375</sup> que Guerra Junqueiro lhe consagra as mais belas páginas da sua obra e reflecte profundamente sobre aspectos que lhe dizem respeito, tais como a educação que, em seu entender, se impõe reestruturar o mais urgentemente possível. Só com base numa alteração profunda, Portugal “reviverá”.<sup>376</sup>

---

<sup>372</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, in «À Mocidade das Escolas», *Finis Patriae, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 489.

<sup>373</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, in *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 489.

<sup>374</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 490.

<sup>375</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 490.

<sup>376</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 490.

## 1.4 - A Criança e a Natureza

Guerra Junqueiro manifesta, em vários momentos da sua obra literária, um grande amor pelas alegrias virginais que a natureza lhe proporciona, sentindo um verdadeiro encantamento pelo campo, os caminhos rurais, a profundidade e mistérios do oceano, a imensidão do céu.

Para Junqueiro, a Natureza evolui indefinidamente, e sempre, para o Bem, fazendo-a corresponder o poeta à verdadeira beleza, à bondade e verdade intrínsecas da vida. A par desta metafísica própria de um panteísta, Junqueiro associa a Natureza à Infância humana, pois que ambas partilham das mesmas singeleza, simplicidade e ternura.

Muitas vezes o poeta faz corresponder as características fundamentais da criança a elementos da natureza, constituindo a sua presença motivo de alegria e rejuvenescimento, tal como é visível no apelo feito pelo poeta quando afirma:

“Crianças, vinde rir, brincar, saltar, voar! / Abri o firmamento azul do vosso olhar/ Onde cantam não sei que aves do paraíso.../ O aroma do lilás transforma-se em sorriso/ Nessas bocas em flor, cuja alegria pura/ Borboletas em nós, como o sol na verdura”.<sup>377</sup>

A infância é apresentada como elemento vivificador da natureza e, ainda mais que isso, é identificada com o que de mais

---

<sup>377</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Manhã», in *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 788.

Atentemos no uso da metáfora, sempre com o objectivo de fazer identificar o plano da natureza com o mundo infantil. Nesta intersecção de planos, as crianças surgem como seres de essência superior, descritas como se de elementos integrantes da natureza se tratassem.

positivo e alegre a natureza possui, as aves e a luz: “Perpassai colibris! Iluminai, auroras! / Sede um enxame de oiro a rir pelos caminhos”.<sup>378</sup>

Em sua beleza e pureza, a infância é elevada a um plano superior e adquire o estatuto mais importante de qualquer fase da vida humana, apesar da traquinice que lhe é própria e da transgressão a certas regras: “Mas como os anjos são em Abril salteadores, / Anjos, colhei, cortai aos braçados as flores”.<sup>379</sup> Para o autor, às crianças tudo é permitido, pois afinal “As rosas fê-las Deus para as mãos pequeninas”.<sup>380</sup>

Junqueiro associa a infância ao despontar da vida<sup>381</sup>, por isso a coloca amiúde em cenários primaveris, em que pinceladas de luz são a marca de um sol que “refulgente e novo passarinha”<sup>382</sup> por muitos dos seus mais belos quadros descritivos.

O poeta escolhe os ambientes rurais como cenário predilecto, onde se movem as personagens infantis, decerto por considerar a aldeia como um ambiente social onde ainda se encontra verdadeira pureza onde existe uma estreita relação com a terra- mãe.

A alegria primaveril, crescendo para a maturidade do Verão, é cenário de algumas das mais belas composições do autor, que têm como protagonistas dilectos as crianças.

Em cenários rurais, as crianças são chamadas, desde cedo, a participar nos trabalhos agrícolas, ajudando as suas famílias pobres e, muitas vezes, numerosas. É a naturalidade e beleza com que os petizes protagonizam as actividades no campo que fascinam o poeta e o levam a descrever estes quadros com toda a beleza poética, tal como acontece no quadro a seguir apresentado.

---

<sup>378</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 789.

<sup>379</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 789.

A forma como Junqueiro se refere às crianças, designado-as por “Anjos” é bem prova do estatuto de superioridade que elas têm aos olhos do autor.

<sup>380</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 789.

<sup>381</sup> Como primeira das fases da vida humana, a infância é normalmente associada à Primavera; também ela a primeira das estações do ano e por isso é perspectivada como promessa de vida e renovação.

<sup>382</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Cadáver», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 874.

Por uma estrada “que entre cerejais ondeia”, “uma pequerrucha” é o centro das atenções do poeta, contrastando a sua aparente pequenez e fragilidade com a grandeza dos animais que conduz e com a carga que estes carregam, “bois enormes com um castanheiro apodrecido já” que caminham “submissos”, enquanto a pequena camponesa os guia.

O poeta descreve minuciosamente a sua pequena heroína, “uma donairoza” e “linda boeirinha”<sup>383</sup>, de “Grandes olhos garços” e “sorrisinho arisco” que avança decidida “D’aguilhada em punho”.

À imagem de outras situações em que fala sobre as crianças, também aqui a menina é comparada a elementos caracterizadores da natureza. Desta forma, os seus modos são igualados à “graça aérea d’ave ribeirinha”, seja ela “verdilhão, alvéola, toutinegra ou pisco”.<sup>384</sup>

“Loira” como “as abelhas”, ela é “Fresca como os cravos ao amanhecer”, contribuindo a própria natureza para o seu embelezamento,

visto que o seu único adorno são “brincos de cerejas presas nas orelhas” e o seu “chapéu é palha que inda há um mês deu trigo, / A saíta é linho inda há pouco em flor!”.

O autor tece ainda algumas considerações relativamente à caracterização social da boeirinha, evidenciando o facto de apesar de pertencer a uma classe social humilde, “descalcinha e pobre”, não ter um “ar mendigo” e confessa nunca ter visto “Nada mais esvelto, mais encantador”.<sup>385</sup>

Junqueiro rende-se aos encantos da pequena boeirinha que é sã como o que de mais puro existe na natureza e são precisamente essas pureza e alegria intrínsecas a esta criança que contagiam o poeta e que lhe servem de refrigério.<sup>386</sup>

---

<sup>383</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 875.

<sup>384</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 875.

<sup>385</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 875.

<sup>386</sup> “...Ai, do que eu preciso, / [...] É dessa inocência, desse paraíso, / Da alegria de oiro que há no teu sorriso, / Da candura d’alva que há no teu olhar”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Cadáver», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 877.

Vários são os exemplos de crianças do meio rural retratadas na obra de Guerra Junqueiro, tendo em comum alguns traços que se revestem para o autor da maior importância: a alegria de viver, a pureza e robustez física e psicológica. O pequeno Zé Pastor<sup>387</sup> é um dos mais perfeitos exemplos de como a vida na natureza é, a todos os títulos, proveitosa e benéfica para as crianças.

Este “zagalzinho alegre”, embora “desde tenra infância” habituado a “escalar montanhas com ardor”, com o seu surrãozinho cheio a tiracol<sup>388</sup>, é um menino saudável e belo “Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...”<sup>389</sup>.

Este petiz “fez-se moço e grande pelas serras brutas”<sup>390</sup>, podendo concluir-se que a vida em contacto com a natureza, ainda que agreste e bravia, fortifica a formação dos pequenos seres humanos.

De forma a tornar a descrição o mais realista possível, o autor descreve pormenorizadamente o ciclo das estações do ano: em seu entender, cada uma delas é marcante na construção da personalidade do pastor. Este, desde tenra idade, convive com as várias nuances que lhe apresenta a natureza, marcando-o indelevelmente com as suas imagens.<sup>391</sup>

Junqueiro apresenta-nos, numa sequência descritiva notável, os cenários outonais, em que podemos sentir a angústia de Zé Pastor, quando, sozinho, “Pastoreava o gado quase morto já”, no meio de um cenário de “rochedos tristes, nus como caveiras, /E zambulhos, zimbros, tojos, cornalheiras” bem como o estertor das tempestades de

---

<sup>387</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Pastor», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 896.

Neste texto há uma clara miscigenação de características modais líricas e narrativas. A categoria da narrativa que ocupa lugar de destaque é a personagem e, em estreita ligação com ela, a descrição visualista do espaço, que com ela interage e de certo modo a completa.

<sup>388</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 896.

<sup>389</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 896.

<sup>390</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel guerra, *op. cit.*, p. 897.

Neste texto, como já foi referido, assistimos à miscigenação modal, coexistindo características do modo lírico e narrativo. O narrador tem a preocupação de conseguir transmitir com grande veracidade a passagem do tempo físico. Deste modo, todas as referências feitas à acção e personagem reflectem este aspecto.

Acompanhando esta preocupação, há o objectivo de o narrador evidenciar as características físicas e emocionais da personagem.

Inverno, com as suas “Noites formidandas”, em que, de pequeno, enfrenta as “negras invernadas”, de “Desmoronamentos, temporais” e “nevadas” sentindo-se ao longe os “lobos a ulular”.<sup>392</sup>

Se a dureza destas estações do ano é detalhadamente apresentada, também a beleza agreste da Primavera e do Verão são soberbamente descritas.

A Primavera é associada ao renascer da vida, que se traduz no embelezamento da natureza, vestindo-se os montes “de trevos e de rosmaninhos, /com sorrisos d’ouro que alvoroçam ninhos/ E destilam favos de inocência e mel”.<sup>393</sup> O Verão é associado a um enorme estio, em que natureza e animais fazem um esforço sobre-humano para conseguir sobreviver, “Sob o azul d’Agosto, cor de fogo e pó, / Recozida a febre e atordoada em lava, / Lagrimeja apenas de uma rocha cava/ pranto, que o bebera uma ovelhinha só!”.<sup>394</sup>

Este crescimento no seio da natureza e o convívio com as suas diversas facetas são os responsáveis pela verticalidade e integridade do Pastor, que é forte física e psicologicamente, sem perder a inocência natural das crianças, pois “Tanto Abril florido, tanta calma adusta, / Tantas invernuras, sem pesar ou dor, / Tinham-lhe gravado na expressão robusta/ Como que uma sombra de grandeza augusta, / Junta a uma grandeza matinal de flor”.<sup>395</sup>

O autor considera que a natureza ocupa um lugar de tal destaque na formação da criança que lhe proporciona uma felicidade inigualável, daí que o pequeno Zé seja “Mais feliz nos campos do que Deus no altar!”.<sup>396</sup>

A comunhão total com a natureza, desde pequeno, faz com que no interior da alma de Zé Pastor morem todas as contradições de uma

---

<sup>392</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 897.

<sup>393</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 898.

<sup>394</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 897.

<sup>395</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 898.

<sup>396</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 898.

A nível do plano estilístico-semântico, a expressividade desta comparação, acompanhada de hipérbole, serve para realçar a felicidade e bem-estar da criança que, em meio rural, cresce em harmonia com a natureza.

paisagem tipicamente transmontana e a sua forma de ser seja tão harmoniosa e pura que se assemelha à de um eremita santificado.<sup>397</sup>

Zé Pastor crescera tão de acordo com a natureza na sua primitiva pureza, “Longe dos Pecados de raivosas presas, / Belzebus famintos d’olhos de metal, / Longe das terríveis tentações acesas”<sup>398</sup> que, quando a inspiração lhe tomava a alma de artista, este momento coincidia com o movimento do firmamento que faz surgir os astros, numa conjugação perfeita entre homem e natureza.<sup>399</sup>

Com efeito, há entre Zé Pastor e a Natureza uma espécie de acordo tácito estabelecido desde criança e que já existe há muitas gerações: “seu bisavô fora guardador de gado/ Guardador de gado seu avô, seu pai/ Criou filho e netos como foi criado”.<sup>400</sup>

É fruto deste “acordo”, que permite uma espécie de simbiose com a natureza, dando e recebendo, que aquela alma de “pastor ditoso” se vai inscrevendo em plena eternidade e assim “Nela penetrava, nela se embebia/ Tudo que é inocência, riso, amor, clarão:/ Frémido de pomba, voz de cotovia, / Cânticos dos montes ao nascer do dia, / Lágrimas dos astros pela escuridão!...”.<sup>401</sup>

Na sua alma pura, resultado de uma vida em perfeita comunhão com a natureza, penetrava tudo o que é inocente e bom.<sup>402</sup> Com efeito, graças à pureza adquirida e preservada pelo contacto com a natureza, a sua alma é reflexo do que mais belo aí existe: “voz de cotovia, / Cânticos dos montes ao nascer do dia, / Lágrimas dos astros pela escuridão”.<sup>403</sup>

Com esta personagem, Junqueiro comprova a veracidade de uma das principais teses subjacentes à sua obra, no concernente à

---

<sup>397</sup> “Esse gigantesco latagão corado/ Era como os santos ermitões, frugal”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>398</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>399</sup> “Sua rude fruta de pastor ouvindo na misteriosa luz crepuscular, / Iam-se as estrelas uma a uma abrindo, / E desabrochava pelo céu infindo/ Soluçante a Lua como um nenúfar!...”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>400</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 901.

<sup>401</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>402</sup> “Nela (alma) penetrava, nela se embebia/ Tudo o que é inocência, riso, amor, clarão”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>403</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

criança: a natureza é, por excelência, **a grande escola**; uma vivência em estreito contacto com ela é garante de um crescimento saudável e harmonioso, permitindo ao ser humano atingir a idade adulta com toda a inteireza, “a alma virgem, luminosa e pura,/ Conservara-a sempre como Deus a fez”.<sup>404</sup>

É deste modo que Zé Pastor “Aos noventa anos [...] centenário quase”<sup>405</sup> é como um “Álamo gigante”<sup>406</sup> e, quando parte deste mundo, o seu destino só pode ser um: “Fez-se em anjo branco”<sup>407</sup> e conquista uma dimensão de total pureza e de eternidade, em que “Milhões de astros seguem seu olhar jucundo, / São rebanhos d’almas pelo azul profundo/ As ovelhas novas do Ti-Zé-Senhor”.<sup>408</sup>

Junqueiro valoriza de tal forma a natureza que, em vários momentos da sua obra, deixa transparecer alguns esboços de uma verdadeira religião apoiada nela, porque, em seu entender, “Há mais Deus com certeza/ Nos cardos secos de um rochedo nu/ Que nessa bíblia antiga...Ó Natureza, / A única bíblia verdadeira és tu!...”.<sup>409</sup> Segundo o poeta, “A morte não se vê nesta religião/ Da natureza; aqui tudo resplende e canta, / Um sepulcro de planta é o berço doutra planta, / E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte, / Que está constantemente eliminando a morte”.<sup>410</sup>

É porque a natureza é fonte de beleza e vida que o autor tão frequentemente a associa, ou a alguns dos seus elementos integrantes, à infância humana. Junqueiro perspectiva os bandos de crianças que

---

<sup>404</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 899.

<sup>405</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 900.

<sup>406</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 900.

Novamente a metáfora, inspirada no campo da natureza, a evidenciar a ideia de que, pelo convívio com a natureza, Zé acabou por se tornar um elemento integrante dela.

<sup>407</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 902.

<sup>408</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 902.

<sup>409</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Melro», in *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 411.

<sup>410</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, JUNQUEIRO, Manhã», in «*Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 788.

Veja-se a importância do uso da enumeração polissindética e dos advérbios de intensidade “tão” e de modo “constantemente”, a enfatizar o valor de natureza como fonte permanente de renovação.

brincam como “primaveris fileiras”, cujo sorriso lembra a cor das flores, “lilás, exânime”. Elevados a “Astros do amanhecer”, quando o poeta avista um grupo de petizes, eles lembram-lhe “Bandadas matinais de níveas pombas mansas/Que partiram deixando o seu pombal deserto”.<sup>411</sup>

A natureza serve sempre de refrigério ao poeta e é a panaceia para os seus males físicos e psicológicos.<sup>412</sup> Com efeito, a força vital que existe na natureza funciona para Junqueiro como fonte de rejuvenescimento e inspiração: “Rouxinóis, ensinai-me a chorar e a cantar! / Abelhas, revelai-me a graça misteriosa com que tirais o mel do cálix de uma rosa/ Para eu extrair umas canções d’ amor / Duns lábios que também são como a rosa em flor!”.<sup>413</sup>

À imagem da natureza, também as crianças são perspectivadas pelo autor como fonte de renovação e promessa de futuro, por isso o nascimento de um filho é encarado como a maior das bênçãos: “Que ventura radiante! Oh, que ventura infinda! / Olímpicos amores/ Ter frutos em Abril com o vergel ainda carregado de flores!”.<sup>414</sup> Na opinião de Junqueiro, há uma grande correspondência entre o mundo natural e o universo infantil, pois “Em tudo o que alvorece há um sorriso d’esp’rança,/ Candura imaculada!.../ E quer seja na flor, quer seja na criança/ Sente-se a madrugada”.<sup>415</sup>

Se Junqueiro aprecia particularmente a fase da vida humana que é a infância, não valoriza menos a condição de progenitor, porque é directamente responsável por estes pequenos seres, e em vários momentos da sua obra faz questão de sublinhar a importância que as

---

<sup>411</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 850.

<sup>412</sup> “Que esplendor! que vigor, que amor! que plenitude! / Eu quero mergulhar o corpo na saúde/ Da terra que produz as árvores frondosas! / Quero aprender a ser vermelho como as rosas!”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Manhã», *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 788.

<sup>413</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 788.

O uso de apóstrofes para evocar elementos da natureza evidencia a importância que ela assume aos olhos do autor, que lhe atribui características humanas.

<sup>414</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «O Primeiro Filho», in *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 790.

<sup>415</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Manhã», in *op. cit.*, p. 791.

filhas assumem na sua vida, particularmente a mais velha, Maria Isabel, a quem carinhosamente chama Mimi, como já referimos anteriormente.

Mais uma vez recorrendo à imagética retirada da natureza, o poeta considera a infância uma fonte de inspiração e regozijo: “A alegria é na infância o que na ave é asa e perfume na flor”.<sup>416</sup> Ainda, e sempre, inspirado na natureza, o autor assume-se como o sol poente, considerando que a sua filha é uma alvorada, uma vez que inicia os primeiros passos de toda uma vida que tem pela frente.<sup>417</sup>

Esta relação entre a vida humana e as fases do dia acontece em numerosas composições do poeta, fazendo corresponder à infância a luz e o calor da vida e à idade adulta o princípio do fim do ciclo vital. Este mesmo pensamento é visível nas palavras redigidas em homenagem a sua filha primogénita, Maria Isabel, quando diz: “Tu és o sol sempre claro [...] Nos campos, a flor de Abril”, e considera a “infância aurora da vida, / aurora-infância da luz”.<sup>418</sup>

O amor de Junqueiro pela infância é tão grande e tal a valorização que dela faz, que supera, nalguns casos, a profunda ligação afectiva e o valor que atribui à Natureza, como é visível quando reflecte sobre o oceano, com uma nota de humor: “Eu gosto de te ver no teu repouso infindo/ Ó mar tonitroante,/ quando na areia d’ouro as criancitas rindo/ Cospem em ti, gigante”.<sup>419</sup>

Este sentimento que o poeta sente pela infância estende-se à mocidade, a qual tem para ele uma força regeneradora igual à da

---

<sup>416</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Vendo-a sorrir», in *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p.825.

<sup>417</sup> “Sou o sol que agoniza, e tu, meu anjo loiro, / És o sol que se eleva/ Inunda-me de luz [...] polvilha de ouro/ O meu manto de treva”, in *op. cit.*, p. 826.

A treva aqui simboliza todas as preocupações do poeta, só passíveis de serem aliviadas pela luz da presença da sua filha que, como criança, possui a pureza original capaz de lhe mitigar as dores.

<sup>418</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Carta a Mimi», in *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, pp. 821/822.

<sup>419</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, in «Carta a Mimi», *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 721.

É claramente visível a importância que o poeta atribui ao Oceano, pela própria adjectivação com que se lhe refere, mas o autor não deixa de lançar uma nota irónica quando escolhe a imagem da fragilidade infantil que brinca com esse colosso da natureza que é o oceano.

natureza.<sup>420</sup> Quando o poeta se sente “dispéptico, exangue” resolve deixar “por um instante/ As coisas graves e sérias”<sup>421</sup> e retorna atrás no tempo, regressando à juventude.<sup>422</sup>

Só assumindo uma condição juvenil, pode o autor fruir plenamente o ambiente saudável que a natureza lhe proporciona, esquecendo as agruras inerentes à vida adulta: “Despindo a guerreira farda/ A farda dos generais, /Licenceio a velha guarda/ Das minhas odes marciais”.<sup>423</sup>

Junqueiro privilegia a relação existente entre a criança e a natureza não só na sua obra poética, mas também na compilação dos contos que dedica às crianças.<sup>424</sup>

Nesta obra, o autor faz uma associação belíssima entre o elemento mais bonito da natureza, a flor, e a criança, ao explicar que “Quando uma criança morre, vem um Anjo do céu, toma-a nos braços, e desdobrando as asas imaculadas, voa por cima dos sítios que ela amou durante a sua pequenina existência; de quando em quando, desce o Anjo a colher flores, que leva a Deus, para que desabrochem no Paraíso mais belas ainda do que tinham sido na terra”.<sup>425</sup>

As crianças são, a par da natureza, seres de uma enorme pureza e é muito provavelmente pelo seu amor à infância que escolhe quase sempre a figura de Jesus menino quando evoca a figura do redentor,

---

<sup>420</sup> “Rosas, lírios, mocidade, /Abri-vos, cantai agora! / Dê salvas de hilaridade/ O rubro canhão da aurora”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Convalescença», *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 708.

<sup>421</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 709.

<sup>422</sup> “Declaro-me um estudante/ Com quinze dias de férias.”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 709.

<sup>423</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 709.

<sup>424</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

<sup>425</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Criança, o Anjo e a flor», in *Contos para a Infância*, s./d, p. 51.

Junqueiro faz identificar a criança à flor, ao afirmar que ambas têm o privilégio de serem levadas a Deus nos braços dos anjos.

associando sempre à sua imagem os sentimentos, aparentemente antagónicos, de fragilidade e poder.<sup>426</sup>

---

<sup>426</sup> “E ao filhinho a noite não lhe causa medo, / Deu-lhe Deus o mundo para seu brinquedo, / Como um fruto d’ouro tem-no ali na mão!...”, in «As Ermidas», *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 889.

## 1.5 - A Criança e o Transcendental

Nos últimos anos do século XIX e princípios do XX, vemos que a dimensão religiosa assoma de forma particular na vida de homens que marcam a cultura do seu tempo, tais como Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e Leonardo Coimbra, entre outros.

No caso de Junqueiro, encontramos ao longo do seu percurso biográfico, uma dupla dimensão da sua atitude metafísica: uma mais autêntica, de religiosidade panteísta e humanitária, que percorre toda a sua obra, e outra, mais circunstancial, no contexto da cultura do seu tempo, marcada por um espírito marcadamente anticlerical.

Esta última atitude reflecte todo o ambiente de finais do século XIX e princípios do XX, tendo marcado o pensamento e a produção literária não só de Junqueiro, mas também de outros homens ligados à geração de 70, tais como Antero de Quental, Sampaio Bruno e Ramalho Ortigão. Com efeito, o que estava em causa era a intencionalidade de construção de uma “vida nova” e, sendo o elemento religioso um dos aspectos considerados mais importantes, aquilo que era posto fundamentalmente em causa era o modo como se praticava a religião.

O temor da morte tem sido uma das constantes da educação católica e, indubitavelmente, há qualquer coisa de anti-natural nessa educação terrificante que a ortodoxia católica cultivou durante séculos.

As crianças, perplexas perante a incompreensão do pecado, formaram-se durante longo tempo na visão assustadora de um céu difícil de conquistar, trono de um Deus inflexível e castigador, “Um Deus ermo e sombrio”<sup>427</sup>, e de um inferno de horríveis suplícios.

O misticismo religioso de Guerra Junqueiro adulto pode considerar-se construído com base em todas as emoções católicas da

---

<sup>427</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obra Completa (Poesia)*, «Ruínas», *A Morte de D. João*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 243.

infância, recalcadas até então, pela sua cultura. É este misticismo que está subjacente a algumas das suas reflexões sobre o Deus católico, comparado a uma figura que desde sempre tem atormentado as crianças, o Papão.

“Tal como as crianças têm medo à noite, às horas mortas/ Do papão que as espera hediondo, atrás das portas/ Para as levar no bolso”<sup>428</sup>, também a humanidade se sente assustada com o Deus que a ortodoxia católica lhe apresenta, um ser “Que ruge pela boca enorme do trovão, / Um papão que não faz a barba há seis mil anos”.<sup>429</sup> Este Deus inflexível e assustador é também alguém totalmente distante da humanidade e inalcançável porque mora “Lá em cima, /de trás da porta do infinito.”<sup>430</sup>

Junqueiro antepõe a esta figura divina a sua própria concepção de Deus: um ser magnânimo, profundamente bom e misericordioso, próximo da humanidade, sobretudo dos humildes e dos puros de coração, as crianças e os simples.<sup>431</sup>

Através da sua crítica corrosiva ao Cristianismo institucionalizado, o poeta vai afirmar os valores em que acredita: a importância da liberdade e da justiça como ideais a perseguir e que, como transcendentais que são, estão acima do Vaticano, “O Versalhes maldito”<sup>432</sup>.

Apesar da negatividade da sua crítica, destaca-se na obra de Junqueiro algo que podemos considerar como um desígnio moral e metafísico. É nos seres mais simples (os pobres e as crianças) que Junqueiro melhor sente a presença do divino porque são considerados o paradigma de uma elevação moral e espiritual em que a pobreza e a

---

<sup>428</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obra Completa (Poesia)*, «O Papão», in *A Velhice do Padre Eterno*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 356.

<sup>429</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 356.

<sup>430</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 356.

<sup>431</sup> “Deus, o Deus em que acredito, / Essa luz que alumia essa noite- o infinito,/ Espírito que, enchendo o abismo do universo/ Cabe num olhar de criança ou num cálix de flor./ Esse Deus imortal, único, bom e clemente/ [...] É um Deus plebeu e humilde,/ [...] Um Deus descalço e proletário”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Ao Núncio Mazela», in *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 392.

<sup>432</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obra Completa (Poesia)*, «Ao Núncio Mazela», *A Velhice do Padre Eterno*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 397.

humildade ou a singeleza, virtudes tão franciscanas, conferem um sentido maior à existência, abrindo-a ao Transcendente, ou seja, a Deus. Estas almas simples são aquelas que melhor “entrevêem Deus”.  
433

No âmbito do transcendental, a morte constitui motivo para muitas das reflexões do poeta. A igualdade de todos os homens perante a morte e, simultaneamente, a diferença de destinos que os aguardam no plano espiritual constituem momentos poéticos muito significativos na obra de Junqueiro.

Em relação à morte física, a situação das crianças é alvo de particular atenção, procurando o autor com a sua palavra poética servir de consolo a esta irreparável perda.

O seu sentimento de solidariedade e encorajamento das mães que perdem filhos pequenos é particularmente visível nas palavras que coloca na boca de um jovem poeta que, entrando num “templo/ Triste como um deserto/ Duma tristeza luminosa e casta”<sup>434</sup> e abrindo um caixão, “vê uma criancinha de três anos”.<sup>435</sup> Essa visão inspira-lhe o seguinte pensamento:

“Ó mães que tendes filhos, mães piedosas, / Quando eles morrerem criancinhas/ enfeitai-lhes os caixões de brancas rosas/ Deixai, deixai voar as andorinhas/ Em busca das paragens luminosas. / Não acordeis as tímidas crianças/ No pequenino túmulo risonho:/ Ditosos os que vivem como esp’ranças/ Felizes os que morrem como um sonho”.<sup>436</sup>

Aquilo que mais perturba o poeta quando descreve cenários de morte e desespero é a penosa situação infantil. Em pleno século XIX, numa época em que os cuidados infantis eram de uma total

---

<sup>433</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obra Completa (Poesia)*, «As Ermidas», in *Os Simples*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 892.

<sup>434</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Obra Completa (Poesia)*, «Ruínas», in *A Morte de D. João*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 241.

<sup>435</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 251.

<sup>436</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 251.

precariedade, os primeiros a serem roubados à vida eram as crianças, a que muitas vezes nem as orações fervorosas das mães valiam, ainda assim a única protecção de que podiam dispor.

Junqueiro consegue descrever fotograficamente este cenário de doença e desespero, quando diz que “entre os dedos das mães famintas os rosários/ Passam piedosamente e inutilmente, enquanto/ A Morte, a hiena magra e vesga, espreita a um canto/ Um berço onde agoniza um anjo”.<sup>437</sup>

As referências à morte infantil são uma constante na produção literária de Junqueiro, tendo ele a preocupação de estabelecer frequentemente uma relação de correspondência entre a pureza da alma infantil e as flores.<sup>438</sup>

A presença dos pequenos corpos infantis é, pela inocência inerente à infância, um elemento de purificação, mesmo do espaço do cemitério e a própria natureza faz com que haja uma transformação das coisas mais impuras “Em lírios brancos e em rosas”<sup>439</sup>. A natureza é responsável pela transformação da matéria mais pútrida, num cenário belíssimo, em que a Terra “veste um vestido de flores/ Do guarda-roupa de Abril.”<sup>440</sup>

Noutra circunstância, o poeta reflecte sobre a morte, de um ponto de vista material e apresenta o fim dos seres como um processo de deterioração e transformação, justificando a máxima de Lavoisier: “Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.<sup>441</sup>

---

<sup>437</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 431.

<sup>438</sup> “As valas para as crianças/ Serviam para dois fins/ Ou para enterrar esp’ranças/ Ou para plantar jasmíns”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «No cemitério», in *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 699.

“ Tombavam dentro das valas/ As crianças cor dos lírios/”, in *op. cit.*, p. 698.

<sup>439</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Ruínas», *A Morte de D. João, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 241.

<sup>440</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «No cemitério», *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d., p. 698.

<sup>441</sup> “No cemitério a vida impetuosa e forte/ Rompe a cantar do ventre ubérrimo da Morte/ Pântanos, silveirais, cardos, urtigas, rosas, / Tudo isto a latejar, a fecundar, repleto, / Num emaranhado anárquico pulula/ [...] Um cadáver que chega é uma iguaria nova/ Que os vermes decompõem em gangrenas”.JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Sesta do Senhor Abade», *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Lello & Irmão-Editores, p. 431.

Sob esta perspectiva, a morte surge como algo de inexorável, afectando todos, rouba vidas a novos e velhos. Deus surge como um ser colérico “cujo olhar incendeia”<sup>442</sup> e que é indiferente perante os lancinantes pedidos dos homens.

Além desta perspectiva, a Morte é também considerada como uma passagem ou libertação para um plano superior e espiritual, a verdadeira pátria do homem de bem.

Na óptica de Junqueiro, a dor e o sofrimento fazem parte do processo de depuramento do ser humano, permitindo-lhe atingir um plano de espiritualidade superior e o poeta escolhe a criança como o ser mais próximo deste plano de proximidade com Deus.

Esta atitude de dor e sofrimento para atingir a paz está presente em vários momentos, sendo o conto «A Mãe»<sup>443</sup> um dos mais significativos. Perante o roubo do seu pequeno filho pela Morte, a mais cruel das ladras, uma mãe desesperada parte em busca do seu maior tesouro, abdicando de todos os seus bens físicos, na esperança de o conseguir reaver. No final, perante a argumentação da morte e face à perspectiva de um enorme sofrimento do filho em vida, a mãe, conformada, aceita a separação definitiva do pequeno e a sua ida para o Jardim do Paraíso.<sup>444</sup>

A existência de crianças, e mais concretamente a sua ligação afectiva com os adultos, permite a estes últimos uma superação do mundo estritamente material e uma elevação a um plano de superior espiritualidade, sendo a dor um factor que quase sempre permite uma espécie de catarse ou purificação.

---

<sup>442</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 431.

<sup>443</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Mãe», *in Contos para a Infância*, Lello & Irmão Editores, s./ d., p 9.

<sup>444</sup> O escritor coloca na boca da mãe palavras de uma enorme carga emotiva e dramática quando, por amor ao filho, lhe permite a concretização de um desígnio superior: “Não me atendas, Senhor, se reclamo no fundo do coração contra a tua vontade que é sempre boa e justa! Não me ouças, meu Deus! E deixou cair a fronte sobre o peito, mergulhada numa alegria dilacerante”. JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p 21.

Também em «A Urna das Lágrimas»<sup>445</sup> este aspecto é visível, na medida em que uma mulher, que é mãe, é posta à prova através da perda de uma pequena filha.

Junqueiro apresenta-nos uma visão metafísica em que a alma da pequena faz uma aparição à mãe, fazendo-lhe entender que já chega de sofrimento e que ela só terá paz quando a mãe alcançar um estágio de resignação.<sup>446</sup> A partir do momento em que a mãe atinge o estado de conformação, depreende-se que a criança descansará em paz, na felicidade do paraíso.

A criança é perspectivada como um ser que faz a ligação entre o plano do transcendental e do material e que, como tal, demonstra, desde muito cedo a sua ligação a assuntos do foro metafísico. Em «A Alma» esta faceta infantil é claramente evidenciada, através de um pequeno diálogo entre mãe e filha, revelando o autor a preocupação da criança em compreender o que de mais transcendental existe no ser humano: a alma.

Perturbada pela morte de um pequeno seu amigo, uma rapariguinha questiona a mãe sobre o porquê do seu desaparecimento físico e quando a progenitora lhe diz que a parte mais importante dele, a alma, está no paraíso, a criança questiona-a sobre a sua composição. É então que, através de um diálogo pedagógico, inteligentemente conduzido, a mãe leva a criança a responder, o mais concretamente possível, à questão inicialmente colocada.<sup>447</sup>

---

<sup>445</sup> «A Urna das Lágrimas», in *Contos para a Infância*, Lello & Irmão Editores, s./ d., p.89

<sup>446</sup> A pequena fá-lo saber à mãe, usando as seguintes palavras persuasivas: “O anjo das lágrimas recolheu as tuas nesta urna. Se chorares mais transbordará e as tuas lágrimas correrão sobre mim, inquietando-me no túmulo e perturbando a minha felicidade no Paraíso”, «A Urna das Lágrimas», in *Contos para a Infância*, Lello & Irmão Editores, s./ d., p 90.

<sup>447</sup> "Acabas de dizer que tiveste pena de ver chorar as pequerruchas [...] ora bem o que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? Eram os braços?

- Não mamã.

-Eram as orelhas?

- Oh, não mamã era cá dentro!

- Esse lá dentro, Maria, é a tua alma que se alegra ou entristece, que te repreende quando fazes o mal, e que está satisfeita quando praticas o bem.", in «A Alma», *Contos para a Infância*, Lello & Irmão-Editores, s./d., p. 118.

Para Junqueiro, a criança tem uma relação privilegiada com o plano transcendental e pela sua pureza e simplicidade integra-se no grupo dos simples e dos bem-aventurados. Nesta linha ideológica, Junqueiro escreve um dos mais belos poemas no campo do metafísico. Num Campo Santo<sup>448</sup>, inundado por uma chuva de “lunar dorido”<sup>449</sup>, “sobre camas de violetas” e “cama de rosas”<sup>450</sup> “dormem” as almas dos simples que na Terra fizeram por merecer como recompensa o Céu.<sup>451</sup>

Nesta composição de cariz marcadamente metafísico, o autor demora-se a explicitar detalhadamente o destino daqueles que se encontram no espaço de eterno repouso que é o cemitério, abençoado pela luz de um “lunar alvíssimo” e “santíssimo”<sup>452</sup> que ilumina e abençoa as almas simples e as crianças, aludindo o poeta à melhor das recompensas com que estas poderiam ser brindadas: desfrutar da companhia de Jesus menino,<sup>453</sup> O mesmo Jesus que quis partilhar um mundo de superior espiritualidade com os mais pequenos por considerá-los de todos os seres mais merecedores, pela sua inocência e bondade naturais.<sup>454</sup>

Esta veneração de Junqueiro pela figura de Cristo resulta da admiração do poeta pela sua postura e da imagem que dele construiu,

---

Mais uma vez constatamos que Junqueiro aproveita sempre os seus textos, sobretudo os escritos em prosa, para fazer passar uma moralidade ou conselho edificante ao seu público infantil.

<sup>448</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra «*Campo Santo*», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 909.

<sup>449</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 909.

<sup>450</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 910.

Atente-se na expressividade das metáforas escolhidas pelo poeta para se referir aos túmulos dos puros e simples deste mundo como leitos de beleza e aroma e não como tumbas de tristeza e decomposição.

<sup>451</sup> “Durmam velhinhas! durmam crianças! durmam donzelas! Quando acordarem já têm os anjos à espera delas...”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, , «*Campo Santo*», in *Os Simples, Obra Completa (Poesia)*Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 911.

<sup>452</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 912.

<sup>453</sup> “Ai dormi crianças! que no azul divino/ Brincareis alegres com o Deus Menino...”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 912.

<sup>454</sup> “Partirá convosco porque é vosso irmão, / A laranja- o mundo que lá tem na mão”, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 912.

um “mártir que fez com o seu olhar sublime/ O luar do Perdão para a noite do crime/ E que abriu com a luz da bem-aventurança/ Neste cárcere- a vida, esta janela- a Esp’rança”.<sup>455</sup>

Há na obra literária de Guerra Junqueiro uma nítida presença de aspectos morais e metafísicos, apresentados em nome de valores constitutivos do Homem como ser espiritual, tais como: o amor, a liberdade e a justiça.

---

<sup>455</sup> JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Semana Santa», in *A Velhice do Padre Eterno*, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 369.

## 1.6 - A Criança e a Literatura

A maior parte daqueles que se debruçam sobre literatura infantil portuguesa é de opinião que foi no século XIX, sobretudo com a geração de Antero, Eça e Junqueiro que pela primeira vez surgiu entre nós uma literatura para crianças. Não queremos dizer com esta afirmação que só a partir desta altura se começou, em Portugal, a escrever livros para as crianças, mas que, indubitavelmente, surgiram as primeiras tentativas para compreender a literatura infantil e para reconhecer que a infância é um mundo à parte. O que realmente aconteceu foi que os autores começaram a escrever para a criança em moldes mais semelhantes aos actuais.

O estudioso Douglas Claverdon, a propósito de uma exposição de livros infantis, dizia que antes de 1744 não havia livros infantis no sentido em que nós os entendemos actualmente.<sup>456</sup> Com efeito, se as ideias sobre a infância e educação mudaram, pode dizer-se, profundamente, desde o século XVIII, é natural que as noções que até então havia sobre livros para crianças não correspondam também às actuais.

O facto de antes do século XIX existir uma literatura diferente da que hoje achamos adequada às crianças leva-nos a concluir que não há literatura infantil em Portugal senão a partir da segunda metade daquele século.

O próprio Eça de Queirós, em 1903 ao escrever nas suas *Cartas de Inglaterra*, aquela que podemos considerar como a primeira crítica literária sobre literatura infantil portuguesa, traça uma panorâmica do que se passava até então no nosso país. Com o espírito crítico e humor que lhe reconhecemos, compara a produção nacional com a riqueza da literatura para crianças que encontrou no estrangeiro e diz: “A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigalizam esses livros

---

<sup>456</sup> CLEVERDON, Douglas, *English Children's Books. The Catalogue of an Exhibition for The British Council*, 1979, British Council, Lisboa, p.3.

para crianças; na Dinamarca, na Suécia, eles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. Em Portugal nada”.<sup>457</sup>

O escritor refere aquilo que o impressionou nos livros que se destinavam à infância e lamenta que os não haja no nosso país, ressaltando o facto de não serem em nada inferiores “à nossa literatura de homens sisudos”<sup>458</sup>, serem contados numa linguagem “simples, pura, clara”<sup>459</sup> e não serem “ornatos de sala”.<sup>460</sup> Falando de Portugal, Eça diz ainda:

“Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura. Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa”.<sup>461</sup>

Resumindo, Eça de Queirós considera a Literatura para crianças fundamental na construção da sua personalidade e fundamental para virem a ser cidadãos equilibrados e conscientes, afirmando: “estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual”.<sup>462</sup>

Para concluir a sua reflexão sobre literatura infantil, o autor critica a sociedade portuguesa, através da sua omnipresente ironia “Eu bem sei que esta ideia de compor livros para crianças faria rir Lisboa inteira. [...] Lisboa quer coisa superior; quer a bela estrofe lírica, o

---

<sup>457</sup> QUEIRÓS, Eça de, «A Literatura de Natal», in *Cartas de Inglaterra*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, s/d., p. 53.

<sup>458</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 51.

<sup>459</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 52.

<sup>460</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 53.

<sup>461</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 53.

<sup>462</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 53.

fadinho ao piano, o rico drama em que se morre de paixão ao luar [...] enfim, tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre. Educar os seus filhos inteligentemente está decerto abaixo da sua dignidade”.<sup>463</sup>

Guerra Junqueiro concorda em tudo com esta visão negra apresentada por Eça; porque considera que a infância é uma fase do desenvolvimento humano de importância vital, resolve dedicar-lhe atenção, também sob a forma de literatura. Assim, em 1877 publica a obra em prosa *Contos para a Infância*, cujos temas – o amor de mãe, a bondade, a verdade, a justiça, a solidariedade, o trabalho, a perfeição da natureza, a gratidão, o bem, a crença em Deus e no mundo metafísico, são valores que o escritor exalta, com vista a que o jovem leitor descubra e escolha uma escala de valores positivos e, conseqüentemente, construtivos de personalidades íntegras.

Não pretendemos fazer uma análise exaustiva, mas apenas ilustrar, com alguns exemplos mais significativos, as temáticas atrás enunciadas. Deste modo, sobre o amor de mãe, temos os contos: «A mãe»<sup>464</sup>, que abre a colectânea, e «A urna das lágrimas»<sup>465</sup>. O primeiro é uma adaptação do conto de Andersen, em que uma mãe desesperada tenta reaver, por todos os meios, o filhinho que a morte lhe levou. No segundo caso é de notar que, aquilo que hoje em dia nos pareceria mórbido e susceptível de ferir a sensibilidade das crianças, era aceite no fim do século XIX como zona temática própria para literatura infantil.<sup>466</sup>

---

<sup>463</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 54.

<sup>464</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 54.

<sup>465</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 89.

<sup>466</sup> “Era uma vez uma viúva que tinha uma filhinha muito linda, a quem adorava sobre todas as coisas. Não se separava dela um só momento; mas um dia a pobre pequerrucha começou a sofrer, adoeceu e morreu. A desditosa mãe, que tinha passado as noites e os dias a sem repousar um momento, à cabeceira da filha, julgou endoidecer de mágoa e de saudades. Não comia, não fazia mais nada senão chorar e lamentar-se [...] viu-a aparecer a ela, a sua querida filha, trazendo nas mãos uma urna que vinha cheia até às bordas [...] Se chorares mais, transbordará, e as tuas lágrimas correrão sobre mim, inquietando-me no túmulo e perturbando a minha felicidade no paraíso. A pequena desapareceu e a mãe não tornou a chorar para não a afligir.” In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Urna das Lágrimas», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., pp. 89-90.

Relativamente a atributos e valores como a bondade, a verdade, a justiça, a solidariedade, o trabalho e a gratidão, eles estão presentes na maior parte da obra, como o provam os seguintes títulos: «Doçura e Bondade»<sup>467</sup>, «Presente por Presente»<sup>468</sup>, «O Pinheiro ambicioso»<sup>469</sup>, «Boa Sentença»<sup>470</sup>, «Reconhecimento e Ingratidão»<sup>471</sup>, «Os animais agradecidos»<sup>472</sup> e «Inconveniente da riqueza»<sup>473</sup>, para não dar mais que alguns exemplos.

A perfeição da natureza como reflexo da magnitude e perfeição divinas e a grandeza de um mundo de superior espiritualidade, muito acima das pequenezas e miséria humanas, são crenças do autor, estando presentes em textos como: «A canção da cerejeira»<sup>474</sup>, «A criança, o anjo e a flor»<sup>475</sup>, «Perfeição das obras de Deus»<sup>476</sup>, «Os três véus de Maria»<sup>477</sup>, «A alma», «O ermitão»<sup>478</sup> e «O linho».<sup>479</sup>

Embora muitos dos textos presentes nesta obra não sejam da autoria de Junqueiro e sim, adaptações de contos tradicionais<sup>480</sup> ou de autores consagrados da literatura infantil<sup>481</sup>, ela não deixa de ter um

---

<sup>467</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 29.

<sup>468</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 61.

<sup>469</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 69.

<sup>470</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 77.

<sup>471</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 91.

<sup>472</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 131.

<sup>473</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 179.

<sup>474</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 27.

<sup>475</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 51.

<sup>476</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 79.

<sup>477</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 115.

<sup>478</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 169.

<sup>479</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 183.

<sup>480</sup> Casos, por exemplo, de: «A serpente branca», p. 231, «João e os seus camaradas», p. 119, «João Pateta», p. 241, «O Oiro», p. 47, «O Rabequista», p. 101, in, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello e Irmão Editores, s./d.

<sup>481</sup> Casos de: «A mãe», p. 5, «O valente soldado de chumbo», p. 159 e «A rapariguinha e os fósforos», de Hans Christian Andersen, «O chapelinho encarnado», p. 193, e «Branca de Neve», p. 211, dos irmãos Grimm, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*

enorme valor intrínseco na época em que surgiu no panorama literário português, sendo do “mais singelo, mais gracioso e mais humano.”<sup>482</sup>.

O carácter de compilação que o livro apresenta é assumido pelo próprio autor, quando o compara metaforicamente com “um ramo de flores, mas não de flores extravagantes, com coloridos insensatos e aromas venenosos e diabólicos. É um ramo de florinhas cândidas, que as mães, à noite, deixarão sem temor na cabeceira dos berços.”<sup>483</sup>

O prefácio da obra, da autoria de Junqueiro, é um documento de profundo valor pedagógico e, já pela sua actualidade, já pelo que revela da alma do poeta, não resistimos a transcrever algumas das suas passagens:

“A alma de uma criança é uma gota de leite com um raio de luz.

Transformar esse lampejo numa aurora, eis o problema.

A mão brutal do pedagogo áspero, tocando nessa alma, é como se tocasse numa rosa: enodoa-<sup>a</sup>

Para educar as crianças é necessário amá-las. As escolas devem ser o prolongamento dos berços. Por isso, os grandes educadores como Froebel, têm uma espécie de virilidade maternal.

O leite é o alimento do berço, o livro o alimento da escola. Entre ambos dever

A existir analogia: pureza, fecundidade, simplicidade.

Livros simples! Nada mais complexo.

Não são os eruditos gelados que os escrevem; são as almas intuitivas que os adivinham.”<sup>484</sup>

---

<sup>482</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Porto, Lello e Irmão Editores, s./d., p. 6.

<sup>483</sup> In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Porto, Lello e Irmão Editores, s./d., pp. 6-7.

<sup>484</sup> In, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Porto, Lello e Irmão Editores, s./d., pp. 5-6.

Esta ideia de uma literatura dedicada especificamente aos mais novos, com características e necessidades marcadamente diferentes de um público leitor adulto, já tinha sido apresentada por aquele que foi um dos maiores pedagogos de todos os tempos, Jean Jacques Rousseau, que afirmara: “A natureza quer que as crianças

Como é visível na reflexão inicial que abre esta obra em prosa dedicada aos mais pequenos, Guerra Junqueiro não desdenhou em escrever para as crianças e, ao falar dos livros que se devem escrever para a infância, revela-se bem consciente de que, ao contrário do que muitos escritores pensavam, e ainda pensam, escrever para as crianças não é mais fácil do que fazê-lo para leitores adultos.

Com efeito, pela leitura desta obra, podemos concluir que o autor cumpre todas as funções (estética, pedagógica e social) que se pretende que uma obra alcance junto a um público infante-juvenil. Deste modo, *Contos para a Infância* recreia e forma o leitor, tornando-o disponível aos valores estéticos e aos valores éticos e transforma o leitor, e com ele a sociedade, apontando-lhe valores concretos que orientarão a sua acção e a sua actuação cívica.

Recreando, formando e transformando, visará pois este livro, que se integra plenamente no conceito de literatura infantil e juvenil, fazer da criança e do jovem, no seu tempo próprio, um homem livre e activo, criador de uma nova cultura.

---

sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter esta ordem produziremos frutos precoces que não terão maturidade nem sabor e que não tardarão em corromper-se. A criança tem modos de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprios. E nada menos sensato do que querer-lhe sobrepor os nossos.” *In* ROUSSEAU, Jean Jacques, *Émile*, Paris, Ed. Garnier, 1957, p. 78.

## **CAPÍTULO IV – Guerra Junqueiro nos Manuais Escolares**

### **1. Guerra Junqueiro no contexto Curricular do Ensino Primário na década de 50**

Fizemos um estudo tendente a analisar a presença de Guerra Junqueiro nos livros de leitura do ensino Primário, reportando-nos aos livros de leitura obrigatória da década de 1950. Pareceu-nos que esta investigação seria oportuna no sentido de saber qual o tratamento de que foi alvo a obra do autor no período político conhecido como Estado Novo.

Por questões de melhor sistematização da investigação que fizemos, desenvolveremos este capítulo em algumas etapas sequenciais: análise conceitos de Escola, Educação, Sociedade e Currículo; reflexões sobre o ensino no período do Estado Novo; abordagem reflexiva sobre a problemática do “Livro Único” no currículo escolar; o estudo dos textos de Junqueiro presentes nos manuais escolares e, por último, apresentaremos algumas conclusões.

#### **1.1 - Educação/ Escola/ Sociedade/ Currículo**

A Educação, a Escola, a Sociedade e o currículo integram um sistema complexo onde, por definição, intervêm simultânea e responsabilmente na consecução dos fins previstos. Não cabe no âmbito deste trabalho desenvolver pormenorizadamente a doutrina que gerou esta visão sistémica do mundo, nem examinar definições dos conceitos que abordamos, mas é importante dizer que Escola, Currículo e Sociedade, numa sequência temporal que vai dos primórdios da humanidade aos dias de hoje, são subsistemas que, em conjugação, contribuíram para a Educação/Preparação de gerações sucessivas. Estas gerações vão apresentando novos conceitos de formação pessoal e tipos de vida social num processo contínuo de adaptação.

Consideramos que Educar foi e é toda a acção que prepara o Ser Humano para integrar activa e participativamente a sua comunidade. Ao Homem foi sempre “imposto” um “currículo; primeiro, nos primórdios da humanidade, pelas dificuldades de sobrevivência, depois, fruto do desenvolvimento, devido às constantes exigências do saber e de novas formas de vida social.

Dos subsistemas referidos que, por definição, têm a mesma importância no todo sistémico, desenvolvamos algumas considerações sobre o currículo, o qual, segundo Traldi “se prende com a ideia de Escola e daquilo que se acredita que ela deve fazer e executar, ou seja, o papel que deve assumir perante o educando e a sociedade ou cultura”<sup>485</sup>.

Entenderemos sempre a Escola nas suas duas valências fundamentais: Escola/Instituição e Escola/Formação para a vida. Esta última acepção é inerente a toda a existência humana.

Desde sempre existiu aquilo que podemos denominar como currículo educativo. Nas sociedades primitivas ele constava das “disciplinas”: caçar, pescar, construir abrigos, foguear, etc, em Platão foi definido como um plano de estudos para a educação da juventude<sup>486</sup> e na Idade Média assumiu a designação de *septivium*,<sup>487</sup> evoluindo, mais recentemente, para o ensino memorístico academicista que conduziu à chamada Escola Tradicional (“Reading”, “Writing”, “Aritmetic”)<sup>488</sup>. Na actualidade, os currículos são cada vez

---

<sup>485</sup> TRALDI, Lady Lina, *Currículo*, 3ª Edição, São Paulo, Editora Atlas S.A, 1987, p. 25.

<sup>486</sup> “a educação também deve ser, forçosamente unitária e idêntica para todos e a sua direcção deve ser da responsabilidade pública e não privada. [...] todos os povos estão de acordo sobre as coisas que devem aprender os jovens, seja em ordem à virtude seja a uma vida perfeita. [...] As matérias que hoje geralmente se ensinam podem reduzir-se a quatro: gramática, ginástica, música e, em quarto lugar e segundo alguns, o desenho. A gramática e o desenho ensinam-se por ser úteis à vida e terem usos múltiplos; a ginástica porque fortalece a coragem [...] O ócio parece conter em si mesmo o prazer, a felicidade, o encanto da vida. Por isso os nossos antepassados incluíram a música na educação.” In ARISTÓTELES, *A Poética*, tradução do grego de Francisco P. Samaranch, Madrid, Aguilar S.A Edições, 1982, pp. 975-980.

<sup>487</sup> “Trivium- Gramática, Retórica e Dialéctica, para o 1º Ciclo e do Quadrivium- Aritmética, Geometria, Música e Astronomia”, TRALDI, Lady Lina, *Currículo*, São Paulo, Editora Atlas S.A, 3ª Edição, 1987, p. 26.

<sup>488</sup> TRALDI, Lady Lina, *op. cit.*, p. 26.

mais complexos e diversificados. Em qualquer época histórica a que se reporte, o *curriculum* foi sempre considerado como o conjunto de saberes que conduzem o Homem à plena integração na sociedade, impulsionando o progresso.

Afigura-se-nos importante fazer referência, para posterior fundamentação do nosso trabalho, à existência constante e comum a todas as sociedades organizadas, do que se denomina por “currículo oculto”<sup>489</sup>.

O currículo, nas suas duas valências, é o caminho a percorrer no *cursus* do educando/formando.

O currículo “Formal”<sup>490</sup> ou expresso é definido pelos responsáveis dos estados que prescrevem as finalidades da Educação para os seus cidadãos. Através dele, além de estabelecerem-se as metas sucessivas para os vários níveis de ensino, são apresentados os meios e equipamentos para a consecução das mesmas.

Quanto à formação de professores, não vamos aqui descrever modelos de formação. Considerar-se-á que os docentes são personalidades, com saberes e atitudes mais abrangentes do que aqueles com que a escola os preparou. Daí que, responsáveis pela acção de educar, embora provenientes das mesmas Escolas, hão-de, naturalmente, imprimir sentimentos e perspectivas pessoais no desenvolvimento das suas actividades, orientando muitas vezes (in) voluntariamente os alunos para análises e formação de conceitos à sua imagem.

---

<sup>489</sup> É o currículo que, paralelamente ao oficializado, sem ser escrito ou declarado expressamente, vai assinalando inconsciente e involuntariamente e que consiste num todo de mensagens e imagens que alguém transmite, numa tentativa de orientação ideológica e de tomada de atitudes e posições perante a vida, em cada sociedade organizada para se reproduzir, de acordo com valores que se pretendem preservar e difundir. Cf. RIBEIRO, António Carrilho, *Desenvolvimento Curricular*, 8ª edição, Lisboa, Texto Editora, Colecção Educação Hoje, 1999, pp. 18-19.

<sup>490</sup> RIBEIRO, António Carrilho, *op. cit.*, p. 18.

## 1.2 - Reflexões sobre o Ensino no Estado Novo

A Escola sobre a qual temos vindo a reflectir era destinada a uma maioria muito relativa de população em idade escolar, já que, em avanços e recuos, a obrigatoriedade de ensino a ambos os sexos nem sempre esteve bem definida.

Os alunos que pretendiam continuar estudos tinham à sua disposição o Ensino Secundário que apresentava duas vias: a liceal e a técnica. Uma e outra requeriam a aprovação em exame de admissão após exame de 2º grau do ensino Primário (4ª classe).

Os sete anos de escolaridade obrigatória do liceu eram divididos em três ciclos: o 1º terminava ao fim de dois anos, com exame obrigatório de transição. O 2º Ciclo tinha a duração de três anos (3º, 4º e 5º anos) e era dividido em duas secções de estudos: Letras e Ciências, garantindo ao aluno um diploma de conclusão do 2º Ciclo, após realização de um exame final que lhe permitia concorrer para os quadros médios da Administração Pública. Os dois últimos anos de Liceu eram denominados anos complementares, garantindo a entrada no Ensino Superior Universitário após o Exame de Aptidão. Acrescente-se que na época não existia Ensino Superior Politécnico em Portugal e os únicos estabelecimentos de ensino superior existiam no Porto, em Coimbra e em Lisboa.

Com efeito, o Ensino Superior era um privilégio de escol destinado às chamadas profissões nobres- Direito, Medicina, Engenharia e aos Professores do Ensino Secundário. Deste conjunto de profissões seleccionavam-se os quadros superiores da Administração Pública e a Classe política.

Além do Ensino liceal, existia a via técnica que englobava dois cursos, o comercial e o industrial, com a duração de cinco anos que completavam o curso Geral e mais dois anos de preparação para possível ingresso no Instituto Comercial e Industrial. Esta população escolar estava em princípio destinada a ocupar quadros médios nas áreas comercial e industrial.

Em breve apontamento diremos que a preparação científica e prática que era proporcionada à população escolar do Ensino Secundário era sólida, especializada e garante de boa execução, permitindo uma resposta cabal às tarefas que a vida profissional requeria.

### **1.3 - Abordagem Reflexiva sobre a problemática do Livro Único**

Os livros de consulta diária e obrigatória para suporte das lições e acompanhamento de estudo no desenvolvimento das matérias programadas são um elemento decisivo, pelos dados que transmitem, para a formação de ideias e a definição de parâmetros comportamentais do aprendente.

Além do elemento humano que são os professores, também os livros são um factor decisivo na formação do educando, embora sem exclusividade, já que outras entidades como a família, grupos sociais envolventes, Associações Culturais, Igrejas e outras, em vários momentos e a vários níveis, dão grande contributo formativo.

Nesta linha de pensamento, há que referir a grande preocupação que os responsáveis pelos sistemas educativos das nações organizadas sempre tiveram quer na definição de modelos de professores, quer na elaboração de manuais escolares que, com segurança, valorizassem os grandes princípios e desígnios nacionais. Foi sempre assim nas sociedades escolarizadas, nomeadamente em períodos de afirmação das identidades nacionais.

Em Portugal, o fenómeno educativo seguiu e segue, naturalmente, as correntes e desenvolvimentos sócio-económicos e culturais, condicionados pelas especificidades nacionais.

No período temporal abrangido pelo nosso estudo década de 50- e após o período republicano, onde se assistiu a grandes alterações na organização do Ensino, vivia-se um momento de nacionalismo em

toda a Europa e em Portugal vigorava o poder político conhecido como Estado Novo.

Numa visão de carácter estritamente histórico, poderemos dizer que neste período a preocupação dominante dos responsáveis pelo sector educativo era “ensinar” na Escola a “Ler, Escrever e Contar” e, juntamente com a Família e a Igreja, dar às crianças e jovens uma formação com base na trilogia: Deus, Pátria e Família, valores que então eram considerados como actuais e eternos. Deste modo, os legisladores e responsáveis pelo sistema educativo procuravam que a formação do cidadão garantisse os valores nacionais para o presente e que estes fossem reproduzidos pelas novas gerações.

Referimos já nesta reflexão que dois dos elementos fundamentais desta prática foram os professores e os livros de consulta obrigatória.

Relativamente aos professores, transcrevemos o preâmbulo do Decreto-Lei número 30.551 de 21/7/37 “O Professor deve ser, em geral, um apóstolo e particularmente é preciso que o seja quando é chamado a colaborar através da Escola em alguma obra social ou mesmo política que exprima o idealismo fundamental do Estado Novo, não deve a escolha ser deixada ao critério rígido de um concurso”. E ainda: “O Mestre não é um burocrata, mas um modelador de almas e de portugueses. Quem por aberração o não quiser ser, haverá de retirar-se”.<sup>491</sup>

Sobre os manuais escolares é também dito no Decreto-Lei número 27882 de 21/7/37: “Com a uniformização dos textos das disciplinas de cada classe em todo o país põe-se termo a uma sobrevivência da anarquia pedagógica do demoliberalismo, que a cada autor, algumas vezes desconhecido, em estranha pluralidade de conceitos fundamentais, a sua verdade, contra os interesses da acção formativa elementar e até nos limites do indiscutível para a unidade

---

<sup>491</sup> Carneiro Pádua, Ministro da Educação Nacional, 1936, in MONTEIRO, Agostinho dos Reis, *Educação, Acto Político*, Lisboa, Edições O Professor, Lda., 1975, p. 146.

moral da nação.<sup>492</sup> Acrescentando-se, em momento ulterior “Torna-se impossível a viciosa frequência tantas vezes dada pelo professor aos livros escolares em razão de simpatias pessoais ou de zonas de influência comercial dos editores com preterição da relatividade do método intrínseco, aliás já secundarizada pela própria aprovação oficial de mais de uma dezena de compêndios para uma só disciplina.”<sup>493</sup>

E ainda, quanto ao seu conteúdo, o Livro Único “compreenderá as matérias de todas as disciplinas de cada classe, em rigorosa observância dos programas e com ilustrações adequadas tanto a facilitar a compreensão do texto como a despertar o bom gosto das crianças.”<sup>494</sup> E mais “É proibido usar nas escolas livros, compêndios, cadernos ou dizeres impressos, resumos, glossários, métodos especiais de escrita, de redacção, etc, que não tenham aprovação superior”.<sup>495</sup>

De todos os livros únicos que vigoravam na Escola do Ensino Primário, tinham natural relevância, neste contexto, os livros de leitura (Língua Portuguesa). Estes eram organizados de tal forma que da 1ª à 4ª classe obedeciam a um desenvolvimento literário e ideológico integrante dos valores pátrios.

#### **1.4 - Análise dos Textos de Guerra Junqueiro presentes nos compêndios escolares da década de 50**

Escolhemos os Livros de leitura da 3ª e 4ª classes do Ensino Primário para desenvolver o nosso estudo sobre os textos de Guerra Junqueiro<sup>496</sup>. A conclusão que retirámos foi imediata: os textos

---

<sup>492</sup> Dec. Lei 27882 de 21/7/37, in FERREIRA, Henrique da Costa, *A Administração da Educação Primária entre 1926 1986: Que Participação dos Professores?* Dissertação para a obtenção do grau de Mestre, Braga, Universidade do Minho, 1992, p. 209.

<sup>493</sup> Dec. Lei 27882 de 21/7/37, in FERREIRA, Henrique da Costa, *op. cit.*, p. 209.

<sup>494</sup> In FERREIRA, Henrique Costa, *op. cit.*, p. 210.

<sup>495</sup> Circular de 23/2/52, in FERREIRA, Henrique Costa, *op. cit.*, p. 210.

<sup>496</sup> *Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d.

apresentam um conteúdo ideológico moralizador e formativo da criança, no sentido de lhe transmitir valores morais positivos e são dentro dos princípios definidos pelo ideário do Estado Novo.

Há duas grandes linhas temáticas presentes: uma faz a apologia do trabalho e da vida que, embora pobre, pode ser feliz quando vivida com honestidade. A outra grande linha temática é de enaltecimento da Natureza. Todos estes aspectos são valores extremamente caros à Ideologia do Estado Novo.

No *Livro da Terceira Classe*, encontramos o texto «Não Quero»<sup>497</sup>, em que são apresentados como protagonistas dois rapazinhos, que vêm conversando, por um caminho. O autor desta pequena narrativa, que se apresenta também como narrador homodiegético, valoriza, no diálogo que mantém com os petizes, a honestidade de um e o carácter fraco e mentiroso do outro, fazendo a apologia da verdade e do respeito que se deve ter por um valor social como a honradez. É ainda feita uma crítica profunda à mentira cobarde<sup>498</sup>.

A confirmar o carácter dos dois rapazinhos estão as palavras do mestre-escola, que surge como uma figura que personifica o bom senso e a razão.<sup>499</sup>

No mesmo tom de profilaxia moralizante encontramos o texto «Os Pêssegos», dedicado às crianças da 3ª Classe, no qual um

---

*Livro de Leitura para a Quarta Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d.

<sup>497</sup> *Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., p. 6.

<sup>498</sup> Um dia, indo eu pela estrada, ouvi dois rapazinhos falando muito alto.

-Não! Dizia um com voz enérgica Não quero!

Parei e perguntei-lhe:

-Que é que tu não queres, meu rapaz?

-Não quero dizer à minha mãe que venho da escola, porque é mentira, Vai-me ralhar, mas antes ralhar que mentir.

-E fazes bem- volvi eu És um rapaz como se quer.

Apertei-lhe a mão, enquanto o outro pequeno que o ensinava a mentir se ia embora todo envergonhado.

<sup>499</sup> - Oh!- disse-me ele, falando-me do primeiro é um magnífico estudante, um pouco teimoso, mas honrado, sincero, sempre disposto a confessar as suas faltas e, o que é ainda melhor, a repará-las. O outro, ao contrário, é mentiroso, cobarde, incorrigível.

lavrador<sup>500</sup> distribui cinco pêssegos pela sua prole. Embora todos lhes dêem fins positivos, tais como: plantar o caroço para nascer uma árvore de fruto ou vendê-los para adquirir outros objectos há algum tempo almejados, aquele que melhor emprega a dádiva paterna é o pequeno Eduardo, ao oferecê-lo a um pequeno vizinho, doente. A mensagem transmitida é nitidamente de solidariedade e espírito de ajuda para com os mais necessitados.

Mais do que manuais de leitura e informação, os livros únicos, como nos provam os textos atrás referidos, pretendiam ser elementos formativos, importantes na construção de seres humanos equilibrados, com condutas pautadas pela solidariedade, a honestidade e a coerência.

Numa linha um pouco diferente, encontrámos «A Canção da Cerejeira», na página 118 deste manual, que é um texto de claro louvor e em honra da natureza, que Junqueiro considera ser o princípio e o fim de tudo o que existe.<sup>501</sup> Aqui, a íntima e estreita relação dos seres com a Terra/Mãe é posta, claramente, em evidência.

Usando por base de construção do poema uma magnífica imagem, Junqueiro atribui ao criador o papel de um generoso anfitrião que põe a mesa aos vários comensais que vão chegando, de acordo com o ciclo das estações.

Lagartas, abelhas e passarinhos vão desfrutado os manjares que Deus lhes proporciona sob a forma de uma árvore que vai assumindo diferentes aspectos, de acordo com o momento do ano vivido, para finalmente o Inverno vir trazer a paz a todos os seres debaixo do seu manto branco, onde “tudo dorme e descansa”<sup>502</sup>

---

<sup>500</sup> Novamente temos a presença de uma figura ligada à terra, estando sempre subjacente a linha ideológica sustentada pelo governo de então de que a vida no campo seria a melhor e mais sã para os portugueses.

<sup>501</sup> “Há mais fê e há e mais verdade, / Há mais Deus com certeza/ Nos cardos secos dum rochedo nu/ que nessa bíblia antiga...Ó Natureza, / A única bíblia verdadeira és tu!...” In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 410.

<sup>502</sup> *Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., pp. 118-119.

A presença de Deus na Natureza é prova do Panteísmo junqueiriano, manifestado por ele em várias das suas produções literárias.

A personificação é, a nível do plano semântico-estilístico, um dos recursos estilísticos mais expressivos presentes no texto e, ao escolhê-lo, o autor expressa, mais uma vez, a importância que confere à natureza e aos elementos que a integram, atribuindo-lhes um carácter verdadeiramente humano. A própria adjectivação é seleccionada dentro de um campo semântico relacionado com o humano, sendo os animais colocados a pensar e falar e a própria árvore a sentir como se de uma pessoa se tratasse.<sup>503</sup>

Já no livro da 4ª Classe encontrámos uma forma bastante abreviada de «A Moleirinha», um texto que é um ex-libris da produção literária junqueiriana, pela frequência com que aparece nos manuais escolares, quer durante o Estado Novo quer em anos posteriores.

Independentemente da época histórica em que o leitor se situa, ele visita ou revisita um espaço nostálgico comandado pela memória onde a saudade impera sobre os sentidos, conferindo ao cenário evocado uma dimensão outra, marcada pelo eterno e o divino.

O leitor sente que as emoções transmitidas resultam da vivência de uma experiência, presentificando Junqueiro, através da palavra poética, situações que são parte integrante da sua infância.<sup>504</sup>

Este é um dos textos mais ricos do poeta, que evoca as faculdades sensoriais do leitor, através de um burilamento estilístico abundante e sugestivo, permitindo-lhe mergulhar num universo transcendental, só aberto à criança, pois que ela é o único ser capaz de

---

<sup>503</sup> “A lagarta, que estava a dormir dentro de casa, espreguiçou-se, abriu a boca, esfregou os olhos e pôs-se a comer as folhinhas tenras, dizendo: Quem é que arranjou este banquete? [...] E a abelha matinal, [...] passou sobre elas, dizendo: Vamos tomar o nosso café [...] exclamando: -Que deliciosa bebida! [...] E a cerejeira cobriu-se de mil frutos apetitosos e vermelhos Ah! Ah! Exclamaram os passarinhos foi em boa hora; temos apetite, e ganharemos forças para cantar nova canção. [...] E o vento frio das montanhas começou a soprar e fez estremecer a árvore.”, in «A Canção da Cerejeira», *Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., pp. 118-119.

<sup>504</sup> O uso da forma pronominal na primeira pessoa do singular e do tempo verbal é disso o exemplo. “Que prazer de outrora, para os olhos **meus!** / **Minha** avó contou-me, quando **fui** criança, / Que era assim tal qual a jumentinha mansa/ Que adorou nas palhas o menino Deus.”, in «A Moleirinha», *Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., pp. 37-38.

visionar o Universo na sua dimensão plena e de valorizar tudo o que nele existe de belo e verdadeiro.<sup>505</sup>

O último dos textos de Junqueiro que encontramos neste manual escolar é «Boa Sentença». Na linha de outros textos do autor presentes nos livros escolares seleccionados, também este tem um cariz marcadamente moralizante, sendo evidenciada a Justiça de salomónica: um juiz castiga um homem avarento e mau, fazendo uso da inteligência e da argúcia.

O avarento perdera uma bolsa com oitocentos mil reis e prometera cem mil reis de alvíssaras a quem lhos encontrasse: que aconteceu foi que um pobre agricultor encontrou o alforge perdido e reclamou a recompensa, que lhe foi negada, dizendo o velho avaro que tinha perdido oitocentos mil reis e como aquela bolsa só continha setecentos, o bom homem já teria retirado a quantia da recompensa, por isso nada lhe daria. Mentiroso e rezingão, o velho acaba por ser vencido, usando o juiz a sua própria ronha. Assim, dita em sentença que se a bolsa achada não tem o valor da bolsa perdida é porque não é a mesma e entrega-a ao agricultor honesto.

É mais uma vez evidenciado o triunfo do bem sobre o mal e da inteligência sobre a desonestidade, passando uma mensagem positiva e construtiva para os mais novos. Os autores do manual terminam com dois aforismos, escolhidos de acordo com o conteúdo da história: “O avarento, por um real perde um cento.” E “O avarento não tem, e o pródigo não terá”<sup>506</sup>.

Este é mais um exemplo de como os textos escolhidos para constar nos livros que se destinavam à leitura das crianças, nos anos

---

<sup>505</sup> Mesmo nesta forma muito abreviada que está presente no manual da 4ª Classe, há o uso de vários recursos estilísticos que contribuem, em boa parte, para a criação deste universo mágico. Dentre eles, os mais expressivos são: a aliteração, que consiste no uso reiterado do termo “toc,toc,toc”, transmitindo a o som e cadência do andar da velha moleira e do seu burro; a comparação expressiva, “E, contudo, alegre como um passarinho, [...] e fresca como o branco linho” e a metáfora, “Nascem as estrelas vivas em cardume.” In «A Moleirinha», *Livro de Leitura para a Quarta Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., pp. 37-38.

<sup>506</sup> In *Livro de Leitura para a Quarta Classe*, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s./d., pp. 39-40.

50 do século XX português, tinham um carácter pedagógico e social, visando recrear e formar o leitor, tornando-o disponível à assimilação não só dos valores estéticos como também dos valores éticos.

### 1.5 - Conclusões

Parece-nos importante fazer algumas reflexões sobre o capítulo em tratamento. Assim, consideramos que o conjunto Professores/Livros Únicos foram formadores activos e elementos chave na instrução/educação do Homem Português, durante o período em estudo.

Os primeiros, os mestres, preparados ideologicamente para uma pretendida acção de reprodução social, contribuíram decisivamente para a afirmação e manutenção de um *statu quo* que interessava ao enquadramento ideológico do Estado Novo.

Quanto aos livros de leitura obrigatória e exclusivos, eram fonte de saber, orientado em defesa dos valores nacionalistas e dos sentimentos de amor exacerbado à Pátria e às estruturas sociais mais tradicionais. Os textos neles presentes evidenciavam o amor à terra, ao ruralismo, às actividades primárias e os grandes valores como a Honra, a Honestidade, o Trabalho, o Amor a Deus e à família e o Respeito e obediência às instituições e governantes.

Em nosso entender, os Livros Únicos são uma unidade onde se integram três tipos de textos: um de carácter eminentemente formador de espírito cristão, outro no sentido de modelar o Homem Português à imagem de heróis e santos, com Bravura, Honradez, Honestidade e Bondade. E, por último, um tipo de textos que fazem a exaltação da terra e de profissões “maravilhosas”, tais como: o Pastor, o Lavrador, o Moleiro, entre outras, que se prendem com a aldeia, as belezas do campo e o encanto do trabalho. Enfim, é o apelo ao amor pela terra.

Colocamo-nos, então, a seguinte questão: Porque surge Junqueiro como um dos poucos vultos literários a integrar esta selecção de textos de carácter tão estrito?

Parece ser que Guerra Junqueiro choca ideologicamente com as regras. Ele é o poeta “indexado”, o vate maldito d’*A Velhice do Padre Eterno*, o Homem Republicano. Aparentemente, ele parece, em tudo, contrário ao regime e, paradoxalmente, Junqueiro, o anticlerical é também exemplo de amor à Pátria, é o homem que clama pelas coisas simples, tradicionais e cheias de encanto rural. Ele é o poeta da saudade, do amor à mãe e às profissões do campo, o contador de fábulas sobre a honradez e a honestidade. Junqueiro é o apologista dos humildes, fiéis, tradicionalistas e trabalhadores.

Junqueiro, enfim, há-de ser tido e conceituado nos anos cinquenta, porque a sua presença nos livros escolares “iluminará” o nacionalista crente e “esconderá” o seu lado contestatário e iconoclasta.

Concluiremos esta breve reflexão, parafraseando as palavras de um dos maiores pedagogos portugueses, que, falando sobre Junqueiro, diz: “O seu génio, aliado a subtil inteligência, à virulenta ironia, era, afinal, de essência religiosa. Não pertenceu a nenhum credo; mas a Pátria, Deus e a Natureza, amou-os e celebrou-os com verdadeiro misticismo. A sua poesia era indignação na prece. Por isso subiu a tam cimeiras atitudes, e deixou rastro intangível na memória dos indivíduos”.<sup>507</sup>

---

<sup>507</sup> PERES, Damião, *História de Portugal, Edição Monumental*, Barcelos, Portucalense Editora Lda., 1935, volume VII, p. 711.

## **Conclusão:**

Iniciámos o nosso trabalho de dissertação, ensaiando tentativas de validação da Literatura como instituição. Só assim conseguimos justificar cabalmente a importância e o peso institucional alcançados pela produção literária do autor que escolhemos como objecto do nosso estudo.

Ao longo dos tempos, este aspecto prático de utilidade pública que confere carácter institucional à Literatura, foi sendo reconhecido e revalorizado. A título de exemplo, no século XIX português, a chamada Geração de Setenta, grupo de intelectuais que reflectiam na literatura a sua ideologia e crenças, assumindo uma atitude de oposição face à ordem sócio-política estabelecida, agitou a sociedade ao fazer a apologia do carácter profilático-pedagógico da literatura, com as célebres Conferências do Casino Lisbonense. A literatura e os intelectuais assumiam e tinham um tal peso institucional que foram consideradas uma ameaça para o poder político e social estabelecido e suspensas antes de as últimas se realizarem.

No panorama cultural português deste século, surgiu Abílio Manuel Guerra Junqueiro, uma figura que se impôs pelas suas posturas incómodas para o poder laico e religioso, despertando consciências e motivando tomadas de posição.

A acção deste intelectual contribui para justificar o carácter institucional da Literatura, pois que a sua prática literária concreta teve, como vimos ao longo do trabalho, uma função de afirmação e consolidação de valores sociais e morais, desde sempre considerados determinantes.

Fizemos uma breve reflexão sobre aqueles que considerámos os mais importantes aspectos bio-bibliográficos de Guerra Junqueiro. Desta revisitação de Junqueiro houve alguns dados que considerámos mais relevantes, como o facto dele ser um homem emotivo e impulsivo, entre a crença e o anti-clericalismo, o amor e o ódio, o

perdão e a condenação, o que transparece claramente na sua obra. Humanista, por excelência, preocupado com a condição humana, nomeadamente no que concerne à sua fase embrionária, a infância, a sua vasta obra literária deixa transparecer a ideia de que o homem não será verdadeiramente livre enquanto estiver sujeito aos condicionalismos que o colocam abaixo da condição humana.

Por temperamento e educação, por solicitação intrínseca, reforçada pelas influências ambientes, Guerra Junqueiro foi boa parte da sua vida um poeta social e político, atento e crítico relativamente aos desenvolvimentos históricos que se desenrolaram no mundo e em Portugal, na época um país estruturalmente atrasado e política, social e economicamente num estado caótico.

Embora, como tenhamos visto, Guerra Junqueiro tenha bebido do contexto histórico e social do seu tempo, ele destacou-se, por ser mentor de uma escrita autónoma. Incapaz de ser estritamente satírico, apenas humanista, somente político ou simplesmente filosófico ou revolucionário, ele conseguiu ser tudo isso e muito mais. Com efeito, a sua escrita fez-se sob o signo do hibridismo e da miscigenação genológica e modal, constituindo a sua criação literária uma unidade perfeita, que evoluiu e progrediu.

Junqueiro conseguiu sempre exteriorizar o seu subjectivismo, daí a sua predilecção pelo modo lírico, ao invés do narrativo ou dramático. No entanto, todas as suas obras líricas têm uma característica que as universaliza: é um lirismo voltado para o mundo exterior, o que o rodeia, nomeadamente, para a situação dos mais desprotegidos e esquecidos pelo poder: os pobres e as crianças. Homem e obra constituem um todo harmonioso, onde nacionalismo e universalismo se reflectem, de forma complexa, e em que passado, presente e futuro se encontram.

Junqueiro foi romântico, realista, simbolista e saudosista, manifestando na sua obra literária o romantismo e cientismo que caracterizaram a época em que viveu. O seu eclectismo cultural e

ideológico foi responsável por que a sua escrita se estendesse a várias tendências, escolas e correntes literárias, não se confinando a nenhuma em particular. Com o poder admirável do seu génio literário elaborou todas as possíveis influências, encarnando o ideal apaixonado de libertação e valorização do indivíduo.

O poeta usou a sua obra literária para reflectir não só sobre os temas e os assuntos que considerava mais importantes e mais prementes da sua época e país, mas também sobre temas e assuntos, de todas as épocas, porque são atemporais e universais. Deste modo, o tema da **Criança** é uma constante em toda a sua produção literária. Preocupado com a sua situação de total abandono, a vários níveis, e consciente da importância da sua formação integral para a construção de um Portugal a par do progresso do resto da Europa, Junqueiro dedicou-lhe a melhor parte da sua obra.

Apresentámos a forma como a obra de Guerra Junqueiro reflectiu sobre a situação infantil no século XIX português, no concernente aos três pilares essenciais da vida: Família, Sociedade e Escola. Além destes, contemplámos outros aspectos que assumem na sua produção literária um valor relevante: as relações da criança com a Natureza, com o Transcendental e com a Literatura.

A obra de Guerra Junqueiro fez parte integrante do cânone literário durante várias décadas, pois, parte dela, foi seleccionada pelo poder instituído para figurar nos manuais escolares, e serviu, longo tempo, para transmitir determinados valores e ajudar a formar consciências.

Com efeito, a formação do cânone decorre da acção articulada de três factores: selectividade, que se encarrega de estabelecer os autores, considerados maioritariamente representativos de uma identidade cultural e literária; continuidade, que se prende com a permanência, ao longo de um tempo histórico alargado de autores e obras que assentam nessa permanência a sua autoridade cultural e formatividade, que se prende directamente com a instituição escolar.

Este último é um critério de ordem pedagógica que leva a considerar como canónicos, as obras e autores que se entende serem representativos de uma certa ordem social e cultural.<sup>508</sup>

Quisemos contemplar no nosso trabalho um espaço de reflexão dedicado ao uso didáctico dos textos do escritor, no período conhecido por Estado Novo, particularmente na década de 1950. Delimitámos este período temporal porque pretendíamos saber o modo como o regime político que vigorava nesta época fez o aproveitamento da obra literária junqueira para transmitir os valores e ideias por ele defendidos. Esta transmissão foi feita de forma subliminar, pois como vimos em momento anterior do nosso estudo, a instituição escolar funciona como um verdadeiro aparelho ideológico, desempenhando um papel dominante. Deste modo, o seu discurso é silencioso, mas eficaz.

Concluimos, após estudo detalhado dos enunciados textuais presentes nos manuais escolares da terceira e quarta classes, que apenas foi seleccionada a produção literária do autor que evidenciava o amor à Terra, ao ruralismo, às actividades primárias, bem como os grandes valores como a Honestidade, o Trabalho, o amor a Deus e à Família, o respeito e obediência às instituições e governantes.

Junqueiro foi tido e conceituado nos anos cinquenta porque a sua presença literária nos livros escolares evidencia a sua faceta de nacionalista crente e "esconde" o seu lado contestatário e iconoclasta.

Com efeito, a instituição escolar, verdadeiro aparelho ideológico, desempenhou e continua a desempenhar o papel de guardião de ideologias e perpetuadora do cânone literário. Programas escolares, organização dos *curricula* e manuais escolares são reveladores de uma consciência cultural e nacional e ao apresentar certas obras como canónicas, em detrimento de outras, apenas são validadas determinadas experiências culturais e literárias.

---

<sup>508</sup> REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª Edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999, pp.72-73.

De há anos a esta parte Guerra Junqueiro tem sido excluído do contexto escolar. Este facto deve-se, em nosso entender, a mudanças no gosto literário, relacionadas com a reavaliação de géneros representados pelas obras canónicas,<sup>509</sup> bem como à entrada no cânone de muitas obras graças a bem sucedidas campanhas publicitárias e de propaganda.<sup>510</sup> O sistema de ensino cumpre, assim, uma função de verdadeira legitimação cultural, pois que converte em cultura legítima, o arbitrário cultural que uma formação social apresenta.

Junqueiro, tal como os demais criadores literários, não foi excepção e, vivendo num tempo e espaço definidos, estabeleceu relações dialógicas com a cultura em que estava integrado. Também este escritor representa uma cosmovisão que, de certa forma, traduz essa relação com um tempo/espaço determinado, no que concerne a determinada postura ideológica, valores defendidos e, até, soluções de expressão literária.

Não podemos concluir sem ressaltar que, embora homem de seu tempo, Guerra Junqueiro foi um espírito de vanguarda no que respeita às suas reflexões pedagógicas, uma faceta sua menos conhecida que tentámos evidenciar na nossa investigação. Por tudo o que foi apresentado, nós, leitores e educadores, temos por obrigação manter viva a sua memória através do uso e divulgação da sua obra literária.

---

<sup>509</sup> Na opinião de Harold Bloom, cada época possui um repertório relativamente reduzido de géneros que lutam uns com os outros pela sobrevivência, afirmando que a selecção de obras literárias que têm um estatuto canónico se prende também com a ideologia dos grupos sociais dominantes, instituições educativas e tradições de crítica. Cf. BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 40.

<sup>510</sup> BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 39.

## **Bibliografia Activa:**

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra e **AZEVEDO**, Guilherme de, *Viagem à roda da parvónia: relatório em 4 actos e 6 quadros*, Porto, Lello e Irmão- Editores, 1980.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *A fome no Ceará*, Lisboa, Editora David Corazzi, 1877.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *A lágrima*, 7ª ed., Porto, Lello & Irmão- Editores, 1923.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *A Morte de D. João*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *A Musa em Férias, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *A Velhice do Padre Eterno, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Antologia para a juventude*, prefácio de Júlio Dantas, Porto, Lello e Irmão- Editores, 1950.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Antologia poética*, anotações e selecção de A. Cândido Franco, Lisboa, Guimarães Editores, 1998.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Aos Veteranos da Liberdade, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Apêndice de Versos Satíricos e Jocosos, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Batismo de Amor, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Discurso republicano*, Rio de Janeiro, Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1897.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Duas Páginas dos Catorze Anos, Obras de Guerra Junqueiro* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Edith Cavell*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1916.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Finis Patriae, Obra Completa* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Horas de combate*, com um prefácio de Mayer Garção, Porto, Lello & Irmão Editores, 1978.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Mysticae nuptiae: poemeto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *O Caminho do Céu, Obras Completas de Guerra Junqueiro* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *O crime, a propósito do assassinato do alferes Brito*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1895.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Oração à Luz, Obras Completas de Guerra Junqueiro* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Oração ao Pão, Obras Completas de Guerra Junqueiro* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d,
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Orações de Ligares*, recolha de Guerra Junqueiro, classificação, organização e introdução de Maria Aliete Dores Galhoz, prefácio pelo Professor Arnaldo Saraiva, Porto, Campo das Letras, 2001.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Os funerais da Santa Sé*, prefácio por Manuel Quintão, Lisboa, Federação Espírita Brasileira, 1934.
- JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Os Simples, Obras Completas de Guerra Junqueiro* (Poesia), Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Pátria, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Poesias Dispersas, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Que é a terra? o verbo cantar: que é a vida?* com um estudo de Júlio Brandão sobre a vida do grande poeta, Lisboa, Livraria Editora, 1900.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Vibrações líricas*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1978.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Vitória da França, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Abílio Manuel Guerra, *Vozes sem Eco, Obras Completas de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão-Editores, s./d.

**JUNQUEIRO**, Guerra, *Vitória da França*, Porto, Livraria Chardron, 1870.

## **Bibliografia Passiva:**

### **Estudos sobre o autor:**

**AGOSTINHO**, José, *Guerra Junqueiro*, Porto, Livraria Portuguesa de Lopes & Ca., 1914.

**AMMARILIO**, André J. Pereira, *Oração ao vinho: paródia da oração à luz de Guerra Junqueiro*, 1904.

**AZEVEDO**, António Manuel Caldeira, *Guerra Junqueiro: modernidade e palinódia*, Porto, Lello-Editores, 2001.

**AZEVEDO**, Manuela de, *Guerra Junqueiro, a obra e o homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 1980.

**BARROS**, José Carlos e **SILVA**, Filipe Miguel C. Costa e, *Teoria do esquecimento. Poemas: prémio nacional de poesia Guerra Junqueiro 1991: prémio nacional de poesia Guerra Junqueiro 1993*, Freixo de Espada à Cinta, Câmara Municipal, 1995.

**BASTO**, A. de Magalhães, *Homens e casos de uma geração notável: D. António Alves Martins, Augusto Soromenho, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Vieira de Castro, Alexandre da Conceição, Júlio Diniz, Teófilo Braga, Germano Vieira de Meireles, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, D. Pedro V, etc.*, Porto, Editora Progredior, 1938.

**BORREGANA**, António Afonso - *Cesário Verde, António Nobre, Guerra Junqueiro, Camilo Pessanha, Teixeira de Pascoaes: texto em análise*, 4ª ed., Lisboa, Texto Editora, 2000.

**BOTELHO**, Artur, *Guerra Junqueiro falso poeta: análise à velhice*, Porto, Edição António Marques, 1923.

**BRANDÃO**, Estela, *Pensamentos de Guerra Junqueiro*, Porto, Editor Domingos Barreira, 1951.

- BRANDÃO**, Raúl, «Guerra Junqueiro- Poeta e Panfletário», in *Vamos Lêr*, n.º 22, Rio de Janeiro, 1937.
- CABRAL**, António, *O talento e os desvarios de Guerra Junqueiro: desequilíbrios de um grande poeta: notas e informações inéditas*, Lisboa, Livraria Portugália, 1942.
- CAMPOS**, Agostinho de, «Junqueiro, Prosa e Poesia», in *Revista Prometeu*, N.º 5-6, Porto, 1949-50, p. XXIX.
- CAMPOS**, Agostinho de, «Junqueiro, Vida e Obra», in *Prometeu - Revista de Cultura*, n.ºs 5-6, Porto, 1949-50.
- CAMPOS**, Agostinho de, *Junqueiro, Verso e Prosa*, 2ª edição, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921.
- CARVALHO**, Amorim de, «Guerra Junqueiro perante o Modernismo», in *Prometeu - Revista de Cultura*, n.ºs 5-6, Porto, 1949-50.
- CARVALHO**, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Análise Crítica, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.
- CARVALHO**, Carlota Almeida de, *Guerra Junqueiro: evolução do seu pensamento*, Lisboa, Tipografia União Gráfica, 1952.
- CLARO**, Nunes, *Oração da fome: a Guerra Junqueiro*, Lisboa, Editor Gomes de Carvalho, 1902.
- COELHO**, Trindade, *Gente do século XIX: Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Abel Botelho...*, organização, prefácio e notas de Viale Moutinho, Lisboa, Editora Ulmeiro, 1987.
- COIMBRA**, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, Edição de A Renascença Portuguesa, 1923.
- Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade*, [actas], organização do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, coordenação de Paulo Samuel, Porto, Lello Editores, 1998.
- DANTAS**, Júlio, *Guerra Junqueiro*, Discurso inaugural das comemorações centenárias, Porto, Lello & Irmão- Editores, 1950.
- DIAS**, Augusto, *Quinta da Batoca: Guerra Junqueiro e João de Araújo*

- Correia*, Porto, Editora Beira e Douro, 1976.
- FONSECA**, Tomás da, *Guerra Junqueiro sua vida, obra e momentos finais: depoimento de uma testemunha*, São Paulo, Editôra Liberdade e Cultura, 1956.
- FONSECA**, Tomás da, *Guerra Junqueiro: como ele escrevia: considerações sobre o manuscrito de Os Simples*, Coimbra, Coimbra Editora, 1924.
- FRANCO**, António Cândido, *A epopeia pós-camoniã de Guerra Junqueiro*, Lisboa, Gazeta do Mundo de Língua Portuguesa (Poiesis), 1996.
- Guerra Junqueiro: obra ilustrada*, Organização da Casa Museu Guerra Junqueiro, coordenação de Maria João Vasconcelos, Porto: Câmara Municipal, 2000.
- GUIMARÃES**, Luís de Oliveira, *Evocação de Maria Isabel Guerra Junqueiro*, Porto, Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho, 1976.
- GUIMARÃES**, Luís de Oliveira, *Junqueiro e o Bric-à-Brac*, Editora Bertrand Lisboa, 1942.
- GUIMARÃES**, Luís de Oliveira, *O espírito e a graça de Guerra Junqueiro*, Lisboa, Editora Romano Torres, 1968.
- HORTAS**, José António Florido, *Génese do sebastianismo: na obra de Guerra Junqueiro, de Teixeira de Pascoaes e de Fernando Pessoa*, Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- LEÃO**, A. Carneiro, «Guerra Junqueiro, o Cantor de uma Época», in *Prometeu - Revista Ilustrada de Cultura*, n<sup>os</sup> 5-6, 1949-1950.
- LOPES**, Norberto, *A posição espiritual de Guerra Junqueiro*, Braga, Tipografia Barbosa Xavier, 1980.
- MARINHO**, José e **OSÓRIO**, João de Castro, *Poesia e verdade em Guerra Junqueiro. A verdadeira grandeza do poeta Guerra Junqueiro*, Lisboa, Editora Bertrand, 1950.
- MARTINS**, F. A. de Oliveira, *Nótulas à margem de duas biografias: Oliveira*

*Martins e Guerra Junqueiro* / por F. A. de Oliveira Martins, Separata da Revista *Ocidente*, 65, 1963.

**MOREIRA**, Carlos - *A personalidade e a obra de Guerra Junqueiro*, Separata da revista *Gil Vicente*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1951.

**NEVES**, Moreira das, *Guerra Junqueiro: o homem e a morte*, Porto, Editor Domingos Barreira, 1942

*Novas cartas ineditas de Eça de Queiroz, Camillo, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Theophilo Braga, João de Deus, Castilho, Fialho, António Feijó e Candido de Figueiredo a Ramalho Ortigão*, Rio de Janeiro, Editora Alba, 1940.

**OLIVEIRA**, Lopes de, *Guerra Junqueiro, a sua vida e a sua obra*, Lisboa Editora Excelsior, 1982.

**OLIVEIRA**, Lopes de, *Memórias: Guerra Junqueiro*, Lisboa, Editora Cosmos, 1938.

**PASCOAIS**, Teixeira de, *Drama junqueiriano: conferencia proferida na casa Guerra Junqueiro em 30 de Agosto de 1950*, Porto, Tipografia Sequeira, Edição da Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Amarante.

**PAULO**, Isabel Maria Gonçalves, *Guerra Junqueiro[Texto policopiado]: o épico*, Tese de mestrado em Literaturas Comparadas Port. e Franc. dos séc. XIX e XX, Univ. Nova Lisboa, 1994.

**PEREIRA**, Maria Helena da Rocha, *As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro: conferência*, Porto, Editora Portugália, 1950.

**RIBEIRO**, Reinaldo das Neves, *Guerra Junqueiro caluniado?* Porto, Tipografia Abreu, 1923.

**SAMPAIO**, Albino Maria Pereira Forjaz de, *Guerra Junqueiro: a sua vida e a sua obra*, Lisboa, Diário de Notícias, 1924.

**TIAGO**, Arnaldo S., *Guerra Junqueiro, poeta filósofo*, Separata da revista *Estudos Psíquicos*, Lisboa, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1975.

**TORRES**, Rui de Abreu, *Historiadores e eruditos, Gama Barros, Braamcamp Freire e Carolina Michaëlis, a poesia Parnasiana, a sátira em Guerra Junqueiro e Gomes Leal, Teixeira de Queirós e Trindade Coelho, o exotismo de Wenceslau de Moraes, a filosofia de Sampaio Bruno*, Sep. da revista *Estudos Psíquicos*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1975.

## **Estudos sobre Teoria Literária:**

**BAKHTINE**, Mikail, *Estética e Romanço*, 2ª ed., Torino, Einaudi, s/d.

**BERRIO**, Antonio García, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Ediciones Catedra S.A., 1989.

**BLOOM**, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

**BONATI**, Fernando Martinez, «Mensajes y Literatura», in GALLARDO, Garrido, *Teoria Semiótica, Lenguajes y Textos Hispánicos*, Madrid, C.S.I.C., 1984.

**BOOTH**, Wayne, *The Rethoric of Fiction*, London, Penguin Books, 1989.

**COELHO**, Jacinto do Prado, «Conceito e Fronteiras do Literário», *Colóquio Letras*, nº 80.

**ELLIOT**, T.S, *On Poetry and Poets*, London, Boston, Faber, 1979.

**GREIMAS**, Jean et ali., « Pour une Théorie du Discours Poétique » , in *Essais de Semiotique Poétique*, Paris, Editions du Seuil, 1972.

**INGARDEN**, Roman, *A Obra de Arte Literária*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.  
Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.

**JAKOBSON**, Roman, *Quéstions de Poétique*, Paris, Édition du Seuil, 1973.

**JENNY**, Laurent, «O Poético e o Narrativo», in *Poétique*, nº 28, Revista de Teoria e Análise Literária, (Tradução de Leocádia Reis e Carlos Reis), 1982.

**KRISTEVA**, Júlia, *Cahiers de Recherches*, 13, Paris, Éditions du Seuil, 1984.

**KRISTEVA**, Júlia, *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1969.

**LAUTER**, Paul, *Canons and Contexts*, New York, Oxford University Press, 1991.

**REIS**, Carlos, «Tema e Leitura Crítica», in *Construção da Leitura*, Coimbra,

**RICOEUR**, Paul, *Temps et Récit*, II, Paris, Éditions du Seuil, 1984.

**SALINARI**, Carlo, «A Arte como Reflexo e Problema do Realismo», *in*  
Vértice, XLI, 440-441,1981.

**SARTRE**, Jean Paul, *Qu'est-ce que la littérature ?* Paris, P.U.F.,1980.

**TODOROV**, Tzevetan e **BAKHTINE**, Mikhail, *Le Principe Dialogique suivi*  
*d'Écrits du Cercle de Bakhtine*, Paris, Éditions Seuil, 1980.

## **Estudos sobre Cultura e Civilização:**

**ALTHUSSER**, Louis, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Portugal, Editorial Presença, s/d.

**ARIÈS**, Philippe e **DUBY**, Georges, *História da Vida Privada, Da Revolução à Grande Guerra*, Paris, Edições Afrontamento, 1990, vol. IV.

**BOULIEU**, Pierre, *A Economia das Trocas Simbólicas*, S. Paulo, Perspectiva, 1982.

**FOX**, E. Inman, *Ideologia y Política en las Letras de Fin de Siglo*, Madrid, Espasa - Calpe, S.A., 1988.

**PERES**, Damião, *in* História de Portugal, Edição Monumental, Barcelos Portucalense Editora Lda., volume VII, 1975.

**ROCHER**, Guy, *Introduction à la Sociologie Générale. L'action Sociale*, Paris, Éditions Minuit, 1868.

**SCHOPENHAUER**, Arthur, *Le Monde comme Volonté et Réprésentation*, Paris, P.U.F., 1984.

### **Obras de Referência:**

**COELHO**, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1987.

**MACHADO**, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

**PLATÃO**, *A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

**RÉGIO**, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Editorial Inquérito, s./d.

**REIS**, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, 2ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1999.

**SILVA**, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra, Editora Almedina, 1991.

**Outros:**

**ARISTÓTELES**, *A Poética*, tradução do grego de Francisco P. Samaranch, Madrid, Auilar Edições, 1982.

**CLEVERDON**, Douglas, *English Children's Books. The Catalogue of an Exhibition for The British Council*, British Council, Lisboa, 1979.

**FERNANDES**, Rogério, *Situação da Educação em Portugal*, Lisboa, Moraes Editores, 1963.

**FERREIRA**, Henrique da Costa, *A Administração da Educação Primária entre 1926 e 1986: Que Participação dos Professores?* Dissertação para a obtenção do grau de Mestre, Braga, Universidade do Minho, 1992.

**GRÁCIO**, Rui, *Educação e Educadores*, 3ª Edição, Lisboa, Biblioteca do Educador Profissional, Livros Horizonte, 1980.

**LIMA**, Luiz Costa, *O Controle do Imaginário*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária Lda, s/d.

*Livro de Leitura para a Quarta Classe*, Série Escolar Educação, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s/d.

*Livro de Leitura para a Terceira Classe*, Série Escolar Educação, Porto, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, s/d.

**MONTEIRO**, Agostinho dos Reis, *Educação, Acto Político*, Edições O Professor, 1975.

**QUEIRÓS**, Eça de, *Cartas de Inglaterra*, Edições Livros do Brasil, Lisboa, s/d.

**RIBEIRO**, António Carrilho, *Desenvolvimento Curricular*, 8ª edição, Lisboa, Coleção Educação Hoje, Texto Editora, 1999.

**SAMPAIO**, José Salvado, *Portugal, A Educação em números*, Biblioteca do Educador Profissional, Livros Horizonte, 1980.

**SILVA**, Manuela e TAMEN, M. Isabel, *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

**TRALDI**, Lady Lina, *Currículo*, 3ª Edição, São Paulo, ED. Atlas S.<sup>a</sup>, 1987.